

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 21 de Setembro de 1995 • Preço: 150\$00 (IVA Incluído) • N.º 1138 • Director: Carlos Brito

Campanha arrancou no Porto



Centrais

Mundo do trabalho apoia a CDU

Reportagem da Campanha

Págs. 9 a 11

DESEMPREGO

A «obras» do PSD no distrito de Lisboa

Págs. 20, 21

A economia e os seus números

• Sérgio Ribeiro

Págs. 22, 23

Maioria absoluta – democracia relativa

• Pedro Ramos de Almeida

Pág. 24

Conferência de Pequim

Pág. 25

COMÍCIO FESTA
23 SETEMBRO (SÁBADO) - 16 HORAS



TODOS AO COMÍCIO EM LISBOA

Carlos Carvalhas
Álvaro Cunhal
Octávio Teixeira



Adesão popular às propostas da CDU

RESUMO

13
Quarta-feira

Manifestação e carta de protesto é a resposta da CDU à SIC por esta ter excluído a Coligação do debate de líderes partidários, que apenas envolveu Guterres e Nogueira ■ Os portageiros da Ponte 25 de Abril entram em greve ■ A Fenprof, em conferência de imprensa, anuncia que os professores do ensino básico e secundário prevêem "um quadro negro" para o início das aulas ■ Tem lugar o I Encontro de Desempregados do distrito de Lisboa, uma iniciativa da União de Sindicatos de Lisboa e da CGTP-IN ■ Uma equipa de médicos suecos revela vacina que imuniza macacos contra o vírus da sida ■ A embaixada dos Estados Unidos em Moscovo é alvo de atentado com uma "granada-foguete".

14
Quinta-feira

Carlos Carvalhas participa num comício-festa em Viana do Castelo ■ A CAP apresenta um pacote de reivindicações que irá entregar ao próximo governo para os sectores agrícola e florestal ■ Segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas a inflação voltou a subir, o que representa um agravamento de preços para o consumidor ■ O espectáculo "Todos pelo Coliseu" rendeu cerca de 8400 contos ■ A polícia do Sudão reprime violentamente uma manifestação de estudantes na Universidade de Cartum, provocando a morte de um professor e ferindo dois estudantes ■ Soldados israelitas reprimem manifestação palestina com gases lacrimogéneos ■ Um investigador belga afirma que é impossível datar as figuras de Foz Côa mas apela ao Governo português para proteger as gravuras.

15
Sexta-feira

A CDU realiza um comício-festa em Braga com a participação do Secretário-Geral do PCP ■ Álvaro Cunhal visita o distrito de Setúbal ■ Greve de funcionários judiciais pela melhoria dos serviços e reforma do sistema judicial ■ Greve na Ponte 25 de Abril continua; o Sindicato da Função Pública revela que a ausência de portagem significa um prejuízo diário de 13 mil contos ■ Tem lugar na Holanda um encontro europeu sobre o trabalho infantil ■ A publicação das listas de acesso ao ensino superior é adiada pela Ministra da Educação ■ Os sérvios bósnios aceitam as exigências da NATO e começam a retirar armamento de Sarajevo ■ Estudos de opinião na Suécia revelam que dois em cada três suecos lamentam a adesão à União Europeia.

16
Sábado

Festival Juventude CDU no Barreiro onde participa Carlos Carvalhas, que mais tarde intervém num comício em Setúbal ■ Álvaro

Cunhal, acompanhado pela cabeça de lista da CDU por Santarém, Luísa Mesquita, participa em várias iniciativas eleitorais naquele distrito ■ Inauguração da ponte do Freixo, no Porto, e do troço final da auto-estrada Porto-Amarante ■ João Paulo II visita pela primeira vez África do Sul, sete anos após ter excluído este país de uma digressão que efectuou a África em protesto contra o "apartheid".

17
Domingo

Tem início o período de campanha eleitoral ■ Realiza-se o comício de abertura da campanha eleitoral da CDU, no Palácio de Cristal, no Porto com a participação de Carlos Carvalhas ■ Álvaro Cunhal participa numa sessão em Benfica e segue para um comício-festa em Sacavém ■ UGT declara que admite abandonar a Formação Profissional ■ Os prejuízos da CP agravam-se em 6,6 milhões por semestre ■ Realizam-se eleições europeias na Suécia ■ O chefe militar das forças sérvias da Bósnia é internado no hospital, em Belgrado, para ser submetido a uma operação cirúrgica.

18
Segunda-feira

Carlos Carvalhas é impedido pela ministra da Educação de visitar a escola secundária Jaime Cortesão, onde se pretendia encontrar com a Associação Juvenil e o Conselho Directivo ■ Comício-festa da CDU em Coimbra com a participação da cabeça-de-lista, Avelãs Nunes, e de Carlos Carvalhas ■ Abertura do ano lectivo, que decorre até ao dia 25 do corrente mês ■ O Presidente da CM de Famalicão escreve uma carta ao ministro da Justiça lamentando os prejuízos provocados à população pelo atraso na renovação do Tribunal e denunciando que as obras ainda não começaram, apesar de o ministro, num artigo, já as ter dado como concluídas ■ O julgamento de Leonor Beza é adiado pela falta da mãe da ex-ministra, também arguida ■ Sondagem feita em Espanha revela que a maioria dos espanhóis querem eleições gerais antecipadas.

19
Terça-feira

Freitas do Amaral é eleito Presidente da Assembleia Geral da ONU ■ Dados do Instituto do Emprego e Formação Profissional revelam que o desemprego aumentou 9,6 por cento em relação a Agosto de 1994 ■ Inauguração apressada da Ponte do Freixo provoca problemas nos acessos e põe em causa segurança de pedões ■ A Inspeção-Geral de Jogos põe em causa legalidade da "raspadinha", que considera como um jogo "em tudo idêntico" aos dos casinos ■ O Parlamento Europeu recomeça as suas actividades, em Estrasburgo, criticando duramente os ensaios nucleares franceses ■ Pirata do ar iraniano desvia avião para Israel e pede asilo político às autoridades israelitas.

EDITORIAL

A recta final

campanha eleitoral entra na sua última semana.

É como se estivéssemos na recta final, já com a meta à vista, mas com a exigência de um esforço redobrado para confirmar e melhorar a excelente posição já alcançada.

Os testemunhos são unânimes, mesmo os dos adversários, sobre o grande êxito da campanha da CDU.

Nas acções em que participou Carlos Carvalhas, como na Marinha Grande, Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Setúbal, Porto, Santa Maria da Feira, Coimbra, Torres Vedras, Évora; nas acções em que participou Álvaro Cunhal, como em Alcochete, Samouco, Seixal, S. Facundo, Carregueira, Azinhaga, Torres Novas, Benfica, Sacavém; nas inúmeras acções dos candidatos e outros activistas realizadas por todos os cantos do país - é o mesmo «sinal mais», que marca a campanha da CDU.

Mais gente, mais convicção, mais determinação, mais alegria, mais confiança no resultado final - assim vai a campanha da CDU-1995, o que significa o caminhar seguro para os grandes objectivos eleitorais da coligação, onde se destaca o reforço da sua votação e o aumento do número dos seus eleitos.

Faltam agora poucos dias, mas dias extremamente exigentes, reservados como estão para algumas das maiores realizações da campanha em todos os círculos, com saliência para o comício-festa do Campo Pequeno, as acções de encerramento, a intensificação do porta-a-porta e outros contactos directos com os eleitores, tão decisivos para demover os indecisos.

Foi a justeza das posições e das propostas do PCP e da CDU que levantou à sua volta esta tão grande corrente de simpatia dos que se afirmam convencidos que Portugal não está condenado à política de direita, seja continuada pelo PSD ou prosseguida pelo PS, que pode e deve ter uma nova política e que é de uma política de esquerda que Portugal precisa.

Somos hoje muitos mais do que há meses atrás a partilhar deste convencimento, devemos ser muitos mais também a participar no trabalho de esclarecimento para que muitos mais se juntem a nós até ao dia 1 de Outubro, na campanha e no acto de votar.

Entretanto, o desenvolvimento da campanha das outras candidaturas comporta acrescidas razões para a opção pela CDU.

O PSD agarra-se ao poder com unhas e dentes, insiste no conhecido expediente de intimidação do eleitorado - o «nós ou o caos» - usa e abusa do aparelho e do dinheiros do Estado em proveito próprio, faz um espectacular programa de inaugurações com meros objectivos eleitoralistas, viola o princípio da igualdade

de tratamento das candidaturas na comunicação social e na administração (como se viu agora com a abertura do ano escolar), procede com o desespero de quem reconhece o descrédito e presente a derrota.

Por cima de tudo isto, o PSD propõe-se seguir exactamente a mesma política cavaquista responsável, nomeadamente, pelo desemprego, o congelamento dos salários, as pensões e reformas de miséria, o agravamento das condições sociais do nosso povo, a degradação do ensino e da saúde, a destruição do aparelho produtivo do país, com a ruína da agricultura, o afundamento das pescas, a regressão da indústria e a crise do comércio.

O PS, que nos alvares da pré-campanha prometia mundos e fundos, acabou por mostrar, quando precisou as suas propostas e os seu programa, que a política que defende para o país é essencialmente coincidente com a que tem sido seguida pelo PSD em áreas fundamentais, como em relação a Maastricht, à moeda única, à con-

Mais gente, mais convicção, mais determinação, mais alegria, mais confiança no resultado final - assim vai a campanha da CDU-1995, o que significa o caminhar seguro para os grandes objectivos eleitorais da coligação, onde se destaca o reforço da sua votação e o aumento do número dos seus eleitos.

vergência nominal, à redução do défice, às privatizações, em todas as orientações fundamentais da política económica e em aspectos marcantes da política social, especialmente em relação aos salários, ao emprego e à saúde.

A coincidência nestas áreas, que é aliás reconhecida em muitas declarações de dirigentes socialistas, não deixaria, naturalmente, de influenciar toda a política do PS, com as correspondentes consequências, se fosse governo sozinho, como deseja.

Além disso, o PS e seu líder António Guterres co-responsabilizaram-se na violação do princípio da igualdade de tratamento das candidaturas ao aceitarem os debates a dois na televisão, distinguem-se como os principais fautores da bipolarização e da discriminação das demais candidaturas, dão provas de um furioso facciosismo (que visa especialmente o PCP) nos órgãos de comunicação que influenciam, suscitam com estas práticas a maior inquietação sobre o que seria o seu comportamento se, por

absurdo, alcançassem a maioria absoluta que ambicionam.

O PP-CDS é, particularmente pelo discurso de Manuel Monteiro, a impostura e a hipocrisia feitas partido.

Apresentando-se como campeão da luta contra Maastricht esconde ao país recentes votos do seu partido, na Assembleia da República, a favor da continuação de Maastricht. Apresentando-se como grande defensor de agricultores e pescadores esconde ao país recentes votos do seu partido, no Parlamento Europeu (com a presença de Monteiro), a favor de relatórios lesivos da agricultura e das pescas nacionais. Apresentando-se como defensor dos pobres e até dos trabalhadores esconde ao país que defende, no projecto de revisão da Constituição, entre outras medidas gravemente antipopulares, a facilitação dos despedimentos sem justa causa, a dificultação do exercício do direito à greve, a legalização do «lockout», a eliminação do serviço nacional de saúde, a aceleração das privatizações e de outras orientações que dinamizam a concentração do capital e da riqueza.

Esta escandalosa contradição entre o discurso de Monteiro e a sua prática, que vale também para as campanhas contra os privilégios dos políticos, deve alertar seriamente para os perigos de um projecto que se parece com o da Frente Nacional de Le Pen, protagonizado por um político que gosta de ser parecido com Salazar.

Presente quadro de posições confere um especial realce às propostas do PCP e da CDU com vista: a promover o desenvolvimento da economia, a travar os processos destrutivos e a promover o emprego; a melhorar as condições sociais e o ambiente, como objectivos e factores de desenvolvimento; a promover a educação, a ciência e a cultura; a assegurar a liberdade, concretizar uma reforma democrática do Estado e aprofundar a democracia; a lutar por um Portugal de progresso e justiça, aberto ao Mundo, e por um novo rumo na integração europeia.

O programa da política de esquerda para Portugal, consubstanciado nos objectivos acima referidos, constitui uma resposta coerente e consistente à encruzilhada em que o país se encontra e atira por terra os slogans do PSD e até do PS de que não há alternativa para a política de direita que tem sido seguida.

Este programa representa uma inconteste vantagem da CDU

Mas atenção, diferentes «esquerdismos», que só aparecem nestes momentos eleitorais já se apressam para parasitar o sucesso das propostas de esquerda e, calunhando o PCP como é seu hábito, apropriam-se pelo engano de votos que não teriam qualquer utilidade.

Não deve haver dúvidas, o único voto útil para travar a política de direita e abrir caminho para uma nova política no nosso país é o voto na CDU.

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socorro Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socorro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7.º-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$000. CRC matricula: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.º-A,
— 1100 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapadé Nova
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lz. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.º-A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7.º-A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Imprensa
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Vanda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	50 números: 6 750\$00; 25 números: 3 487\$50
ESPAÑA	50 números: 13 300\$00
EUROPA	50 números: 24 750\$00
GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU	50 números: 26 650\$00
EXTRA-EUROPA	50 números: 39 950\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____ Telef. _____
Morada _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

A cavacocracia e não só

No dia da abertura do ano escolar, Cavaco Silva e Manuela Ferreira Leite capricharam em mostrar ao país o que é o abuso do poder, o uso do Estado em proveito próprio, a facciosa exclusão dos adversários, numa palavra, a cavacocracia.

Era praticamente impossível encontrar imagens mais reveladoras:

- De um lado, em Sintra, a candidata a deputada do PSD por Évora e ainda ministra da Educação com o ainda primeiro-ministro, mas cada vez mais candidato presidencial do PSD, a prevalecerem-se dos seus cargos governativos para obterem descarada promoção eleitoral, compreendendo sessão de autógrafos e outras exhibições para os alunos e para as câmaras, incluindo com o slogan eleitoral «a reforma não pode parar»;

- Do outro, as imagens de Carlos Carvalhas, em Coimbra, e de António Guterres, em Belas, a ouvirem a leitura do despacho da responsabilidade, precisamente, daquela candidata ministra que os proibia de visitar as escolas que tinham escolhido para assinalarem a abertura do ano escolar.

Isto é, a ministra, com a cobertura clara do primeiro-ministro, permite-se proibir aos

adversários políticos aquilo que acha que pode fazer com proveito para si e para o seu partido.

Tal é a compreensão cavaquista do princípio democrático da igualdade de tratamento!

O argumento da «serenidade» usado para justificar a proibição põe em evidência uma outra arreigada concepção do estado-maior do PSD, que é a de que as oposições são sempre «desestabilizadoras», «perturbadoras», «destrutivas»; «só o governo é sereno».

Isto abriga no fundo, é claro, a ideia de que embora tenham que se suportar, as oposições não são um bem para o país.

É toda a difícil convivência do cavaquismo com a democracia!

Tudo indica que oito anos seguidos de maioria absoluta não contribuíram para melhorar esta relação conflituosa. Muito pelo contrário, acirraram as tendências para o poder absoluto e acentuaram uma filosofia reaccionária e autoritária do Estado.

As orientações sustentadas por Fernando Nogueira, por exemplo, em relação à regionalização, e a sua defesa do secretismo da acção governativa como alta prova do sentido de Estado, mostram o grande perigo do cavaquis-

mo e da cavacocracia continuarem mesmo sem Cavaco.

Acontece, no entanto, que o abuso do poder se prevalece da impunidade. Ora, nas presentes circunstâncias, o povo vai julgar e pode e deve punir.

O comportamento ilegítimo, abusivo e anti-democrático de Cavaco Silva e Manuela Ferreira Leite, na abertura das aulas, não pode deixar de ser penalizado.

Para além da gravidade política é moralmente obscuro como o «manifesto» de Carlos Candal ou as declarações do Jardim sobre a agressão a um candidato da oposição, na Madeira.

Grandes lições foram as dadas pelas duas professoras que falaram em nome dos respectivos conselhos directivos. Fizeram a prova de que, em compreensão da democracia, a escola está muito mais à frente do que os governantes.

Quanto a Guterres, fica-nos a dúvida de que tivesse protestado, se não tivesse sido pessoalmente atingido pela proibição. É que, depois de aceitar o debate a dois na televisão, ele próprio se tornou co-responsável pela violação do princípio da igualdade.

■ Carlos Brito

«Como em 1976 e em 1983»

Na revista do último «Expresso», António Pinto Leite resolveu criar uma alegoria em torno da moeda única chamando-lhe «o almoço de 1999» para o qual «a Alemanha, a França, a Áustria, a Espanha e outros países ricos» tiveram «a amabilidade de nos telefonar a convidar».

APL esclareceu-nos ainda que «o verdadeiro problema de Portugal é querer ser rico, é querer fazer a vida dos países ricos» e informou-nos que «os grandes partidos defendem que é imperioso comparecer ao almoço e que é possível chegar a tempo e em condições de pagar a conta».

Por hoje, nem vale a pena sublinhar que a identificação implícita do «almoço de 1999» com a entrada no «clube dos ricos» é um puro sofisma, uma vez que este pessoal político do PSD (e outro) nunca há-de reconhecer que a convergência nominal tem sido perfeitamente inimiga da convergência real e nunca desistirá de usar a recorrente mistificação do «pelotão da frente» que, nas suas bocas, ora é tão-só respeitante ao cumprimento dos critérios de Maastricht e ao acesso à moeda única, ora se refere ao alcançar o nível dos países mais desenvolvidos da União Europeia (neste caso, um objectivo que, a mantiverem-se os actuais ritmos relativos de crescimento, é só tarefa para uns 60 anos!).

O que importa salientar é que António Pinto Leite vem lembrar que «o cumprimento das regras que aceitámos não dão margem de manobra à economia portuguesa», que «quem quer ter hábitos de rico, tem, primeiro, de fazer sacrifícios», e que «este aperto vai criar tensões na sociedade, greves, agitações, contestações e por aí fora».

A esta conversa de APL sobre «sacrifícios» juntou-se agora aquele momento do debate Almeida Santos-Durão Barroso em que, depois de

ambos terem proclamado o empenho dos seus partidos na concretização da brutal redução do défice até 1999, o primeiro previu um tempo de «dificuldades» e o segundo disse que a única solução é «repartir o mal pelas aldeias». Junte-se também o título da entrevista de Pina Moura à «Valor» de 30/8 - «Os próximos dois anos vão ser difíceis». E juntem-se, finalmente, as palavras do dirigente e deputado do PS, Eurico de Figueiredo, também no último «Expresso», afirmando que estamos «no início de uma crise» e que só o PS a pode enfrentar «como já sucedeu em 1976 e em 1983», o que só pode ser entendido como uma elucidativa exemplificação da política e das soluções políticas perfilhadas pelo PS.

Como é evidente, estas palavras e ideias do PSD e do PS sobre «crise», «aperto», «dificuldades», «repartir o mal pelas aldeias» e «sacrifícios» não tem nem honras de tempo de antena ou de discursos nas tribunas dos comícios de campanha.

Mas são, para quem quiser ver com olhos de ver e para quem puder afastar o nevoeiro circundante, o sangue e carne da política comum ao PSD e ao PS e o alfa e o ómega da continuidade da política de direita.

Protegerá melhor a sua vida e cuidará melhor dos seus interesses, direitos e aspirações quem for capaz de, em 1 de Outubro, votar já contra isto e votar já por outro rumo pela esquerda, em vez de se queixar depois.

Ou seja, votar CDU, além de muitíssimas outras razões, porque, por muito que os Fernandes Rosas desta terra façam de conta que não ouvem, se nesta campanha há certeza firme e inabalável é a de que o PCP nunca será força de apoio a qualquer fórmula de continuação da política de direita.

■ Vítor Dias

Amor de perdição

Não há lugar no país - estrada florestal, caminho velho, rua empedrada, casa de habitação, vão de escada ou patamar - onde a notícia não tenha chegado: o engenheiro Guterres está apaixonado. Debalde se procurará, porém, a pureza do fogo que arde sem se ver, a ferida que dói e não se sente e muito menos o indizível contentamento descontente que o Poeta cantava.

E ainda a noite não se faz dia nas ondas da rádio, multiplicada à velocidade das rotativas, presente no ecrã de todos os canais, a declaração de Guterres repete à exaustão, diariamente, a paixão que o domina.

Paixão pela educação assim, na rua, não se via desde Roberto

Carneiro. Altura em que o arquitecto da reforma educativa cavaquista proclamava a necessidade de «dosear o imperativo da quantidade com a paixão da qualidade» e de «apostar no alargamento do acesso sem descuidar a necessidade da excelência».

Com resultados finais que o país e, muito em particular, os professores e os estudantes conhecem agora...

De modo que quando António Guterres aparece a elogiar publicamente a política educativa do antigo ministro da educação de Cavaco Silva o caso merece ser seguido com atenção.

E mais inquietante se torna a perspectiva quando, afastadas as folhagens demagógicas do pro-

grama eleitoral do PS, se observa em importantes aspectos a continuidade de uma política privatizadora cujo fracasso está à vista.

Observemos dois pontos.

Numa área tão sensível e decisiva como é o da educação pré-escolar e em que o atraso do país é particularmente grave, não é sintomático que o PS proponha um «plano concertado de alargamento da rede nacional», destaque o papel das autarquias e de «iniciativas particulares e cooperativas ao nível local», mas permaneça silencioso como um túmulo em relação à questão essencial, que é o problema da concretização do sistema público de educação pré-escolar tal como está constitucionalmente previsto?

Não é também revelador o

facto de que o PS, ao propor o «alargamento da capacidade de acolhimento do ensino superior visando a eliminação progressiva do *numerus clausus*», para além da indeterminação do prazo, não esteja de facto a assumir a eliminação do *numerus clausus*, das restrições quantitativas, no acesso ao ensino superior público, que é a única causa que faz actualmente sentido, para além de corresponder ao cumprimento dos princípios e objectivos da política educativa democrática consagrados na Constituição e na Lei de Bases do Sistema Educativo?

Será assim paixão pela educação ou amor de perdição?

■ Edgar Correia

O coração podre da EUROPA

Será que a UEM causará uma guerra europeia? (título o *Economist* de 9-15 Setembro). Na origem de tão sensacionalista interrogação está Bernard Connolly, um alto funcionário britânico da Comissão Europeia e o seu livro «O coração podre da Europa». Apontado como um admirador da Sr^a Thatcher, as suas opiniões devem ser consideradas no quadro das dificuldades com que tropeça o actual processo de «construção europeia». Tem, porém, o mérito de pôr em evidência realidades que se pretendem escamotear. Isto acontece quando chama a atenção para as contradições que minam o eixo franco-alemão ao ponto de afirmar que a UEM «poderá acender um conflito aberto entre a França e a Alemanha na tentativa de decidir quem controla os destinos» da comunidade; quando refere casos de «terrorismo intelectual» contra quem questione a moeda única; quando alerta para a «atitude conspiratória» dos dirigentes comunitários em relação à subida do desemprego necessariamente provocado pela integração monetária (*Diário Económico*, de 5 de Setembro).

Ao divulgar tão heterodoxas opiniões, Bernard Connolly pode ter os dias contados como membro da elite eurocrática que no segredo dos deuses procura impor uma «construção europeia» ao serviço do grande capital e das grandes potências. «Envergonho-me pelo facto do meu desempenho profissional ter sido substituído em favor da propaganda», dirá ele no seu livro. Vindas de quem vêm declarações como esta são tanto mais incómodas e perturbadoras quanto cresce a resistência e a luta contra a Europa de Maastricht. A evolução da situação na Suécia aí está para o confirmar. Todas as sondagens indicam que os suecos diriam hoje não à adesão do seu país à U.E., e os resultados das eleições do passado dia 17 para o P.E. deram uma espectacular subida aos partidos que, como o Partido de Esquerda, se opuseram à adesão e combatem Maastricht.

Silenciando completamente os grandes problemas e contradições do desenvolvimento mundial, PSD e PS coincidem inteiramente em torno da «questão europeia». Ambos se mostram submissos aos ditames de Bruxelas, ambos querem impor ao nosso país os famigerados «critérios de convergência nominal», ambos consideram que não há alternativa à adesão de Portugal à moeda única em 1999. Das nefastas consequências que uma tal política significaria para o povo e para o tecido económico português não falam. Como não falam da PESC que, com a UEM, é tema central da próxima Conferência Intergovernamental, e que ameaça amarrar ainda mais Portugal à estratégia imperialista das potências dominantes, nomeadamente da Alemanha. Por isso fogem ao debate com o PCP e a CDU sobre questões centrais para o futuro do país, nomeadamente as questões europeias.

Está já claro e assumido que um governo do PS continuaria a política do governo PSD/Cavaco Silva. Assim o desejam as «Internacionais» em que PSD e PS participam. Assim o deseja a tal meia dúzia de primeiros-ministros que Guterres se gaba de «tratar por tu». Assim o deseja Kohl, o grande patrão da direita europeia no poder, que recentemente Guterres visitou e elogiou em Bona. «Para a comunidade de negócios mundial que pensa na união monetária europeia e no programa de privatizações, uma política de continuidade é vista como boa... a percepção para fora de Portugal é a de que uma maioria absoluta [vinda do PSD ou do PS, tanto faz] ajudaria a evitar a instabilidade política que prejudicaria o processo de decisão na abordagem de uma maior integração europeia e da moeda única» (correspondente do «Financial Times» em Lisboa, *Público*, 15.5.95).

Ou seja: para que a Europa opaca e clandestina dos monopólios possa continuar a sua marcha - apoiada nos comités e reuniões restritas cujos meandros desde há 17 anos B. Connolly tão bem conhece - é necessário providenciar para que a sacrossanta aliança da social-democracia com a direita seja questionada o menos possível e seja assegurada a sua alternância no governo. É assim que, por incontornável responsabilidade do PSD e do PS, e da comunicação social que os serve, muitos portugueses votarão em 1 de Outubro no desconhecimento de opções decisivas para o seu futuro, nomeadamente em matéria de União Europeia. Mas a luta por uma nova política que inclui a luta por uma outra Europa, não acaba aí e prosseguirá com tanto mais vigor na sua expressão institucional e popular, quanto maior for o voto na CDU.

■ Albano Nunes

Santa Maria da Feira Confiança na eleição de um deputado por Aveiro

Foi com um grande comício na Rossio, bem no coração de Santa Maria da Feira, que a CDU arrancou oficialmente com a sua campanha no distrito de Aveiro. Tal como sucedera poucas horas antes no Porto, onde recebeu um verdadeiro banho de multidão, também aqui Carlos Carvalhas foi calorosamente acolhido, multiplicando-se as manifestações de simpatia e apoio por parte das muitas centenas de pessoas presentes.

Uma adesão que veio marcar uma decisiva viragem na transição de uma pré-campanha que se desenvolveu em crescendo, com a grande aposta a ser dirigida para o contacto directo com os trabalhadores, à porta das empresas, a quem foram distribuídos mais de 22 mil documentos.

Nota de realce, nestes contactos, para além da boa receptividade, foi ainda a ideia partilhada entre os trabalhadores quanto à necessidade de Aveiro ter um deputado CDU no Parlamento, propósito perfeitamente realista e que se inscreve hoje nos objectivos eleitorais dos comunistas e seus aliados.

No concelho de Santa Maria da Feira, o mais populacional do distrito e no qual reside Manuela Silva, cabeça de lista da CDU - duas razões para a escolha deste local para início de campanha, como foi sublinhado por Ricardo Cardoso, que presidiu ao comício - também nele a batalha pela discussão dos problemas do distrito, com recusa do debate sobre questões laterais e acessórias, foi assumida pelos candidatos e activistas da CDU.

E se esta postura de situar o debate no plano da batalha das ideias não constitui uma empresa fácil, quando todas as outras forças políticas privilegiam a política-espectáculo, a verdade é que ela, como nos disse o camarada Salavessa, "tem vindo a ser ganha", como o próprio comício reflectiu nas intervenções dos vários oradores que antecederam o Secretário-Geral do PCP.

Foi essa ligação à vida e à realidade, com incidência nos problemas das populações e dos trabalhadores, que esteve, pois, no fundamental, no centro das preocupações dos intervenientes, designadamente de Joaquim Almeida (coordenador da União dos Sindicatos de Aveiro e candidato pela CDU), de Manuel António Magalhães ("Os Verdes") e Manuela Silva.



Manuela Silva

Responder aos problemas concretos

(...)

"Esta cidade, que no passado foi o centro polarizador de uma vasta área denominada "Terras de Santa Maria", é hoje sede de um concelho, cujas contradições e assimetrias se têm vindo a acentuar nos últimos anos, com a política de direita do Governo PSD.

A esmagadora maioria da população continua sem água e esgotos, o ambiente está cada vez mais degradado, as escolas superlotadas. Há cada vez menos segurança e qualidade de vida.

Santa Maria da Feira é também hoje conhecida porque um punhado de cidadãos de uma das suas freguesias, Souto, ousou desafiar o poder absoluto do Governo PSD, através de uma luta exemplar, que nem a utilização de meios repressivos conseguiu abalar, contra a alteração do traçado do gasoduto. Desde a primeira hora estivemos ao lado da população do Ferral e continuaremos a estar, porque embora se tenha já vencido uma importante batalha, ainda não foi vencida a guerra"

(...)

"Não há dúvida que esta pré-campanha ficou

marcada por acontecimento insólitos, resultantes de comportamentos, que já repudiámos, e que não reflectem minimamente o sentir, nem a forma de estar na vida do povo deste distrito.

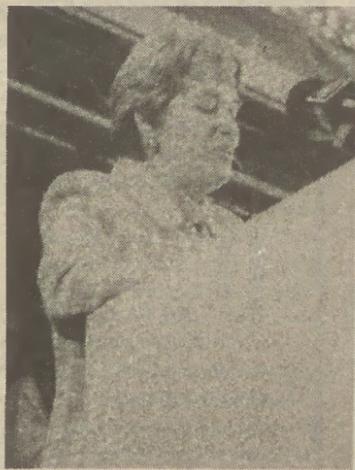
Já a 23 de Agosto, quando da apresentação do nosso compromisso eleitoral, referimos a postura de fanfarrone e trauliteirismo verbal do cabeça de lista do PS. A última versão deste trauliteirismo não é para nós qualquer surpresa.

(...)

É claro que os eleitores que pudessem estar a pensar votar PS têm agora um problema suplementar a resolver: o seu voto é em Candal ou nos outros candidatos? É no manifesto anti-Portas, ou em coisa nenhuma, dado que até à data não existe qualquer compromisso eleitoral do PS para o distrito?

Mas que ninguém se iluda.

O fenómeno Candal não é caso único, embora mais tristemente original. Antes tivemos o fenómeno Pacheco/Portas, que desde o princípio não foi mais do que um conflito com o objectivo de criar artificialmente factos políticos, atraindo assim as atenções da comunicação social sobre si próprios e sobre os seus partidos" (...)



Honório Novo em Viana do Castelo Mais três razões para votar CDU

O compromisso de abandonar Bruxelas, para, com todo o orgulho, com todo o empenho e total dedicação, com a ajuda e colaboração de todos, passar a representar o nosso distrito, foi reafirmado por Honório Novo, no comício da passada quinta-feira, em Viana do Castelo.

Dirigindo-se especialmente aos que ainda não decidiram se vão votar e em quem vão votar no dia 1 de Outubro, o eurodeputado comunista e 1º candidato na lista da Coligação Democrática Unitária pelo distrito apontou «mais três razões para que não se abstenham, para que desta vez apoiem e votem na CDU».

O distrito «está cada vez mais atrasado, mesmo em relação a outras regiões bem perto de nós», situação que «exigia um comportamento atento e interveniente» dos seis deputados que nestes últimos quatro anos representaram Viana em São Bento. Só que, feitas as contas, os 4 eleitos do PSD e os 2 do PS intervieram apenas quatro vezes desde 1991 sobre problemas relativos à região, o que nem atinge a média de uma intervenção por deputado.

Assinalando que «também nisto os deputados do PS pelo distrito não se distinguiram dos do PSD», Honório Novo apelou à penalização da postura parlamentar destes partidos, «que é também co-responsável pelo atraso e falta de desenvolvimento do Alto Minho», e ao voto para eleger agora um deputado da CDU, que já propôs a criação de gabinetes de atendimento e informação pública.

A segunda razão tem a ver com a necessidade de serem eleitos pelo Alto Minho deputados «a corpo inteiro», e não «candidatos virtuais», como Honório Novo apelidou os cabeças-de-lista do PSD e do PS, uma vez que «Lucas Pires, se for eleito, vai esquecer Viana a 2 de Outubro e permanecer em Bruxelas», enquanto o 1º nome dos socialistas «não vai assumir o cargo de deputado, permanecendo em Melgaço, onde é presidente da Câmara».

A defesa dos Estaleiros Navais, claramente assumida pela CDU para garantir os postos de trabalho e o rendimento de milhares de famílias que, directa ou indirectamente, dependem daquela grande unidade, é a terceira razão que justifica o voto na

coligação PCP-PEV. Contrariando as posições do PSD e do PS - que aceitam o desmantelamento dos Estaleiros, a sua privatização e transformação eventual numa mera unidade de reparação -, os comunistas e seus aliados recordam que «os Estaleiros já foram a empresa do ano em Portugal» e afirmam que «se há bem poucos anos deram lucro, se em período de crise internacional do sector foram capazes de resistir com resultados positivos, hoje em dia, em altura de recuperação internacional da construção naval, com encomendas que até ultrapassam a sua capacidade, têm que ser bem geridos, têm que dar resposta igualmente positiva, têm que aumentar o emprego e também o emprego estável, têm que continuar a assegurar aos seus trabalhadores e a toda esta região a importância económica e social estratégica que sempre tiveram».



O comício na Praça da República encerrou um dia de contactos de Carlos Carvalhas, Honório Novo e outros candidatos da CDU com os eleitores do distrito de Viana do Castelo. Logo pela manhã, visitaram os Estaleiros Navais; estiveram depois em Vilar de Mouros, Caminha e Vila Praia de Ancora

Comício em Braga confirma confiança na eleição

António Lopes, da Comissão Política do PCP e cabeça-de-lista da CDU no distrito de Braga, foi claro no comício que, sexta-feira à noite, encerrou a jornada minhota de Carlos Carvalhas: «Em 1991, nas últimas eleições, perdemos o deputado que tínhamos eleito nas eleições anteriores - o nosso camarada José Manuel Mendes, que se encontra aqui connosco - e, logo que foram conhecidos os resultados, muitas pessoas nos manifestaram a pena de se perder o deputado que mais tinha intervido na AR; o PS ganhou mais 29 mil votos, e ficou com os mesmos deputados que tinha; com a nossa perda ganhou o PSD.

«Estou convencido, não só pelas sondagens, mas pela simpatia, pelo apoio que temos encontrado nesta fase da pré-campanha eleitoral, de que a CDU vai recuperar o seu deputado. Mas não temos nenhum limite para eleger mais, se assim quiser o povo do distrito de Braga.»

Os aplausos e as palavras de ordem gritadas com alegria e entusiasmo sublinharam a confiança do dirigente comunista. Na memória de quem acompanhou a comitiva da CDU desde a arruada matinal, em Guimarães (passando depois por Fafe e Famalicão, e terminando à noite na capital do distrito), essa confiança apoiava-se ainda nos muitos episódios do dia e nas diferentes manifestações de apoio e intenção de voto na coligação. Apesar da discrição com que Carlos Carvalhas o encarou, mereceu significativo destaque na comunicação social o caso do militante social-democrata que entregou o seu cartão do PSD ao secretário-geral do PCP.

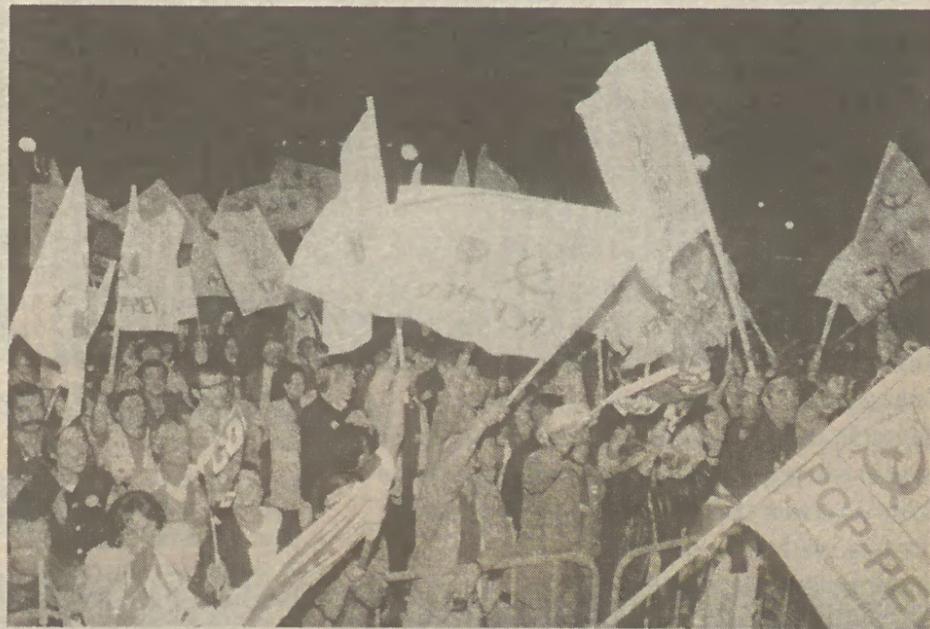
Com música de fundo...

Carlos Carvalhas começou a sua intervenção na Praça da República referindo-se aos efeitos da festa nessa mesma

noite promovida, a poucas dezenas de metros, pela Câmara Municipal, que não mostrou, como disse a apresentadora do comício da CDU, «a sensibilidade suficiente para compreender o que esta nossa iniciativa representa».

«Este é o primeiro comício em que participo em que temos música de fundo», assinalou o dirigente comunista, logo contrapondo, sob fortes aplausos, que «se pensavam que, com isso, os trabalhadores e os apoiantes da CDU não viriam a este comício, têm aqui a resposta».

Comentando a atitude do executivo autárquico de maioria socialista, Carlos Carvalhas disse: «Há partidos que já se julgam os donos da democracia, os donos do País, os donos inclusivamente das consciências dos portugueses, os donos da televisão. Comportam-se assim, e eu creio que é um triste sinal. Mas os portugueses e as portuguesas também julgarão este comportamento. Pro-



neste comício se a proposta do PS de criar polícias municipais tivesse ido para a frente? Se calhar estávamos rodeados de polícia municipal, capitaneada pelo xerife Mesquita Machado e pelos seus ajudantes.»

Depois de ler um comunicado sindical em que se denunciava o agravamento de problemas como o desemprego, os salários em atraso, as perdas de poder de compra dos trabalhadores, Casais Batista esclareceu que não se tratava de um documento actual, mas do tempo do Governo Soares/Mota Pinto. E aproveitou para reafirmar que «não basta mudar de cozinheiro, é preciso mudar de ementa, já estamos fartos do bacalhau da Maria».

No comício entrevistaram ainda Carla Barbosa, da Juventude CDU, e Carlos Silva, candidato independente e professor na Universidade do Minho.

curaram silenciar-nos dos debates, aqui também nos procuraram silenciar com os decibéis; mas podem aumentar os decibéis, que nós continuaremos a nossa luta, o esclarecimento, serenamente, determinados e com uma grande confiança, porque temos raízes no povo, temos um grande projecto, temos propostas e medidas e, sobretudo, temos a coerência.

As acções ficam com que as pratica e o nosso povo julgará.»

Também o vereador comunista Casais Batista se referiu ao incidente, recordando que o comício-festa da Coligação Democrática Unitária estava a realizar-se «numa praça que a CDU lutou para que fosse devolvida aos peões, numa altura em que ninguém ousava sequer dizer isso», e interrogando: «Como estaríamos hoje



António Lopes

«Da luta social aos votos»

Privilegiando a temática social e laboral, o cabeça-de-lista da CDU saudou, no comício de Braga, os trabalhadores do distrito, as mulheres (nomeadamente da indústria têxtil), os agricultores, os jovens, os estudantes, os reformados e pensionistas, todos os que «com as suas lutas e acções de protestos deram consciência aos eleitores de que é preciso mudar de política».

António Lopes salientou que «é importante que esses sacrifícios e as lutas que travaram não se percam no dia 1 de Outubro, se não tiverem no plano político e no voto a escolha acertada. É preciso que a luta social se transforme em votos políticos de verdadeira mudança».

Depois de saudar «com muito orgulho os dirigentes sindicais que se encontram na lista da CDU e neles todos os dirigentes,

activistas e trabalhadores que têm lutado para mudar de política», o responsável da direcção regional do PCP fez questão de responder a um comunicado que nesse dia o PP divulgara e no qual «insulta de forma muito baixa uma dirigente da Grundig, a Amélia Lopes, que aqui está como candidata e que é também dirigente sindical e da CGTP»: «Já sabíamos que o PP não gostava muito de sindicalistas, pelas suas lutas, pelos objectivos por que trabalham. O que não pensávamos é que fossem sair com comunicados que estão bem ao nível daquilo que criticam no candidato Candal. Pedimos ao PP de Braga que se vá juntar com Candal em Aveiro.»

O primeiro candidato da CDU na lista de Braga repudiou ainda «e pessoalmente, porque fui atacado», as críticas feitas por um candidato do PS, que «disse que

eu estava a mentir quando afirmei, e torno a repetir, que o PS, ao querer subsidiar a actividade, em vez do desemprego, está a procurar utilizar os milhares de trabalhadores desempregados para trabalharem a troco do subsídio de desemprego. Os trabalhadores têm direito ao subsídio de desemprego, sr. Laurentino Dias, porque descontaram para isso, e se o PS lhes quer dar trabalho, pague-lhes salários e arranjem-lhes empregos estáveis. É isso que os trabalhadores querem.»

Que os indecisos reflectam...

Uma boa parte da intervenção de Carlos Carvalhas em Braga foi dedicada aos eleitores que ainda não decidiram a quem confiar o seu voto no dia

1 de Outubro. Falando directamente para os que, nessas condições, estivessem ali a ouvir a mensagem da CDU, e apelando aos apoiantes e activistas da coligação a que também desafiavam aqueles a reflectir, o secretário-geral do PCP apontou exemplos de problemas e lutas de trabalhadores, de reformados, de estudantes e professores, desempregados, agricultores, mulheres, para perguntar: «Quem esteve sempre ao vosso lado?»

Depois de valorizar a intervenção dos comunistas e seus aliados, particularmente na Assembleia da República e no Parlamento Europeu, Carlos Carvalhas citou «tantos agricultores que hoje se nos dirigiram a dizer "final, vocês tinham razão"», apelando a que agora, «sem preconceitos e sem se deixarem enganar por falsas ima-

gens que dão do PCP e da CDU», decidam pelo voto na esquerda necessária.

Ainda dentro da temática europeia e da postura do Governo perante Bruxelas, Carvalhas deixou mais um motivo de reflexão acerca das propostas da CDU: «Todos teríamos a ganhar, ou não, se Portugal defendesse e valorizasse a produção nacional? Se defendesse a sua soberania e independência nacional? Se tivesse uma posição firme na União Europeia? Se obtivesse cláusulas de excepção para aquilo que nos prejudica? Se levasse à prática uma política, não de propaganda, mas de defesa dos nossos interesses? Se alargasse o mercado interno, aumentando os



pensionistas, os reformados e os trabalhadores da Administração Pública, numa primeira fase, e escoando a produção, dinamizando o investimento e o emprego?»

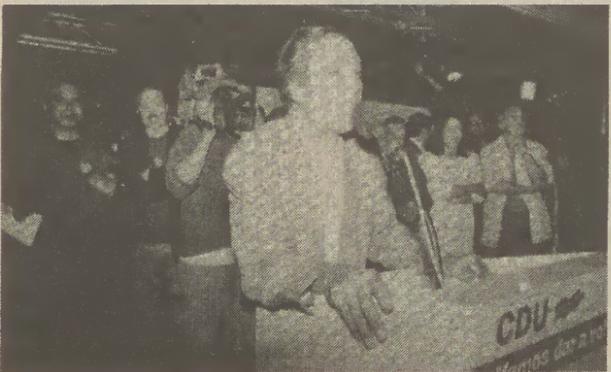
Coimbra Uma Praça em luta!

Carlos Carvalho cumpriu na segunda-feira desta semana uma jornada original, em Coimbra: à tarde foi impedido de entrar na Escola Secundária Jaime Cortesão por um simples fax enviado à pressa pelo gabinete da ministra da Educação, Manuela Ferreira Leite; à noite, num grande comício inundado de juventude, que tomou conta da Praça da República, acertou contas com a proibição governamental, «*que se filia numa cultura de quero, posso e mando*», denunciando que nesse mesmo dia o nº 2 da lista do PSD visitara uma Escola Secundária em Évora, zurzindo de seguida, num discurso arrasador, tanto a desastrosa política governamental para o ensino como a demagogia do PS que, afirmando considerar a Educação «*uma prioridade*», «*quer substituir a taxa da propina pela propina da taxa*». A grande praça foi ao rubro e o orador também, construindo um comício vibrante, combativo e mobilizador.

Uma Praça em luta.



Avelãs Nunes (em cima) e Carlos Carvalho (em baixo) produziram discursos vibrantes que entusiasmaram a multidão, onde imperavam os jovens



Às 21.30, a Praça da República, até aí muito calma, foi tomada por uma multidão com forte presença de juventude, indiferente à brisa fresca que varria de vez em quando o recinto. Não se percebia onde aparecera, quase de repente, tanta gente, fluindo das diversas artérias que convergem na bela Praça da República. O grupo *Navegante* começara minutos antes a sua actuação e começou a pôr muita gente a dançar. As bandeiras balouçavam, inquietas, mas a explosão de

entusiasmo só ocorreria meia hora depois - com gente ainda a chegar à iniciativa - quando os oradores subiram ao palco e foram anunciados, um a um.

Nessa altura, já Carlos Carvalho havia cumprido o programa previsto para Coimbra: um encontro com o Conselho Directivo da Escola Jaime Cortesão, frustrado pela arbitrariedade da ministra da Educação ao proibir a sua entrada no edifício (o dirigente comunista, com manifesto pesar do Conselho Directivo, não

passou do átrio da Escola) e, mais tarde, um encontro com a associação juvenil «Agora».

Anote-se que o «argumento» expendido pela ministra de Cavaco Silva para impedir o Secretário-Geral do PCP de entrar no edifício-escolar foi o de não «perturbar» a «serenidade que deve estar presente na abertura do ano escolar». Só que nesse mesmo dia, como Carlos Carvalho denunciou, vigorosamente, horas depois, no comício da Praça da República, o Primeiro-Ministro e a Ministra da Educação, que é candidata por Évora, visitaram uma Escola Secundária desta cidade, a coberto das funções governamentais... O enorme apelo da multidão e, particularmente dos jovens, foi eloquente na apreciação de mais esta arbitrariedade governamental.

Se as pedras falassem...

Como dissemos, a subida dos oradores ao palco desencadeou uma explosão de entusiasmo liderada pela numerosa juventude presente. Um entusiasmo que durou todo o comício e pontuou, com vibrantes aclamações, os diversos discursos proferidos.

Ángelo Alves, jovem candidato da CDU pelo Distrito de Coimbra, foi o primeiro a intervir. «*Se as pedras desta Praça falassem!*», começou, para enumerar as diversas intervenções dos jovens ali realizadas no passado recente: para dizer «*basta*» às propinas, às provas globais e «*à porcaria da política de direita para a Educação*», para participar nas comemorações do 1º de Maio e gritar «*por aquilo que, por direito, lhes pertence: trabalho, salários, um futuro digno*». E acusou, apontando o dedo à JSD: «*Sabemos quem fez a Lei das Propinas! E agora a dizer "Propinas não, Nogueira sim!"*», *pensam que nos enganam? É caso para dizer, não sejam parvos!*». E a JS não ficou de fora. «*Não nos lembramos - disse -, como a JS, de pedir a revogação das propinas quando há meses o sr. engº Guterres, aqui mesmo nesta cidade, se safava de um debate promovido pela AAC garantindo que se fosse Governo suspenderia a Lei das Propinas!*»



Luísa Veiga, candidata independente nas listas CDU para Coimbra e professora coordenadora da Escola Superior de Educação, produziu um vibrante discurso virado para os graves problemas do Ensino no nosso país, denunciando, com contundência, «*o pesadelo, o mal-estar e tantos custos pessoais e sociais*» da política cavaquista neste sector. «*Ao apelarmos ao voto na CDU - disse, por entre o aplauso sobretudo dos numerosos jovens presentes -, deixamos expresso o nosso compromisso de continuar a fazer chegar à Assembleia da República as posições, os problemas e as preocupações dos portugueses, na salvaguarda dos seus direitos, na conquista de melhores condições, na construção de uma sociedade mais justa e mais limpa, na aspiração a um país mais livre e mais democrático, na luta pelos valores da esquerda e do 25 de Abril*».

A «paixão»... pelos votos

O Professor Doutor Avelãs Nunes, cabeça de lista da CDU no Distrito de Coimbra e figura altamente prestigiada na Universidade e na cidade, proferiu um discurso particularmente vigoroso e comunicativo que inflamou a assistência. A sua ironia foi cortante. «*Guterres - afirmou - vem falando com o coração, prometendo o céu e a terra a troca de votos, enlevado por sucessivas paixões que o têm acometido, fugazes como todas as paixões, serôdias algumas delas*». E acrescentou: «*A razão tem falado pela boca de outros responsáveis do PS, em especial o dr. Daniel*

Bessa, «*espécie de duplo de Guterres para as cenas mais arrojadas de conservadorismo económico*», como lhe chamava, há dias, um ilustre jornalista. *Mas são estes responsáveis que temos de levar a sério. O próprio eng. Guterres diz que Daniel Bessa é "um homem extremamente competente", que "diz sempre a verdade em todos os momentos", o que parece ser um defeito para Guterres, já que para ele "a política é a arte de, em primeiro lugar, não dizer a verdade toda". Para nós, ao contrário, essa é uma virtude, porque a nossa política é a de dizer sempre o que julgamos ser a verdade: dizemo-la*

do PCP. «*Tanta que não aceitou um debate a quatro nem aceitou que a CDU visitasse, hoje, uma escola!*»

Glosando este slogan Carlos Carvalho atacou fortemente a política ruinosa do PSD ao longo de 10 anos, passando depois para o PS, a quem acusou de querer trocar «*a taxa da propina pela propina da taxa*», ao propor, para o Ensino, «*uma espécie de taxa moderadora*». «*Pois fiquem com ela!*», acrescentou. E mais adiante, visando também as propostas eleitorais do PS: «*Como podemos nós aceitar uma política que diz que a nossa economia não vai aumentar nos próximos*



em Portugal e em Bruxelas, em público e em privado, aos patrões e aos trabalhadores, aos que votam em nós e aos que votam em outros partidos.»

Não imitamos a direita

Carlos Carvalho, recebido com uma explosão de aclamações e aplausos, abriu a sua intervenção ironizando sobre o slogan do PSD afirmando que «*Nogueira é de confiança*». «*Tanta confiança!*», disse o Secretário-Geral

quatro anos, tal como os salários?» E ironizou de novo: «*Não basta dizer-se que se tem uma paixão. É pelos valores concretos que nós julgamos uma pessoa.*»

Após referir as numerosas semelhanças entre as propostas do PSD e do PS, Carlos Carvalho dirigiu-se directamente aos indecisos, recordando: «*A CDU conta sempre para derrotar a direita. Nós somos a esquerda que não imita a direita, somos a esquerda que não tem vergonha da palavra esquerda e dizemo-lo com frontalidade ao nosso povo!*»

Santo Tirso - Contribuir para a vitória



Em Vilarinho, concelho de Santo Tirso (onde o PS detém maioria absoluta), renovadas provas de confiança na obtenção de um bom resultado eleitoral marcaram o almoço que reuniu no último domingo mais de duas centenas de activistas e apoiantes da CDU. Desse sentir colectivo se fez portador o camarada Abílio Martins (um dos dois eleitos pela CDU na freguesia), ao interpretar esta iniciativa como um decisivo «*arranque para uma grande vitória da Coligação no concelho*».

Centro operário têxtil, onde desde há muito se regista uma larga influência do Partido, Vilarinho confronta-se, como muitas outras freguesias da região, com uma grave crise que se reflecte

sobretudo no encerramento de empresas e em elevados níveis de desemprego. Como sublinhou José Alberto, candidato pela CDU, o desemprego bate à porta de muitas famílias e «*é grande a preocupação quanto ao dia de amanhã*».

Razões adicionais, pois, para o apelo ao voto na Coligação liderada pelos comunistas lançado no decorrer do almoço por Carlos Carvalho - «*não liguem às sondagens, liguem aos vossos interesses*», disse -, apelo este repetido por João Amaral, cabeça de lista pelo círculo do Porto, ao colocar na sua breve intervenção o acento tónico na ideia de que «*quem quer a mudança e uma nova política vota CDU*».



Juventude em festa no Barreiro «Estamos fartos!»

Já não chega o que nos tiram à hora de pagar é difícil comer solas estufadas ao jantar

A Juventude CDU ocorreu em massa ao jardim da Avenida Bento Gonçalves, no Barreiro, com bandeiras de todos os tamanhos da JCP, do PCP e da Coligação. Junto ao Tejo, os muitos jovens que esperavam muitas intervenções de Carlos Carvalhas, de Carmen Francisco, d'Os Verdes, e Arlindo Santos, da JCP, aproveitavam para ver a exposição política que, espalhada pelo relvado, junto aos stands da JCP, incidia nas desigualdades sociais, bem como na luta contra o desemprego, o racismo ou o imperialismo, e sublinhava as propostas e o trabalho realizado pelos comunistas.

Foi num ambiente de festa e entusiasmo que se ouviram as palavras dos candidatos pelo círculo de Setúbal, porque «os jovens estão pela Esquerda!». «Até dia 1 de Outubro é preciso avisar toda a gente. Estamos fartos do PSD e de uma política de direita. Não acreditamos no PS e no Guterres. Todos sabem que a CDU esteve sempre com os estudantes, na luta contra a PGA, as propinas e as provas globais, antes, durante e depois. Não é a quinze dias das eleições que se apagam dez anos de má política educacional. Não é agora que se ganha uma paixão pela Educação», sustententou Arlindo Santos, referindo-se à semelhança política entre PS e PSD e às suas promessas eleitorais.

O Secretário-Geral do PCP, muito aplaudido, iniciou a sua intervenção com uma questão que lhe tinham posto à pouco: «Qual é a diferença entre os carros da Volkswagen e os carros da Ford produzidos na fábrica de Palmela? É a mesma diferença entre as políticas económico-sociais para a Juventude do PS e do PSD. Por isso, a juventude não tem de

derrotar apenas o PSD, mas também a política de direita», exclamou. A pequena multidão, aos pulos, pois «quem não salta é laranja», continuou a apoiar Carlos Carvalhas com palavras de ordem.

O líder comunista referiu-se ainda à necessidade de uma política para os jovens, no plano social, educacional e de emprego, que crie riqueza e a distribua e que promova a solidariedade: «O que os jovens querem saber é se, quando acabarem a escola, terão um emprego estável com um salá-



rio condigno. A CDU diz não a uma política que abra à juventude a porta da emigração, do trabalho precário e do desemprego. Jovens de hoje e homens de amanhã, grande força social, vamos continuar a luta para que em Portugal haja uma política diferente, ao serviço do nosso povo e do nosso país!» «Vamos mandar o Governo e Manuela Ferreira Leite para férias? Vamos acabar com as propinas? Vamos dar a volta a isto pela esquerda?», finalizou Carlos Carvalhas.

O dirigente comunista dirigiu-se depois ao Espaço da Juventude CDU no Barreiro, rodeado por muita gente que o



Carlos Carvalhas referiu, durante uma intervenção muito aplaudida, a necessidade de uma política de esquerda para os jovens, no plano social, educacional e de emprego e que soluçione, entre outros problemas, a questão da toxicod dependência

nas intervenções políticas: o desemprego, o trabalho precário, os salários baixos, a injustiça social, a integração europeia.

Ainda durante a actuação dos Virgem, o grupo que lhes seguiu, cerca de quinhentos participantes desta iniciativa desfilaram pelas ruas do Bar-

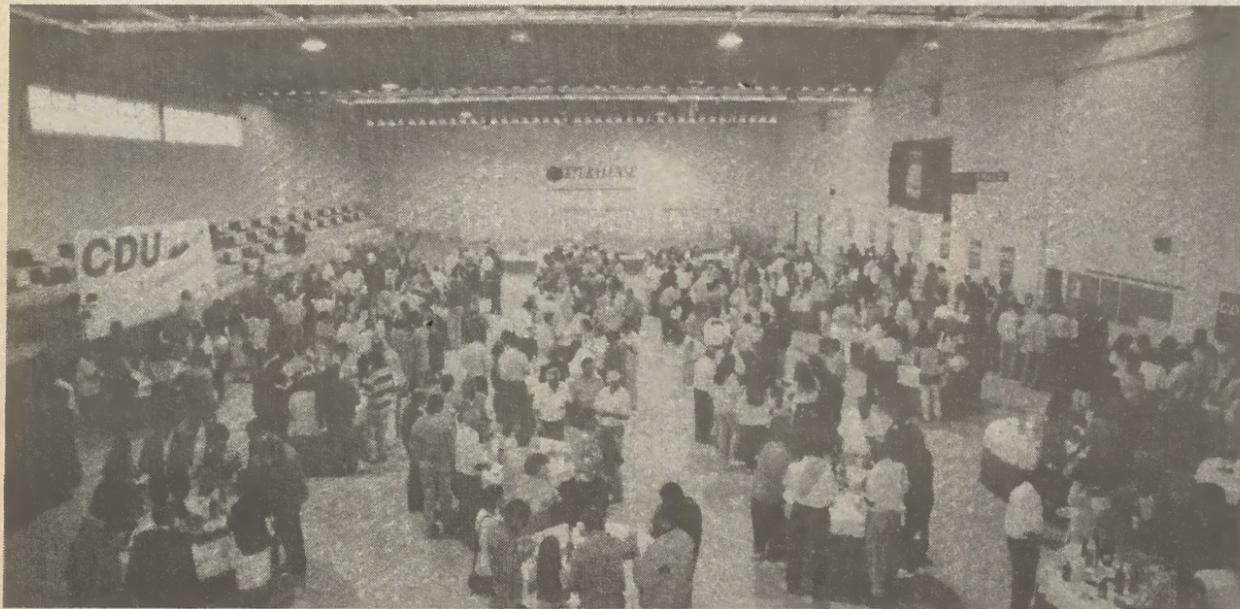
reiro, acompanhados por elementos circenses de intervenção urbana e de alguns populares. As bandeiras do Partido e da Coligação avistaram-se também em algumas janelas, e, de suas casas, de lojas ou dos transportes, os barreirenses não deixaram de manifestar a adesão à CDU. ■ IAB

quis acompanhar, mostrando entusiasmo pelas propostas da Coligação e enriquecendo o grande movimento de apoio que se tem registado por todo o país.

E é por isso que a meu ver está tudo mal, tudo mal nesta Europa de Portugal

Os Xutos e Pontapés subiram ao palco e as suas canções de intervenção social encontraram eco num público que, sem dúvida, se identifica com os problemas levantados pelas letras do grupo e já referidos





Trabalhadores de Setúbal com Carvalhas Um jantar muito especial

«Um jantar muito especial, com gente muito especial», foi assim que o camarada Rui Paixão, membro do Comité Central e da DORS, se referiu à iniciativa de sábado que juntou, no vasto pavilhão da colectividade União Futebol Comércio e Indústria, em Setúbal, cerca de quatro centenas de pessoas, e em que participou Carlos Carvalhas.

De facto, como referiu Rui Paixão, encontravam-se ali dirigentes e delegados sindicais, membros de CTs, activistas sindicais, ou seja, em grande parte estão aqui aqueles que os trabalhadores do distrito elegeram para dirigir a sua luta na defesa dos seus direitos.

«Este facto vai certamente passar despercebido na grande comunicação social, que parece mais interessada no punho a punho vindo da Madeira, do que em dar o real significado à importância da luta que os trabalhadores do distrito têm travado em defesa dos seus interesses, mas também na defesa do progresso, do desenvolvimento do próprio distrito.

«Emprego, salário, direitos, é, camaradas, o nosso dia-a-dia, e é aquilo que os partidos que defendem políticas de direita fogem de dizer aos trabalhadores e ao povo português — quais as suas perspectivas e as suas políticas. Hoje e aqui, isso não vai acontecer.»

E não aconteceu. Rui Paixão apresentou os candidatos presentes — Manuel Véstias, da CT da Renault, Eduardo Travassos, do Conselho Nacional da CGTP/IN, Vicente Merendas, da CT da Lisnave, Odete Santos, deputada, Rogério de Brito, Presidente da Câmara de Alcácer do Sal, Octávio Teixeira, o cabeça de lista por Setúbal, e Carlos Carvalhas.

Sempre com o PCP

Apesar de não se propor «dissecar a política do PSD e os seus efeitos na vida e a saúde dos trabalhadores», Vicente Merendas, o candidato que tomou a palavra a seguir, não deixou de abordar o tema, de falar de trabalhadores e de política:

«Os trabalhadores, sempre com o PCP, combateram de uma forma intensa e constante esta política», disse, «e tudo fizeram para que a mesma não atingisse drasticamente as suas condições de vida.

«Neste combate, travado nas

empresas e locais de trabalho, de um lado estiveram os trabalhadores e o PCP, do outro o patronato, o PSD e o CDS. Quanto ao PS, passou o tempo como o olho direito a olhar e a alimentar a confiança e as esperanças no grande capital, enquanto que, com o olho esquerdo, indeciso e hesitante, lançava o olhar para os trabalhadores que lutavam.

«É de facto caricato», insistiu o candidato, «quando hoje falam de bipolarização, quando mais não fizeram do que coabitar dentro mesmo casulo».



«O PS fala em voto útil. Os trabalhadores devem falar em Partido útil. E útil é o PCP!

«É útil porque foi útil para os trabalhadores nas horas boas e más. É útil porque esteve sempre com os trabalhadores. Um partido que é útil para os trabalhadores merece dos trabalhadores o seu voto útil.»

A voz dos trabalhadores

Falando das consequências da política do PSD e de como elas se fizeram sentir, Octávio Teixeira, membro da Comissão Política, Presidente do Grupo Parlamentar Comunista na Assembleia da República e cabeça de lista da CDU pelo distrito de Setúbal, sublinha: «Não

exagero se disser que no distrito foram diariamente sentidas, e foram as que mais afectaram os trabalhadores.»

O dirigente comunista referiu-se às dezenas de empresas encerradas, à redução dos postos de trabalho, às dificuldades criadas aos activistas sindicais e membros das Comissões de Trabalhadores, aos mais de 50 mil desempregados, uma das mais elevadas taxas de todo o país. E recordou a degradação das condições de vida em variadas vertentes — no âmbito social, nas escolas, na saúde. E na própria degradação da democracia política, como salientou, apontando a actividade ilegítima e ilegal do SIS.

«Nós, na Assembleia da República», lembrou, «apresentámos projectos, não houve um único mal a que não tivesse correspondido um projecto nosso para lhe

dar solução. Levámos permanentemente à AR a voz dos trabalhadores, não houve uma única empresa cujos problemas não fossem ali por nós levantados».

Octávio Teixeira falou depois de uma das promessas do PSD em 1991 — a semana das 40 horas — que foi mais uma a não ser cumprida. E disse que por duas vezes o Grupo Parlamentar do PCP apresentara projectos com vista a concretizar esse direito, a última no final da legislatura, e que o PSD chumbou.

«Mas vale a pena lembrar que o PS não apresentou nenhum!», sublinhou Octávio Teixeira, recordando ter aquele partido considerado em Julho que as 40 horas não deviam ser consagradas na lei mas através da concertação social, para em Setembro já se afirmar aberto a

tal disposição. «Não é uma atitude séria», classificou. «Nós iremos manter as nossas propostas!»

Reforçar a CDU

Saudando a grande contribuição que os trabalhadores, os sindicalistas e os membros das CTS têm dado à luta, «a quem se deve, no essencial, o desmascaramento desta política e deste Governo», Carlos Carvalhas interveio no final, saudado efusivamente, por sua vez, pelos presentes.

«Não se chegou por acaso a esta situação de consciência acrescida de que esta é uma política errada. Chegou-se pela luta dos trabalhadores, que deram o maior contributo para a derrota da direita. Temos agora



Comício de Setúbal

O comício começou tarde, na noite de sábado, na Praça do Bocage, em Setúbal. Aguardava-se a chegada de Carlos Carvalhas e dos candidatos, e a música dos «Navegantes» enchia a praça, onde se ajuntavam centenas de pessoas, multidão que iria engrossar até chegar aos milhares. Cândido Mota animava a primeira parte da iniciativa, saudado entusiasticamente pelos presentes, e passava das dez e meia quando cedeu o microfone ao candidato Manuel Véstias, membro da Comissão Conselheira de Setúbal do PCP e da Comissão de Trabalhadores da Renault, que após uma breve introdução apresentou os participantes no Comício.

Tomaram lugar no palco Manu Guerreiro, da CT da Torralta, António Cardador, da CT da Setenave/Solisnor e da Direcção dos Metalúrgicos, Bétia Monteiro, funcionária do Centro Regional da Segurança Social, Hélio Bexiga, do Conselho Nacional da CGTP e da Intervenção Democrática, Diamantino Estanislau, Presidente da Junta de S. Lourenço, Carmelindo Elias, Presidente da Junta da Freguesia do Sado, Jerónimo Lopes, da Assembleia Municipal de Setúbal, Regina Marques, vereadora da CM, Valdemar Santos, do CC e da DORS do PCP, Jorge Gordo Martins, dirigente estudantil e candidato CDU, Heloísa Apolónia, deputada e candidata, do CN de «Os Verdes», Rogério de Brito, Presidente da CM de Alcácer e candidato, Odete Santos, deputada e candidata, Conceição Morais, do CC e da DORS, Octávio Teixeira e Carlos Carvalhas.

Estivemos na luta!

«Temos que dizer a todos os jovens que nós estivemos lá, que estivemos na luta contra a provas globais, contra as propinas, pelo direito ao trabalho e a habitação», foram as palavras que o candidato jovem, Jorge Martins, dirigiu aos numerosos participantes, onde se destacava uma forte participação juvenil.

«A luta é de todos e não é de agora que nós lutamos ao lado do povo, ao lado dos jovens. É no movimento associativo, nas escolas e nas empresas que os jovens têm de dar a volta a isto. Não é agora, a 15 dias das eleições, que se apaga mais de dez anos da política da direita no poder. Não é agora, na campa-

Vamos

nha, que se vai apagar o desemprego, a falta de oportunidade para o primeiro emprego, o acesso à educação, a falta de apoios para a habitação e muitos dos outros problemas que afectam a juventude, todos da responsabilidade da política da direita e da maioria PSD. Mas também não é agora que alguém pode vir e pedir ao povo e aos jovens uma nova falsa maioria de esquerda».

Apelando ao voto na CDU, que tem suscitado grande apoio entre a juventude, Jorge Martins cedeu a palavra à candidata Odete Santos, cuja memória alargou, compreensivelmente, o espaço de tempo em que a direita tem responsabilidades no poder. A deputada falou em 20 anos:

«São de facto vinte anos de continuados ataques aos direitos sociais, aos direitos, liberdades e garantias e à dignidade do ser humano.»

Uma oportunidade ímpar

«Nesta pesada herança», disse Odete Santos, «o PSD tem uma gorda fatia de responsabilidades. Sozinho, associado ao CDS, acolitando o PS, esperou que o Partido Socialista lhe desbravasse o caminho para lançar os pilares que servissem os grandes interesses capitalistas. Os resultados estão à vista e são bem visíveis no distrito e no conselho de Setúbal. Porque aqui vivemos e lutamos, não podemos esquecer a longa caminhada percorrida pelos homens, mulheres e jovens e, no próximo dia 1 de Outubro, a população do distrito tem ao seu alcance uma oportunidade



ter mais vitórias !

oportunidade ímpar de mudança.

«Uma mudança real, efectiva, para uma política de esquerda. A única que pode construir uma país desenvolvido com uma sociedade mais justa...»

«É claro que, depois de vinte anos de uma política contra os direitos dos trabalhadores, chegámos também a uma situação de degradação acentuada do regime democrático. E é por isso que, perante uma indignação quase generalizada, pretenderam montar uma cena política de que quiseram afastar aqueles que marcam a diferença: os homens e as mulheres da CDU.»

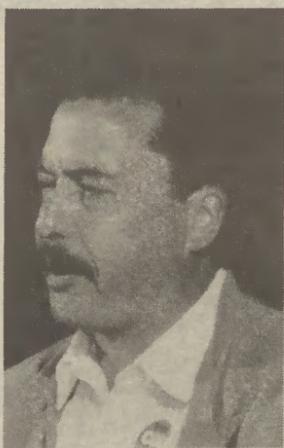
Aludindo obviamente aos debates a dois, Odete Santos insurgiu-se contra «o actor e o seu duplo» e as semelhanças entre os modelos que cada um apresenta à escolha do eleitorado, e recordou as semelhanças que, ao longo dos anos, em decisões fundamentais, ambos partilharam.

«O ducto que quiseram impingir ao povo português, o ducto PS-PSD, não serve ao país, não serve ao distrito e ao concelho de Setúbal. O projecto dos candidatos da CDU marca efectivamente a diferença.»

Vale a pena

Classificando a maioria do PSD como «uma maioria absoluta autoritária e prepotente, submissa aos interesses económicos dos grandes, uma maioria que recusou continuamente o diálogo, o debate e as propostas alternativas, nomeadamente aquelas que davam prioridade à qualidade de vida, ao ambiente, à justiça social, à educação, à saúde e a um desenvolvimento integrado», Heloísa Apolónia interveio centrando o seu discurso sobre algumas das malfeitorias PSD no capítulo ambiental. A deputada e candidata de «Os Verdes» recordou:

«Exemplo de falta de respeito que o PSD teve pela população de Setúbal foi a permissão do depósito de escórias de alumínio na Metalimex, como se sabe profundamente prejudiciais à saúde pública. Não obstante as constantes denúncias



Manuel Véstias

públicas que foram feitas pelos Verdes e pela população em geral, ainda hoje se espera a resolução definitiva desta questão, em claro prejuízo do ambiente da nossa região.»

Os critérios — em que não contaram os interesses das populações — que presidem ao processo de instalação do sistema nacional de tratamento de resíduos tóxico-perigosos, e outras questões relevantes para o ambiente foram citados pela candidata, que não deixou de realçar «a luta persistente da população de Setúbal» em vári-



Odete Santos

os destes processos, nomeadamente naquele que visou impedir a instalação de uma incineradora no distrito.

«Foi uma luta que valeu a pena e que continuará a valer a pena.»

Votar CDU

Falaram por fim Octávio Teixeira e Carlos Carvalhas, ambos aplaudidos pela assistência que não cessava de crescer. O cabeça de lista CDU pelo distrito, referindo



Octávio Teixeira

os malefícios da política do PSD — o desemprego, políticas restritivas no acesso à saúde e ao ensino, a degradação social e da própria democracia — sublinhou que, se tal é verdade em todo o país, «é particularmente verdade no distrito de Setúbal, cujo povo mais sentiu na carne os efeitos desta política de direita». Octávio Teixeira abordaria pela segunda vez nessa noite o elevado número de empresas encerradas, as que se encontram defrontando graves dificuldades, e a luta dos trabalha-



Jorge Martins

dores, não por uma esmola, mas por trabalho.

«O PSD», afirmou, «já teve a sua primeira derrota com a desistência de Cavaco, que sabia ir ser derrotado. Vamos ter mais vitórias», assegurou, e traçou o que, para os comunistas e seus aliados, é uma política no interesse dos trabalhadores e do povo. Com desenvolvimento e crescimento económico. «Sem isso não pode haver mais emprego, mais saúde, mais habitação. É necessário que apostemos nos nossos próprios recursos, e nos recursos



Heloísa Apolónia

próprios do distrito», sublinhou.

O Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, encerrou o comício com um vibrante discurso, em que começou por saudar toda a gente — a multidão na sua frente, mas também os aliados da CDU, os participantes na festa, o conjunto «Os Navegantes» e a participação amiga de Cândido Mota.

«Já basta de política de direita, vamos derrotar o PSD e a política de direita. Vamos votar CDU!»



Álvaro Cunhal no Seixal É dar o voto à CDU

No Seixal, um concelho de maioria absoluta CDU (seis, num total de nove), o eleitorado sabe que pode confiar nos comunistas e seus aliados para a defesa dos interesses nacionais. Os muitos jovens e menos jovens que receberam com entusiasmo candidatos pelo distrito e Álvaro Cunhal têm nas suas mãos um recado que é preciso passar a toda a gente - o voto útil é na CDU

A noite estava fria, mas se alguém reparou, ninguém arreudou pé.

Na torre da Igreja, o relógio esqueceu-se do tempo num dia qualquer às nove e meia, mas se alguém deu por isso deve ter sorrido da coincidência, que a espera era por gosto.

No palco, a Banda do Andarilho passeava as vozes de cantar e encantar por músicas com histórias e gentes e sonhos dentro, a mostrar como a memória pode ser jovem a aquecer convicções sem idade.

cutivo tenha meios para lhes dar a resposta devida; denunciou o PS, "politicamente estrábico", de não só bater à porta dos comunistas como de lhes cobriar os telhados, como fez a avioneta que se passeou pela Festa do "Avante!" e deixou claro que os votos da CDU não estão à venda.

Por seu turno, Heloísa Apolónia, dos Verdes, denunciou a política cavaquista que tem empenhado o futuro dos portugueses aos interesses das multinacionais, sublinhando na sua

República que obrigue o futuro governo a garantir o futuro de todos, o que passa necessariamente por um reforço dos eleitos pela CDU.

O cabeça de lista pelo distrito, Octávio Teixeira, sublinhou por sua vez o importante trabalho desenvolvido pelos deputados comunistas (cerca de 300 projectos de lei, mais do que qualquer outro partido), possível graças ao trabalho de todo o Partido e dos seus aliados na CDU e à profunda ligação à população que os caracteriza.



Depois, depois foi o sururu, o agitar de bandeiras, o movimento de corpos que se aproximam e afastam como um todo, o "vem aí, vem aí", o estender dos braços, o rasgar de sorrisos em rostos que têm toda uma história para contar ou ainda por viver, até as vozes se erguerem como uma só em vivas à CDU e ao PCP.

Foi no Seixal, sexta-feira à noite, no final de mais um dia de campanha com Álvaro Cunhal e Octávio Teixeira no distrito de Setúbal. Para trás ficava um encontro com a população do Samouco e um jantar com cento e cinquenta apoiantes no Clube Náutico, em Alcochete, onde o tempo foi pouco para tão grande adesão às propostas da CDU, razão de sobra para explicar o atraso da chegada ao Seixal, mas não para arrefecer os ânimos dos que encheram o largo da Igreja para ouvir e apoiar as intervenções da noite.

Filipa Silva, candidata da JCP, lembrou os 23 projectos de lei respeitantes à juventude apresentados pelo PCP na Assembleia da República e rejeitados pela maioria, pelo que é chegada a hora de dizer *Basta!* à actual política. Eufrazio Filipe, Presidente da Câmara do Seixal, falou da tão necessária e sempre adiada regionalização que poderá reforçar o Poder Local, recusada pelo PSD e nunca explicada pelo PS; contou os dramas sofridos pela população do concelho, de todas as idades, que todos os dias bate à porta do município a pedir trabalho, sem que o exe-

intervenção a importância de conseguir uma maioria de esquerda na Assembleia da

"Fomos nós que demos voz aos trabalhadores e ao povo português", disse, contrapondo a



actuação do PS que sempre "andou de braço dado com o PSD".

Finalmente, Álvaro Cunhal, sempre cuidadoso a explicar as siglas e expressões que poucos

entendem mas cujas desastrosas consequências todos sofrem, falou da União Europeia, do "tal malfadado tratado de Maastricht", do abismo que separa as bonitas palavras dos

princípios comunitários da dramática realidade nacional. Ouvido em silêncio atento, o Presidente do Conselho Nacional do PCP citou os exemplos da destruição da agricultura, a desindustrialização, a liquidação das pescas, a política de capitulação nacional em que PS e PSD estão de acordo para chegar à moeda única, concluindo que é tempo de impedir que os outros decidam por nós o futuro do povo e do país.

Para contrariar esta política, afirmou, há de facto um voto útil; para inverter um processo que afecta os reformados, os jovens, as mulheres, todos os trabalhadores, há um caminho - **É dar o voto à CDU.**

Álvaro Cunhal em Benfica e Sacavém A política de desastre

Uma sessão debate no ginásio da Junta de Freguesia de Benfica e um comício-festa em Sacavém preencheram a agenda de iniciativas do camarada Álvaro Cunhal que, no passado domingo, se integravam na campanha para as legislativas da CDU.

No debate em Benfica (que, tal como em Sacavém, registou elevado número de presenças), proporcionar-se-ia uma conversa onde temas como desporto, reformas, desemprego, política de juventude, situação do pequeno e médio comércio, droga, comunicação social,

Alentejo ou política partidária, seriam abordados nas intervenções da assistência e, na introdução e nas respostas às questões levantadas, por Álvaro Cunhal.

Uma «política de desastre» nas vertentes económica, social, política, cultural e nacional (no sentido da «capitulação a interesses estrangeiros») foi como Álvaro Cunhal qualificou a política de direita que nos últimos anos foi seguida pelos Governos PSD/Cavaco Silva.

Cunhal enumerou em cada uma dessas vertentes, factos exemplificativos da acusação,

citando, entre outros, a restauração dos grandes grupos económicos, o aumento da exploração dos trabalhadores, a debilitação do sector público do ensino, o obscurantismo cultural e o exercício da maioria absoluta para fazer abafar inquéritos parlamentares, aprovar leis inconstitucionais e eliminar sistemas de fiscalização.

Majoria absoluta para quê?

A propósito de maioria absoluta, o dirigente comunista

abordou as posições do Partido Socialista, salientando as semelhanças das suas propostas e posições com as do PSD, como acontece em relação a matérias económicas, à política europeia, Tratado de Maastricht, etc. Uma política que, caso venha a ser concretizada, irá ter profundas consequências negativas para o povo português, pois os seus resultados, serão «inevitavelmente» de agravamento das dificuldades económicas dos trabalhadores, aumento do desemprego, abandono dos sectores produtivos.

«Por que é que Guterres quer

a maioria absoluta?», perguntou Álvaro Cunhal que defendeu a ideia que tal maioria absoluta serviria apenas para garantir «estabilidade à política de direita».

Sobre a campanha propriamente dita, o camarada referiu-se por diversas vezes, de forma algo emocionada, à evidente presença de «mais e mais pessoas» nas iniciativas da CDU, facto que dá excelentes indicadores de a Coligação Democrática Unitária estar em condições de concretizar os objectivos que traçou para as legislativas.



Praça cheia em Torres Novas É chegada a hora!

■ Carlos Nabais

A bela Praça 5 de Outubro de Torres Novas, engalanada com as cores da CDU, respirava um verdadeiro ambiente de festa. Centenas de pessoas, empunhando bandeiras, concentravam-se no recinto. As esplanadas laterais estavam anormalmente cheias e nem sequer faltava o cheirinho da tenda ambulante com o forno de pão a fumar. O grupo local «Origem» introduziu os primeiros acordes do «Venham mais Cinco» dando vivas à CDU. A multidão aderiu em uníssono e os pares começaram a dançar. Estava dado o mote: alegria, entusiasmo e confiança marcariam o comício que se seguiu, e que encerrou em grande a jornada de Álvaro Cunhal, no sábado, por terras de Santarém.



O aguerrido comício em Torres Novas confirmou o bom acolhimento que as propostas da CDU estão a ter no distrito de Santarém, onde Luísa Mesquita (na foto) lidera a lista.

Passava pouco das dez da noite quando Álvaro Cunhal, Luísa Mesquita, número um da lista por Santarém, Carlos Brito, da Comissão Política e director do «Avante!», vários candidatos, autarcas e dirigentes locais do Partido, subiram ao palco para dar início ao comício de Torres Novas.

tante do nosso país como é o Ribatejo.»

Apoiado por uma assistência entusiasmada e invulgarmente numerosa, Nuno Guedelha interveio, em nome da Juventude CDU, para dizer que «já basta de provas globais, de propinas. Queremos saídas profissionais, acesso à habitação e um desenvolvimento sustentado para o distrito e para o país».

Luísa Mesquita seguiu-se-lhe no uso da palavra afirmando que «somos já esquerda necessária em seis concelhos de maioria CDU, de Norte a Sul do distrito, de Constância até Benavente, não contando com as centenas de eleitos locais nas câmaras e assembleias municipais, nas juntas e assembleias de freguesia». Contas simples feitas por Luísa Mesquita, cabeça de lista pelo círculo de Santarém, no passado sábado em Torres Novas, para explicar que bastaria renovar a votação conseguida pela Coligação nas últimas autárquicas (em que se reafirmou como a segunda força política, bem à frente do PSD), para se conseguir reforçar a sua representação parlamentar.

A necessidade deste reforço foi de resto salientado ao longo do dia, quer no almoço em S. Facundo, quer nos encontros com populações da Carregueira (Chamusca) e de Azinhaga (Golegã).

A candidata traçou um retrato «mais preto que branco» da região, referindo os gravíssimos problemas de Santarém:

«Temos uma das populações mais envelhecidas do País, a maior taxa de analfabetismo e agora recentemente ficámos com a maior mancha de floresta ardida do País.»

Acusando a governação do PSD de destruir o país, a candidata criticou também as posições coniventes do PS e do CDS/PP na Assembleia da República: «Eles aqui prometem defender a agricultura, mas os três em conjunto votaram a Política Agrícola Comum e em Bruxelas votaram um relatório que determina que se arranque o vinhedo num zona tão impor-



Muitos Jovens no almoço em S. Facundo

A destruição do aparelho produtivo e as consequências da Política Agrícola Comum dominaram as alocuções de Álvaro Cunhal no passado sábado. Logo em S. Facundo, freguesia de maioria CDU desde 1982, o dirigente comunista renovou as críticas ao PSD e ao PS por convergirem no essencial com as políticas comunitárias, que estão a

estrangular a indústria e, em particular, a agricultura.

Mas não só. Como não se cansou de explicar, o Tratado de Maastricht, que só pode ser aprovado com o votos conjuntos do PSD e do PS, impõe políticas comuns (decididas em órgãos europeus dominados por pelos países mais poderosos, caso da Alemanha, França e Inglaterra), em praticamente em todos os domínios: indústria, pescas, política externa, política de segurança, política militar.

Por tudo isto, Álvaro Cunhal repetiu o apelo para que as pessoas «pensem, façam um balanço da governação do PSD. Não decidam o seu voto por uma opção clubista».

Visando de seguida o PS, o dirigente comunista interrogou-se: «O PS quer maioria absoluta, para quê? Para fazer o que o PSD fez durante os últimos anos? (...) O voto na CDU é o voto útil, o voto certo na esquerda», declarou, recordando mais

adiante os recentes debates bipolarizados entre Nogueira e Guterres, em que as semelhanças nas diversas políticas (económica, social, política, cultural e internacional) foram evidentes.

Ainda sobre os debates, Álvaro Cunhal condenaria a discriminação a que foram votados

os comunistas e seus aliados, impedidos de apresentar em pé de igualdade as suas propostas, mas não se deu como derrotado: «Não nos calarão. Temos força suficiente para levar a nossa voz ao Povo e conseguir uma votação favorável.»

CDU é maioria em 6 concelhos

A jornada de sábado começou com um almoço em S. Facundo, uma pequena freguesia isolada, com 1400 eleitores, já muito próxima do Alto Alentejo.

Também por aqui passou a experiência da Reforma Agrária. Ocupadas as terras em Agosto de 1975, constituiu-se a cooperativa 1.º de Setembro que nos seus 800 hectares chegou a dar emprego cerca de 30 trabalhadores. Durou até 1990. Foram 15 anos de trabalho que hoje são recordados com saudade por Manuel da Conceição Costa, antigo membro da cooperativa, hoje estabelecido na aldeia com um café: «Eu já andava a adivinhar a coisa e a Lei do Cavaco veio mesmo acabar com a cooperativa. Hoje, parece que as terras já foram divididas entre os herdeiros, mas nada produzem. Meteram lá um pastor e um rebanho de ovelhas para aproveitar os subsídios CEE. Aquilo fazia falta ao pessoal cá da aldeia. Hoje para sobreviver andam no corte de eucaliptos e na construção civil. Faz pena ver tanta terra abandonada.»

É com surpresa que encontramos na aldeia um parque desportivo, e ouvimos o seu presidente, Amílcar Afaiatinho, já no quarto mandato pela CDU, relatar as importantes obras realizadas, apesar da falta de meios e do diálogo difícil com a Câmara PS de Abrantes.

O espírito de iniciativa da Junta e o esforço colectivo dos habitantes foram por isso determinantes para que a freguesia tenha melhorado a sua rede viária, disponha de água canalizada, equipamentos desportivos, postos médicos em todos os lugares, uma ambulância, e consiga proporcionar aos reformados um passeio anual suportado inteiramente pela Junta de Freguesia.

O bom trabalho dos autarcas da CDU no distrito, seria de resto salientado na Carregueira, freguesia do concelho da Chamusca. O presidente da Câmara, Sérgio Carrinho, falando para cerca de duas centenas de pessoas, observou que «se temos sido capazes de trabalhar de dia e de noite em prol das populações locais, também na Assembleia da República os deputados eleitos pela CDU são incansáveis e apesar de estarem em minoria não desistem. Com mais deputados na Assembleia da República teremos quem melhor perceba e defenda os problemas da região».

Mais tarde, em Azinhaga, concelho da Golegã, Manuel Madeira, eleito CDU à frente do executivo camarário, falaria dos importantes projectos realizados, como os esgotos pluviais e domésticos e a preocupação constante com a qualidade da água. Mas, como também referiu, «são apenas exemplos. Poderia estar aqui a tarde toda a falar do que tem sido feito». Sabemo-lo, tal como sabem as populações que não têm hesitado em dar a maioria absoluta à CDU em seis concelhos de Santarém. A verificar-se a mesma votação nas legislativas, o segundo deputado da Coligação pelo distrito estaria mais do que certo.



Encontro com a população na Carregueira

Abordando o problema da água, a cabeça de lista lamentou que os anos tenham passado e que só agora o Governo tenha dado conta da necessidade de regularizar o caudal do Tejo: «Também sobre isto podemos dizer que não acordámos agora. O PCP desde o início da década de 80 que se tem batido por um plano hidrológico nacional.»

As suas críticas centraram-se de seguida em Mira Amaral, o ministro da Indústria que encabeça a lista laranja em Santarém, acusando-o de ser «o homem que tem destruído a indústria e se declara feliz por ter destruído 50 por cento dos postos de trabalho nas empresas públicas do País. Ninguém pode votar nesta pessoa!».



Entusiasmo e confiança na Azinhaga



PCP recebe SPA

Uma delegação dos corpos gerentes da Sociedade Portuguesa de Autores, constituída pelo dr. Luís Francisco Rebelo, presidente da Direcção, pelo encenador Artur Ramos, presidente do Conselho Fiscal e pelo pintor António Casimiro, membro da Direcção, esteve no passado dia 14, na sede do PCP para expor as suas preocupações e propostas sobre os problemas que afectam presentemente os direitos de autor.

A delegação foi recebida pelos camaradas Carlos Brito, Helena Mesquita e Manuel Gusmão, todos do Comité Central e da Comissão para a Área da Cultura, que garantiram a melhor atenção do PCP para os problemas expostos.

Reabertura de Centro de Trabalho

Cerca de meia centena de militantes comunistas assistiu recentemente à reabertura do Centro de Trabalho do PCP de Alfandega da Fé, em Bragança, num edifício que já foi palco de inúmeras lutas dos trabalhadores. Na ocasião, António Morais, cabeça de lista da CDU pelo distrito, focou alguns problemas da região e garantiu que a Coligação continuará a defender os interesses das populações, acreditando que a votação na Coligação será superior à habitual.

Depois da inauguração, uma caravana automóvel percorreu a localidade, distribuindo propaganda.

Manifesto CDU de Bragança

Numa declaração à imprensa, os apoiantes da CDU do distrito de Bragança sustentam que a Coligação constitui a grande oportunidade de mudança nas próximas eleições legislativas, sublinhando a «aproximação de numerosos democratas independentes, desiludidos com a submissão do PS perante a política de direita, e novos laços de adesão da juventude». «A CDU é a força política indispensável para que o Nordeste Transmontano possa beneficiar de um autêntico desenvolvimento que, respeitando o equilíbrio ecológico, garanta uma melhoria efectiva da qualidade de vida», concluem.

Candidatos de Aveiro na Renault

Durante um encontro realizado na passada quinta-feira entre a sub-Comissão dos Trabalhadores da Fábrica da Renault em Cacia e uma delegação da CDU constituída por Manuela Silva, cabeça de lista da CDU por Aveiro, Joaquim Almeida, coordenador sindical e candidato da Coligação, e Artur Ramísio, representante da DORAV do PCP, foram focados problemas relacionados com esta unidade industrial, como é o caso do previsível despedimento de mais de duas centenas de trabalhadores contratados a prazo e a *recibo verde*, bem como a possível baixa de qualificação da produção e o desaproveitamento de mão-de-obra qualificada e de importantes infra-estruturas que a fábrica dispõe.

A delegação da CDU deu conta das diligências efectuadas na AR pelo Grupo Parlamentar do PCP e comprometeu-se a apresentar um requerimento ao Governo sobre os referidos problemas.

Contra os matadouros/PEC

Os candidatos da CDU pelo círculo de Vila Real vêm a público protestar contra a participação de Cavaco Silva na inauguração de mais um matadouro PEC da rede nacional de abate, unidades que acumulam «os negócios escuros e a corrupção, o esbulho e o desperdício de dinheiros públicos e comunitários, e os atentados contra os interesses dos agricultores e a economia nacional». No comunicado à imprensa, os candidatos colocam ainda uma questão ao primeiro-ministro: «Tendo sido constituídas para defender a produção pecuária portuguesa, como se transformaram as empresas PEC em importadoras de carne?»

Descontentamento generalizado

Numa conferência de imprensa realizada na quinta-feira, a Coordenadora da CDU de Coimbra deu conta das acções levadas a cabo no distrito durante a pré-campanha, sublinhando que o contacto directo com os cidadãos foi privilegiado, o que permitiu a confirmação do descontentamento generalizado da população com a política de direita. Foi também focado o facto de o PSD utilizar meios do Estado nas suas campanhas eleitorais e recordada a destruição das estruturas produtivas nacionais, com as suas consequências no emprego, no sistema educativo e na insegurança das populações. Por fim, foram anunciadas as iniciativas que se realizarão no âmbito da campanha eleitoral, de onde se destaca a presença de Álvaro Cunhal nos concelhos de Condeixa e Figueira da Foz, no dia 24.



Milhares na SIC contra debates a dois

Foi quarta-feira da passada semana. Milhares de pessoas concentraram-se frente às instalações da SIC para protestar contra a realização de mais um debate entre Guterres e Nogueira.

Uma delegação da CDU composta por José Casanova, membro da Comissão Política do PCP, Isabel Castro, de «Os Verdes», e Corregedor da Fonseca, da ID, entregaram a Pinto Balsemão e Emídio Rangel um protesto formal «contra a transmissão pela SIC de um debate limitado à participação dos líderes do PSD e do PS, na sequência de uma combinação e acordo entre os dois partidos e a SIC».

Já passava das 10 da noite quando o secretário-geral do PCP chegou ao local para dirigir algumas palavras aos manifestantes. Para Carvalhas, aqueles acontecimentos «mostram com clareza que o PS e o PSD já se consideram donos da democracia, do País». O dirigente comunista acusaria ainda a estação televisiva de colaborar com o PS e PSD em toda esta «fantocheda».



CAMARADAS FALECIDOS

José dos Santos

Faleceu, com 49 anos de idade, José Luís Ferreira dos Santos, fotógrafo e realizador de TV, militante do PCP desde 1975. Entre 1976 e 1990, fez parte do colectivo da SIP (depois DEP) do PCP, tendo dado designadamente, esforçadas e valiosas contribuições para a execução e montagem fotográfica das exposições da festa do «Avante!» e para a promoção e organização das exposições da «Foto-objectiva».

Ernesto Gomes

Faleceu, no passado dia 3 de Agosto, Ernesto da Costa Gomes, residente na freguesia de Laudal, concelho de Caldas da Rainha. Esteve preso pela PIDE na cadeia do Aljube em 1963.

José Luís

Faleceu, com 76 anos de idade, José Luís, militante da célula do Bairro 4, no Barreiro. Foi membro da Comissão de Moradores do B 4.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Ensino Superior Ano lectivo condicionado

Numa nota à comunicação social, a Plataforma Reivindicativa Comum do Ensino Superior apresentou os resultados de uma reunião realizada durante a passada semana com representantes das Comissões de Docentes e Investigadores.

No documento, apela-se para que cada escola não inicie actividades lectivas quando não for possível cumprir os estatutos de carreira ou os regulamentos internos e propõe-se reequacionar as condições de funcionamento do ano lectivo com base nas garantias que venham a ser obtidas do próximo Governo, realizar um debate com a participação dos quatro maiores partidos sobre o Ensino Superior, bem como um congresso e alguns debates, em que serão analisados temas como as condições de trabalho, os estatutos de carreira e remuneratórios, quadros, etc.

Denúncia pública

As consequências das privatizações foram alvo de uma acção de denúncia pública levada a cabo ontem, em Lisboa, pelas estruturas representativas dos trabalhadores do Sector Empresarial do Estado. Na Praça da Figueira esteve patente ao público uma exposição documental, com painéis alusivos a cada uma das principais empresas já privatizadas, denunciando os efeitos das privatizações na degradação ou supressão de serviços às populações, nos direitos dos trabalhadores e no emprego, bem como na economia nacional e no regime democrático. A iniciativa contou com a participação do coordenador da CGTP-IN, Carvalho da Silva.

Desemprego no Alentejo

O desemprego no Alentejo atinge mais de 40.000 trabalhadores, ou seja, 18 por cento da população activa, apesar das manobras de "limpeza de ficheiros" levadas a cabo pelas entidades governamentais, denunciou a semana passada o Secretariado Inter-Regional da CGTP-IN, reunido em Beja. Em nota à imprensa, aquela estrutura sindical denuncia as responsabilidades políticas do governo do PSD pelo continuado adiamento de apoios ao desenvolvimento da região, e alerta para a "hipócrita atitude sobre o Alqueva". Chamando a atenção para "o aproveitamento político eleitoral do PSD e as indecisões do PS, que ao longo de todos estes anos adiaram sistematicamente" o reinício da construção da barragem, a nota exige que não haja mais qualquer interrupção nas obras.

O Secretariado Inter-Regional do Alentejo da CGTP-IN protesta ainda "pelo continuado adiamento da tomada de posse dos Conselhos Consultivos do Centro Regional do Alentejo e dos distritos, exige medidas para o combate ao desemprego, designadamente através da dinamização do sector produtivo, bem como respostas concretas aos problemas e reivindicações dos trabalhadores em matéria de salários, emprego, horário de trabalho e direitos dos trabalhadores.

Lock-out na Fundição do Oeste

Os trabalhadores da Fundição do Oeste estão sem trabalho e impedidos de entrar na empresa, apesar de haver encomendas em carteira, de a mesma ser única na região e de ter na mão todo o mercado dos moldes para a indústria vidreira da Marinha Grande. A denúncia de lock-out, feita pelo Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas, levou já à intervenção da Inspeção Geral do Trabalho, que desconhecia a própria existência da empresa, já que não lhe havia sido feita a competente comunicação de início de actividade. Para a direcção sindical, que acusa ainda a entidade patronal de nos últimos tempos "tentar obter o acordo dos trabalhadores para a rescisão dos contratos de trabalho com escusa total do pagamento de indemnizações", comprova-se "que esta empresa é fictícia" e que a sua criação se destinou apenas "a encobrir o despedimento ilegal da EMIMOLD", pelo que aguarda que seja feita justiça.

Ponte sem portagem

Os portageiros da ponte 25 de Abril estão em greve desde o passado dia 15, gorada que foi mais uma tentativa junto do Ministério das Obras Públicas para desbloquear o impasse em que se encontram face ao seu futuro profissional. Num comunicado em que afirmam a sua disposição de continuar em greve até final do mês, os portageiros acusam o ministro das Obras Públicas, Ferreira do Amaral, "na sua febre inauguracionista e eleitoralista", de demonstrar "total insensibilidade" pelo problema que lhes criou com a entrega da exploração da portagem ao consórcio Lusopontes, já que "há mais de dois meses que não responde aos sucessivos pedidos de entrevista e finge ignorar que a não cobrança de portagem significa uma perda de treze mil contos diários para os cofres do Estado".

Casal em greve

Mais de 80 por cento dos trabalhadores do sector produtivo da Metalurgia Casal estiveram segunda-feira em greve, como forma de luta pelo pagamento dos salários em atraso. As dívidas aos trabalhadores, que ascendem a mais de 20 mil contos, incluem retroactivos de 1994, parte dos salários do mês de Julho, parte do subsídio de férias, e o salário do mês de Agosto do corrente ano. Os trabalhadores responsabilizam a administração pelo conflito instalado e prometem, caso a mesma não cumpra aquilo a que está obrigada, a continuar e endurecer as suas formas de luta.

Morte em Santa Apolónia

Um trabalhador ferroviário foi colhido mortalmente, no passado dia 14, na estação de Santa Apolónia, durante uma manobra de material circulante. A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários responsabiliza o Conselho de Gerência da CP e o Governo por este acidente, já que o mesmo teve "como uma das suas causas a falta de trabalhadores que hoje se verifica devido à política de redução de efectivos". A manobra que deu origem ao acidente devia ser acompanhada, segundo os regulamentos, por dois manobreadores situados a cada ponta da circulação, e não apenas por um, como se verificou, pelo que este "não tinha condições para ver que estava outro trabalhador ferroviário a executar tarefas de limpeza em plena via".

Trabalhadores exigem uma política de esquerda

O próximo Governo deve "travar os despedimentos e promover a criação de novos postos de trabalho", "combater os disponíveis e excedentes" e "criar empregos estáveis, pondo termo à destruição das empresas e à privatização do sector publico" - esta uma reivindicação que vem sendo feita de Norte a Sul do país por diferentes estruturas sindicais afectas à CGTP-IN, em que a análise da situação política e social levou à conclusão de que a política dos sucessivos governos, e em particular a praticada nos últimos dez anos pelos governos do PSD, conduziram a uma grave crise económica com dramáticas incidências na sociedade.

O apoio à Plataforma Reivindicativa recentemente apresentada pelo Conselho Nacional da CGTP-IN e a análise, por sector e por região, dos resultados da governação do PSD, são uma constante na intensa actividade sindical desenvolvida por todo o país, num momento em que a proximidade das eleições legislativas e conseqüente formação de novo Governo impõe uma reflexão sobre a política que melhor defenderá os interesses da classe operária e dos trabalhadores em geral.

A unanimidade de opiniões no respeitante aos dois temas não é mera coincidência. No primeiro caso, traduz a justeza das reivindicações apresentadas pela central sindical unitária, verdadeiramente representativa das legítimas aspirações do mundo do trabalho; no segundo caso, a constatação de que a política governamental não serve e de que é necessário criar as condições para evitar que o próximo acto eleitoral sirva ape-

nas para dar a ilusão de que alguma coisa muda, deixando tudo na mesma.

Os exemplos a impor a urgência de uma nova política sobejam. Vejamos alguns.

União de Sindicatos do Porto, em recente plenário, revelou que "só no distrito do Porto existem já mais de 74.500 desempregados e a tendência é para este número aumentar", ao mesmo tempo que a situação social no distrito continua a "degradar-se", com as empresas a "encerrar e a mandar trabalhadores para a rua sem que surjam novas unidades produtivas".

O plenário de sindicatos da FEQUIFA (Federação dos Sindicatos da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás) revelou 11 anos de governação PSD se traduziram no sector pela eliminação de "cerca de 31.000 postos de trabalho, ou seja, uma média de 2.800 por ano e 235 por mês", no encerramento de "muitas dezenas de empresas e unidades produtivas", no regresso à

prática dos salários em atraso, na nomeação de gestores para empresas públicas "com a finalidade de as degradar e desmantelar, por forma a justificar a sua entrega aos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros", pela intensificação do "domínio das multinacionais".

A União dos Sindicatos do Distrito de Évora, após um plenário de activistas, fez saber em comunicado que "o desemprego e a precariedade de trabalho na região assume proporções nunca verificadas em qualquer ponto do país, sendo hoje um problema estrutural", dramaticamente ilustrado pelos 17 por cento de desempregados do distrito, em Junho último, ou por casos como os dos concelhos de Mourão e Pórtel, os mais fortemente atingidos pelo desemprego (29 por cento e 23 por cento, respectivamente). Situações fruto de "uma política deliberada de ausência de estratégias", da "indefinição e destruição da base económica regional", da "inadequação dos actuais sistemas culturais agrícolas", da "ausência de apoios no tecido empresarial", etc., etc., etc.

Da Federação Nacional dos Sindicatos da Construção, Madeiras, Mármore e Materiais de Construção chega a informação de que "na construção civil e obras públicas não se assina uma revisão salarial desde 1991"; no sector de madeiras "em 1993 e 1994 não se assinaram contratos, e os valores assinados em 1995 são

insuficientes"; no sector dos painéis de madeira "há quase uma década que não se assinam contratos"; nos sectores corticeiro e dos mármore "a intransigência patronal não permitiu chegar a acordo" no presente ano; em todos os sectores há falta de condições de higiene e segurança, se consente a prática do trabalho infantil, do trabalho precário e clandestino, salários em atraso e falências fraudulentas.

A FESETE (Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal) denuncia que 1.400 postos de trabalho estão em vias de se perder, no sector têxtil, nos concelhos de Seia e Gouveia, estando os trabalhadores da FISEL sem receber salários desde Junho e os trabalhadores da TLC em idêntica situação, mas desde Maio, para além de não terem recebido os subsídios de férias e de Natal desde 1994.

São, como se disse, apenas alguns casos. Por todo o país, a situação multiplica-se, com as suas características próprias, de sector para sector. E cada caso tem gente dentro. Gente de trabalho, cuja subsistência depende do salário de cada mês.

Por isso, os trabalhadores lançam o alerta: é preciso mudar de Governo e de política. Na hora de votar é preciso dar o voto a quem defende os trabalhadores, não a quem os engana e explora.

Juventude Salários em baixa desemprego em alta

Vinte e seis por cento dos desempregados são jovens com menos de 25 anos, que constituem simultaneamente as principais vítimas da precariedade de emprego, denunciou a Interjovem em conferência de imprensa, na passada sexta-feira, em Lisboa. A nível de salários, a organização refere que a remuneração mensal dos jovens (entre os 14 e os 35 anos) é inferior em cerca de 22 por cento ao salário médio.

Segundo a organização de juventude da CGTP, entre 1993 e 1994 a população jovem empregada diminuiu cinco por cento, ficando, neste período, mais 38 mil jovens, dos 14 aos 35 anos, sem emprego.

A precariedade de emprego para os jovens aumentou desde que o governo PSD aprovou legislação que permite a contratação a prazo de jovens à procura do primeiro emprego, mesmo que seja para tarefas de carácter permanente, afirma a

Interjovem, para quem "os patrões ficam, assim, com as mãos livres para despedir quando e como quiserem, para pagar salários baixos, para criar constrangimentos ao exercício dos direitos, nomeadamente ao direito de organização sindical".

Além de serem os mais penalizados pelo desemprego, pela precariedade e baixos salários, os jovens são também os que mais horas trabalham, diz a Interjovem.

O documento distribuído no



encontro com os jornalistas refere, por outro lado, a sinistralidade laboral, que a organização juvenil da CGTP-IN considera "intimamente ligada à precariedade" de emprego. A comprová-lo, a Interjovem alerta para o facto de o maior número de acidentes de trabalho (27,6 por cento) se registar na faixa de trabalhadores com menos de 24 anos.

A Interjovem considera

ainda que a protecção no desemprego é praticamente nula, pois apenas um por cento dos jovens desempregados entre os 14 e os 24 anos recebe subsídio de desemprego.

A CGTP promove em Novembro uma conferência sindical sobre a situação da juventude trabalhadora, na qual deverá ser definida a política da central sindical para esta área.

Genebra

Mais de uma centena de países participa, em Genebra, numa reunião destinada a adoptar uma polémica emenda à Convenção de Basileia sobre o controlo transfronteiriço de resíduos tóxicos perigosos.

O primeiro dia dos trabalhos foi marcado pelo confronto entre apoiantes e opositores da exportação dos resíduos tóxicos dos países mais industrializados para o resto do mundo, colocando de um lado os Estados Unidos e do outro os países do Terceiro Mundo apoiados pela União Europeia.

A adopção da emenda, em debate até sexta-feira, pretende tornar vinculativa uma resolução adoptada por consenso no ano passado prevendo a interdição total e imediata da exportação de resíduos tóxicos destinados a serem eliminados dos 25 países industrializados membros da OCDE para os países não membros da organização.

A resolução prevê, ainda, a proibição da exportação para o Terceiro Mundo de resíduos destinados a serem reciclados ou passíveis de recuperação até 31 de Dezembro de 1997.

Os estados do Terceiro Mundo, reunidos no "Grupo dos 77", pretendem que a resolução seja transformada esta semana numa emenda à Convenção de Basileia, que reforce o seu carácter obrigatório e contrarie quaisquer tentativas de subterfúgio.

Tchetchénia

A Tchetchénia parece de novo mais perto da guerra do que da paz, com a aviação russa a bombardear várias aldeias da república do Cáucaso nos últimos dias e frequentes ataques de independentistas tchetchenos.

Vários bairros da capital tchetchena foram alvo de operações de "limpeza" das tropas russas. Durante os primeiros três meses de ocupação de Grozny pelas tropas russas, os habitantes da capital denunciaram numerosos casos de abusos dos direitos humanos.

Nos últimos três dias, várias aldeias foram bombardeadas pela aviação russa, nomeadamente Alkhazourovo, Rochny-Tchou e Gueri-Tchou, a sudoeste de Gronzi, ignorando-se se houve vítimas.

O acordo de 30 de Julho prevê o desarmamento dos independentistas e a retirada das tropas russas.

Haiti

Um ano após o restabelecimento do governo de Aristide no Haiti, as mudanças registadas são muito significativas. Uma das mais radicais é a supressão do exército decidida pelo presidente Jean-Bertrand Aristide,

França

Responsáveis religiosos defendem solidariedade contra terrorismo

Por iniciativa da organização SOS Racismo, realizou-se em Paris, a semana passada, uma reunião com os representantes das principais comunidades religiosas francesas, que tomaram posição comum face à vaga de atentados terroristas que se tem vindo a registar em França.

Presentes, Henri Hajdenberg, presidente do CRIF (Conselho representativo das instituições judaicas em França), Jean-Marie Lustiger, arcebispo de Paris, Louis Schweitzer, secretário-geral da Federação protestante de França, e Dalil Boubakeur, reitor da Mesquita de Paris.

Os participantes aprovaram uma declaração com um apelo à sociedade para que responda aos atentados terroristas "pela solidariedade, a coesão nacional e a força das nossas convicções".

Os actos terroristas, afirma-se na declaração, "simbolizam o que nós mais combatemos: o ódio dirigido contra os inocentes, para semear o terror pelo terror, agora até nas escolas".

"Um dos objectivos dos terroristas é claro: desestabilizar a nossa sociedade, dividi-la, virar umas contra as outras as diferentes comunidades" - denuncia-se na declaração comum.

Esta a razão de ser da reunião promovida pelo SOS Racismo.

Nas palavras de Fodé Sylla, presidente da organização anti-racista, trata-se de afirmar "que as tentativas dos terroristas para dividir a comunidade nacional não podem ter êxito".

No encontro, o arcebispo de Paris chamou a atenção para os perigos ligados ao "medo, que arrasta consigo o ódio, as mentiras e a caça às bruxas".

Seis atentados em seis semanas

Em 7 de Setembro, um automóvel armadilhado explode junto de uma escola judia, em Villeurbanne.

Era a 6ª acção terrorista, em seis semanas, numa escalada de atentados iniciada a 25 de Julho. Uma acção particularmente chocante, porque tinha crianças como alvo.

Em seis semanas, ocorreram, assim, seis atentados:

- 25 de Julho - uma bomba explode num ramal do RER B (Rede expresso regional) na estação Saint-Michel, em pleno coração de Paris, fazendo 7 mortos e 117 feridos.

- 17 de Agosto - a explosão de uma bomba de gás, colocada num caixote de lixo perto da Praça de Etoile em Paris, faz 17 feridos, 3 dos quais em estado grave.

- 26 de Agosto - é descoberta uma bomba na via Lyon-Paris, em Cailloux-sur-Fontaines (Rhône) perto de Lyon. O engenho não chegou a explodir graças a uma falha do sistema.

- 3 de Setembro - quatro mulheres ficam feridas quando da explosão de uma bomba colocada num mercado do boulevard Richard-Lenoir, em Paris.

- 4 de Setembro - é desactivada uma bomba colocada na Praça Charles-Vallin, perto de um mercado parisiense muito frequentado.

- Por outro lado, em 11 de Julho, o xeque Abdelbaki Sahrroui, co-fundador da Frente Islâmica de Salvação da Argélia (FIS) e imã de uma mesquita de Paris, é morto em plena mesquita com uma bala na cabeça, por dois desconhecidos que fugiram. Um homem que tentou interpor-se foi igualmente morto.



Crianças afastadas do local de explosão, após atentado contra uma escola confessional israelita em Villeurbanne

Fundamentalismo colhe os frutos da miséria

A sucessão de atentados terroristas em França, atribuídos a grupos fundamentalistas islâmicos - de par dos perigos sempre ligados ao decorrente reforço da acção repressiva -, veio trazer à superfície, uma vez mais, a questão de base das condições sociais.

Questão duplamente candente. Porque a miséria e a falta de perspectivas podem conduzir ao envolvimento no terrorismo. E porque a suspeição de tais envolvimento poderá agravar, mais ainda, as diversas formas de exclusão - social, étnica, religiosa.

Por isso se têm vindo a suceder em França os alertas nesse sentido.

"Empolar o carácter religioso destes atentados agradaria aos que pretendem lançar as diferentes comunidades umas contra as outras", alertou Louis Schweitzer, em nome dos protestantes franceses, no encontro com responsáveis pelas comunidades religiosas.

Fodé Sylla, do SOS Racismo, chama a atenção para a difícil situação em que vivem em França muitos jovens argelinos.

"Face à miséria social, face a estes jovens que nem sequer têm a nacionalidade francesa, que não têm condições para se dedicar às actividades que lhes interessam - sublinha -, o fundamentalismo apoia-se nas dificuldades quotidianas da vida, na situação de exclusão, no desemprego de longa duração".

As consequências da exclusão social são igualmente referidas por Adil Jazouli, sociólogo dedicado ao estudo dos subúrbios.

Tudo isto - afirma em entrevista ao "L'Humanité" - "alerta para o facto de a situação de desemprego e exclusão, que é a sorte de muitos, assim como a falta de perspectivas, deixar toda uma geração como que em suspenso, possíveis presas para os que estão interessados em empurrá-los para a violência e o terrorismo...".

O sociólogo francês lamenta que só quando "há acontecimentos violentos ou dramáticos - de uma ou outra natureza - que revelam a gravidade de uma situação" os poderes públicos se interessam pela degradação das situações e falam em tomar medidas.

Grã-Bretanha

TUC debate desemprego e salário mínimo

O Congresso da Confederação Sindical da Grã-Bretanha (TUC, Trade Union Congress), reunido em Brighthelm, teve, entre os principais temas de debate, uma proposta no sentido de introduzir, pela primeira vez na Grã-Bretanha, um salário mínimo nacional.

O actual governo conservador rejeita toda e qualquer ideia de regulamentação do mercado de trabalho, tendo mesmo recu-

sado subscrever o capítulo do tratado de Maastricht sobre questões sociais (na verdade menosprezadas também pelos governos que o subscreveram).

O Partido Trabalhista admite a ideia de um salário mínimo, a ser estabelecido por um futuro governo, após consultas com o TUC e a Confederação patronal.

Nos últimos dez anos, o movimento sindical britânico

(que há um século atrás deu origem ao Partido Trabalhista) tem vindo a perder em número de filiados e capacidade de mobilização. As delegações presentes neste Congresso representam 6,9 milhões de membros. Em 1980, os sindicatos agrupavam 13 milhões de trabalhadores.

A recessão, o desmantelamento das bases industriais, as leis anti-sindicais de Thatcher, contribuíram de forma decisiva

para esta quebra do movimento sindical, e o TUC canaliza actualmente os seus esforços para interessar na acção sindical uma nova - e naturalmente diferente - geração de trabalhadores.

O Congresso do TUC debateu igualmente a questão do desemprego, particularmente salientada, na abertura dos trabalhos, pelo secretário-geral da Confederação sindical, John Monks.

Com escassos votos contra, foi aprovada uma moção de apoio às linhas gerais da política adoptada pelo 8º Congresso da Confederação Europeia dos Sindicatos (CES), em particular no que respeita ao apelo para "um programa de investimentos centrado nas infra-estruturas, nomeadamente a protecção social, os transportes, a energia, a informática, o ambiente, a investigação e a formação".

Sudão

Manifestações em Cartum

A polícia sudanesa deteve 10 membros do Partido Comunista (PC, ilegalizado), que acusou de serem mentores das manifestações registadas na semana passada em várias cidades do país. Dezenas de estudantes estão igualmente sob prisão.

Embora os números oficiais refiram apenas três mortos e 40 feridos nos confrontos entre manifestantes e a polícia, a oposição afirma que o número de vítimas foi superior: pelo menos seis mortos e várias dezenas de feridos.

Nas manifestações, iniciadas nas universidades de Cartum, participaram cerca de 5.000 estudantes. Os protestos tive-

ram uma rápida adesão de vários sectores da população e são considerados como as mais importantes acções populares desde o derrube, em Junho de 1989, do governo de Sadek el-Mahdi pelo general Omar al-Bachir, actualmente no poder.

As manifestações começaram na universidade de Cartum, onde estudantes progressistas, que se opõem ao regime militar-islâmico, exigiram a libertação dos seus camaradas presos dias atrás.

Os manifestantes tentaram dirigir-se à sede da União dos Estudantes de Cartum, organização controlada pela junta militar e pelos fundamentalis-

tas, e foram recebidos com bastões e barras de ferro. Dos confrontos resultaram dezenas de feridos.

No dia seguinte, as manifestações alargavam-se às duas outras universidades da capital, já com a adesão de outros sectores da população, contra o regime islâmico e a sua política económica.

Os manifestantes denunciavam os aumentos de 50% dos preços do pão, anunciados no fim-de-semana anterior, a política repressiva do governo e o domínio da política de Estado pela Frente Nacional Islâmica.

O movimento popular alastrou entretanto a duas outras

cidades: Port Soudan (no mar Vermelho) e Wad Medani. As forças policiais intervieram com extrema violência, utilizando balas reais e granadas de gás lacrimogéneo.

Para a Aliança Nacional Democrática, "esta explosão é o sinal precursor de um vasto levantamento popular para derubar o regime da Frente".

O regime do general Omar al-Bachir tomou o poder apoiando-se num grupo de oficiais islâmicos e nas milícias fundamentalistas de Hassan al-Tourabi, chefe da Frente Nacional Islâmica, que se auto-intitula "papa do islamismo internacional".

O regime defronta-se com crescentes dificuldades em todos os campos: uma boa parte do orçamento de Estado é engolido com a guerra no Sul do Sudão - parte do país povoada por cristãos - contra a Frente de Libertação do Sudão.

A existência no país de campos de treino militar destinados a formar milícias fundamentalistas islâmicas em diferentes países islâmicos, isolou política e economicamente o Sudão, que neste momento regista uma dívida de 18 mil milhões de dólares e não conta com qualquer crédito para fazer face a uma ano em que as colheitas foram desastrosas.

segundo o modelo da Costa Rica, decisão que deve ser ratificada sem problemas pelo novo Parlamento haitiano. A instituição militar foi utilizada pelos golpistas, que anteriormente afastaram Aristide, numa repressão sangrenta que fez em três anos de golpe de Estado (Setembro de 1991 a Setembro de 1994) três mil mortos segundo uma estimativa da ONU.

No plano económico, o embargo internacional - de facto um verdadeiro bloqueio nos últimos meses do golpe de Estado - e que fez pelo menos 12 mil vítimas entre as pessoas vulneráveis (crianças e idosos, nomeadamente) segundo fontes religiosas e humanitárias, também acabou.

A normalização dos fornecimentos petrolíferos permitiu o recomeço do fornecimento de energia eléctrica e das reparações das infra-estruturas do país.

As sombras neste quadro são, sobretudo, o custo de vida que continua elevado, e a fraqueza persistente dos investimentos estrangeiros.

ONU

A 49.ª Assembleia Geral terminou sem se ter chegado a acordo quanto à reforma do Conselho de Segurança, nem como resolver a crise financeira sem precedentes que atravessa actualmente a organização.

O Grupo Especial de Trabalho, que desde há dois anos debate a reforma e ampliação do Conselho de Segurança (CS), continuará com os seus trabalhos até apresentar "uma qualquer recomendação" que possa levar a um acordo antes do final da 50.ª sessão. A actual composição do CS é obsoleta e reflecte a situação geopolítica do pós-Segunda Guerra Mundial: cinco membros permanentes, com direito a veto (Rússia -URSS-, França, China, Grã-Bretanha e Estados Unidos), e 10 não-permanentes, eleitos de dois em dois anos.

O único consenso até agora conseguido é o aumento do número de países, já que actualmente a ONU conta com 185 Estados-membros, bem como se devem "examinar" os seus métodos de trabalho e outros aspectos do funcionamento, para "reforçar a sua capacidade e eficácia" e dar-lhe um carácter "mais representativo".

Ainda de acordo com o Grupo de Trabalho, reconhece-se que os princípios de "igualdade soberana" de todos os Estados da ONU, distribuição geográfica "equitativa" e contribuição para a manutenção da paz e segurança, devem "orientar" os trabalhos da reforma do CS.

A "esmagadora maioria" dos países que participaram nas discussões do Grupo de Trabalho considera que se deve democratizar o CS, afirmou a Itália na assembleia, fazendo eco da posição de muitas nações, incluindo os países em vias de desenvolvimento.

Vitória da esquerda na Suécia

Os Verdes e o Partido da Esquerda obtiveram um muito significativo avanço nas eleições realizadas na Suécia, dia 17, para o Parlamento de Estrasburgo, registando-se, simultaneamente, uma sensível queda dos Sociais-democratas.

Concretamente, os Verdes triplicaram o número de votos, em relação às eleições legislativas de 1994, passando de 5% para 17,3%, e de 1 para 4 deputados no Parlamento Europeu.

No mesmo período, o Partido da Esquerda passou de 6,2% para 13,1% dos votos, e de 1 para 3 deputados.

O Centro, os Conservadores e o Partido Liberal estabilizaram. Os Democratas-cristãos sofreram algum recuo. O Partido Social-democrata registou uma acentuada quebra, passando de 45,3% para 28,5% da votação. Face a estes resultados, os Verdes e o Partido da Esquerda reclamam a organização de um novo referendo sobre a União Europeia.

Neste quadro, o Secretariado do CC do Partido Comunista Português enviou à Direcção do Partido da Esquerda da Suécia a seguinte mensagem:

Queridos camaradas,

Transmitimo-vos as calorosas felicitações dos comunistas portugueses pelo grande avanço alcançado pelo vosso Partido nas eleições para o Parlamento Europeu.

Trata-se de um sucesso com impacto no plano europeu, que encoraja as forças que, como o nosso Partido, estão empenhadas na luta contra o processo de "construção europeia" de Maastricht e por uma outra Europa de progresso, paz e cooperação entre povos e países soberanos e iguais em direitos. Estamos convencidos que o vosso sucesso eleitoral dará mais força ao Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Verde Nórdica, em que o PCP e o Partido de Esquerda, juntamente com outras forças de esquerda, têm desenvolvido uma activa e construtiva cooperação em defesa dos interesses dos trabalhadores e dos povos dos países respectivos.

Com os votos dos melhores sucessos na vossa ulterior actividade, enviamo-vos as nossas saudações fraternais.



Refugiados sérvios, num fluxo ininterrupto, abandonam as suas terras e as suas casas, face à ofensiva croato-muçulmana, desencadeada na sequência dos raids aéreos da NATO.

Registam-se também mais mortes de civis - a maioria dos mortos desta guerra. Depois das vítimas dos bombardeamentos da NATO (considerados como "efeitos colaterais") temos as vítimas dos bombardeamentos do exército croata contra as cidades sérvias do noroeste da Bósnia.

OMS contra ensaios nucleares

A Organização Mundial de Saúde (OMS) tomou posição contra os ensaios nucleares franceses.

Em conferência de imprensa, em Genebra, o director da OMS para o ambiente, Wilfried Kreisel, sublinhou que "o risco zero", invocado pelas autoridades francesas, "não existe".

"Sabemos quais são os níveis (de radiação) que podem ter efeitos sobre a saúde e provocar inquietação, e nada prova que tal não seja o caso no Pacífico Sul".

Reiner Schmidt, especialista em radiações da organização lembrou que a OMS não pode exigir de um Estado membro que forneça as informações

adequadas, e sublinha que "pode haver riscos a longo prazo, e esses locais deveriam ser sujeitos a vigilância".

Em simultâneo com este encontro com a imprensa, foi divulgado um comunicado com as declarações do director-geral da organização, Hiroshi Nakajima, quando da 46ª sessão do Comité regional da OMS para o Pacífico ocidental.

"A OMS opõe-se firmemente à produção, experimentação, acumulação, transporte e utilização das armas nucleares", afirma-se no comunicado, em que simultaneamente se defende "um mundo sem armas nucleares".

PCP saúda PC do Vietnam

Queridos camaradas,

O Comité Central do Partido Comunista Português, em nome de todos os comunistas de Portugal, envia-vos as mais calorosas saudações fraternais por motivo da passagem do 50º aniversário da vitória da Revolução de Agosto e da proclamação da República Socialista do Vietnam.

Longas e duras provas teve ainda que enfrentar o povo do Vietnam para vencer a intervenção militar imperialista que pretendia aniquilar o jovem país socialista. Mas a justa orientação do Partido de Ho Chi Minh e a heroicidade do povo do Vietnam, suscitando um extraordinário movimento de solidariedade internacionalista em todo o mundo, venceram as

mais difíceis batalhas para assegurar a sua independência nacional, a reunificação do país, o rumo do socialismo.

Hoje, em novas condições, o Partido Comunista da Vietnam, o Estado do Vietnam, os trabalhadores e todo o povo vietnamita, travam novas batalhas para conseguir o desenvolvi-

mento acelerado do país e o maior bem-estar das suas populações.

Fazendo os maiores votos de sucesso nas vossas tarefas actuais, reafirmamos os sentimentos de calorosa e fraternal solidariedade dos comunistas portugueses para com os comunistas e o povo do Vietnam socialista.

Por ocasião do 50º aniversário da proclamação da República Socialista do Vietnam, o Comité Central do Partido Comunista Português enviou ao Comité Central do Partido Comunista do Vietnam a mensagem que transcrevemos.

Enchente no Palácio de Cristal

Campanha arranca em força no Porto

Carlos Carvalho — Fortes

Foi com um Palácio de Cristal cheio que nem um ovo, a deitar por fora, que a CDU deu o pontapé de saída que marcou o início oficial da sua campanha eleitoral para as Legislativas de Outubro. Uma enchente, como há muito ali não se via, onde o entusiasmo e a alegria marcaram presença combinando-se com a confiança de quem sabe o que quer e está apostado na obtenção de um bom resultado eleitoral. Dessa vaga humana, de inegável significado político, uma primeira leitura importa desde já reter: a de que apenas a CDU assumiu o desafio de realizar um comício naquele que é o maior recinto coberto do País; por outras palavras, nenhuma outra força política, até ao momento, se atreveu a elevar a fasquia tão alto e a experimentar aquele magnífico palco numa acção de massas na capital nortenha.

Confiança no povo

E contrariamente ao que alguns chegaram a admitir (reação visível, por exemplo, por parte de alguns jornalistas que acompanham o desenrolar da campanha), o comício do último domingo na cidade Invicta nunca foi entendido pelos comunistas e seus aliados na CDU como um risco. Foi o próprio Carvalho a esclarecer a questão ao referir logo no início da sua intervenção que, longe de ser um risco, a opção por este local resultou tão-só de uma inabalável confiança nos trabalhadores e no povo do distrito do Porto.

Ao responderem com a sua presença maciça ao apelo da CDU, os muitos milhares de portuenses que se dirigiram ao Palácio de Cristal deram provas dessa recíproca confiança, testemunhando simultaneamente uma inegável afirmação de apoio - e esta é outra conclusão que não pode deixar de ser observada - à força política que corporiza o projecto capaz de garantir a desejada mudança.

Mas se este grandioso comício de arranque da campanha oficial constituiu uma afirmação da vitalidade da CDU e da sua influência e poder mobilizador, a escolha da sua realização no Porto não pode deixar de lhe ter associado um outro facto da maior importância para o qual, aliás, o cabeça de lista João Amaral chamou a atenção, com isso desmentindo os que falsamente propalaram um menor empenho da CDU no Norte: o de que a CDU "é uma grande força política nacional, com um projecto para todo o País e para todo o povo português".

Juventude em força

Foi, pois, em ambiente de festa que tudo aconteceu. A festa, propriamente dita, ao som da boa música popular portuguesa interpretada pelos "Navegante", mas também a festa que resulta espontaneamente do convívio de quem compartilha fraternalmente um mesmo projecto de luta por ideais de maior justiça social, mais liberdade e democracia. E num mar ondulante de bandeiras que enchiam o pavilhão todo ele decorado com panos e tarjas de cores quentes, falar do clima de festa que se viveu durante perto de quatro horas no Palácio de Cristal implica ainda, obrigatoriamente, falar de uma fortíssima presença juvenil, falar de muitas e muitas centenas de jovens que, como salientou Suzana Santos, "confiam no projecto da CDU" e conhecem o seu activo de realizações e provas dadas em defesa dos interesses da juventude.

Depois de uma pré-campanha em que os candidatos se desdobraram em contactos e iniciativas, onde foram crescendo os sinais de apoio e simpatia, um ambiente como o que se viveu no Porto não podia de envolver e contagiar todos os que participaram nesta grande jornada de esclarecimento e mobilização. Um ambiente de entusiasmo e grande emotividade que subiu de tom no período das intervenções políticas atingindo o rubro quer com a intervenção do cabeça de lista, João Amaral, quer com a do Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalho (ver extractos nestas páginas). A anteceder-los, com intervenções igualmente muito aplaudidas, estiveram Ilda Figueiredo (PCP), José Reina (ID), Isabel de Castro ("Os Verdes") e Suzana Santos (Juventude CDU).

(...)

Já o dissemos noutras ocasiões mas voltamos a repeti-lo aqui no Porto no primeiro dia oficial de campanha. Há para aí quem goste muito de apresentar e noticiar as nossas críticas e chamadas de atenção em relação ao propósito do PS de manter as grandes linhas da política de direita como se essas críticas fossem fruto de embriração ou má vontade. E o Eng^o Guterres volta não volta vai mais longe e afirma que nós não atacamos o PSD e só atacamos o PS.

Quanto à fantasia de não atacarmos o PSD, todos os que têm acompanhado a nossa acção política ou assistem às nossas iniciativas sabem qual é a verdade.

Por isso, nos bastará dizer, pura e simplesmente, que tanto nesta campanha como aliás em cada semana dos últimos quatro anos que a separam da anterior, tomara o PS ter dedicado ao combate ao PSD e à sua política um décimo do esforço, do espírito de sacrifício e da generosidade que o PCP concentrou e concentra no combate ao PSD, ao seu governo e à sua política, e isto tanto na AR como na rua, nos campos e nas fábricas.

Quanto à inventada embriração e à má vontade, basta-nos dizer duas coisas.

A primeira é que se as nossas críticas são preconceituosas, infundadas e malévolas então desmintam-nas em concreto, uma a uma, porque nessa altura estaremos mais uma vez disponíveis para citar de novo, em concreto, e uma a uma, todas as afirmações de dirigentes e candidatos do PS que representam, sem margem para dúvidas, a mais completa confissão de que, no entender do PS, as decisivas opções da política de direita são para manter e continuar.

A segunda é que, se há pessoas que julgam que tudo na política é um jogo de palavras e de tácticas, essa não é nem a nossa opinião nem a nossa atitude, e é por isso que para aqueles que continuam a fazer de conta que não nos percebem, aqui lhes dizemos que, nesta matéria, o que está em causa não são jogadas eleitorais, mas as condições de vida e os interesses dos trabalhadores e do povo, o seu

emprego e os seus salários, os seus direitos sociais e as suas aspirações que não merecem a continuação da política de direita e bem merecem uma nova política.

O que os eleitores de esquerda têm de saber é que hoje somos nós que chamamos a atenção para as semelhanças mais graves entre a política proposta pelo PS e a política praticada pelo PSD, enquanto o PS, na sua campanha, procura escamotear essas semelhanças.

Mas amanhã, se o PS viesse a ser governo sozinho ou aliado à direita, se o PS ficasse com as mãos livres à sua esquerda, o que aconteceria é que, face ao descontentamento e frustração dos seus eleitores com a continuação da mesma política, seria então o PS a vir lembrar que tinha dito tudo quanto agora esconde e que quem tinha votado no PS sabia muito bem que não tinham prometido grandes mudanças.

Há uma maneira de os eleitores de esquerda não virem a passar por esta situação de verem os seus votos no PS serem usados para justificar e legitimar a continuação da política de que se querem livrar e de verem os seus votos no PS serem usados como arma de arremesso contra o seu futuro descontentamento.

Mesmo para os que possam discordar de nós em algumas coisas, essa maneira chama-se voto na CDU, o voto na esquerda necessária para dar a volta a isto!

Camaradas, são conhecidos os programas do PS e do PSD.

Diferenças certamente se encontram - no estilo, na dimensão dos textos, na perspectiva com que são analisados os problemas do país, mas quando se buscam as propostas em relação às principais questões, afastando roupagens demagógicas, o que verdadeiramente sobressai é a convergência nas orientações de fundo no plano económico e social.

Tomemos, por exemplo, a questão do desemprego.

Daria para rir, se não se tratasse de uma situação tão grave, que o PSD, o partido que é responsável pela existência de 421 mil desem-

pregados, dos quais 207 mil são desempregados de longa duração, segundo os dados de Julho do IIEFP, venha agora na campanha eleitoral proclamar que «o essencial são as pessoas» e que «criar emprego constitui a (sua) primeira prioridade». E repetir receitas que temos ouvido todos os anos com os resultados que estão à vista de toda a gente.

Mas o PS, por sua vez, diz assumir o «objectivo emprego» como «objectivo estratégico». Enuncia depois uma política económica absolutamente oposta à concretização de tal objectivo, por se encontrar amarrado - do mesmo modo que o PSD - ao dogma da participação de Portugal na União Económica e Monetária, com a subordinação de Portugal aos rígidos critérios de convergência nominal de Maastricht e à moeda única europeia em 1999.

Por isso o PS vai deixando ver nas entrelinhas que a concretização dos objectivos que devem presidir à política de emprego «enfrentará condições difíceis em Portugal» e um «esforço redobrado de concertação estratégica entre o governo, os partidos e todos os agentes do desenvolvimento». Ao mesmo tempo que vai adiantando que «nos sectores expostos à concorrência internacional não é mais possível continuar a adiar reestruturações para proteger postos de trabalho».

Isto é, com o PS o desemprego vai continuar.

É, aliás, o ministro, sombra para a economia do PS que diz que nos próximos anos o emprego vai crescer pouco, ou seja, que os novos empregos não vão alterar os índices de desemprego.

Depois de encher páginas e página do programa eleitoral com o tema da solidariedade, é esclarecedor que o PS assuma na parte económica o mais clássico e refinado figurino neoliberal. Em nome da superação de «uma relação de perversa interferência do Estado na vida económica» são sustentadas as teses de que «a divisão entre o Estado e o mercado basear-se-á no princípio geral de que a afectação dos recursos é realizada pelo mercado» e de que «o governo não perde tempo nem gasta recursos com problemas que lhe não competem ou não pode resolver».

A velha mão invisível de Adam Smith que comandou a política da sr^a Thatcher e de John Major inspira e comanda agora as propostas do PS. É incrível, mas é infelizmente verdade.

Diz o PSD no seu programa eleitoral que «o processo de privatização das empresas do sector empresarial do Estado deverá ser prosseguida com determinação, incluindo-se neste domínio a possibilidade de concessão de serviços públicos à exploração privada».

Diz o PS igualmente no seu programa eleitoral que «um governo do PS continuará, com determinação e clareza, a política de privatizações».

Ontem, um dos seus economistas declarou numa entrevista que a privatização da Caixa Geral de Depósitos seria um sucesso. Um sucesso certamente para os grandes senhores do dinheiro, mas não para os trabalhadores da Caixa, nem para a economia nacional.

Mas se observarmos as grandes linhas propostas na área social, a convergência de fundo entre a política do PSD e do PS, não é menos inquietante.

Na área da saúde, por exemplo, a coincidência de políticas é tão extensa, que o actual Ministro da Saúde, em artigo publicado no Jornal de Notícias, queixava-se que o PS tinha plagiado a política do seu Ministério. Tem o dr. Paulo Mendo inteira razão neste caso. Com a agravante da cópia ser tão má como o original.

Defende o PSD «a transformação gradual do Financiamento do Sistema Nacional de Saúde num sistema misto» - o que significa, nomeadamente, que a maior parte dos utentes do Serviço Nacional de Saúde deveriam passar a custear uma parte significativa da prestação de cuidados de saúde. É a aplicação do conhecido princípio que um ministro do PSD popularizou de que «quem quer saúde paga-a», a que se lhe poderia juntar «quem quer ensino que o pague» e se quiseres pagar menos impostos torna-te rico.

Em suma, e como o PCP tem vivamente denunciado, a perspectiva do PSD é a da destruição do Serviço Nacional de Saúde e do desenvolvimento, em sua substituição, de um sistema puramente residual e caritativo de prestação de cuidados de saúde para os pobres, a par do mercado capitalista de prestação dos cuidados de saúde para os trabalhadores e restante população.

Também em relação à educação nós não precisamos de andar à pressa a remendar o Programa Eleitoral para dizer que vamos suspender as propinas.

Lutamos contra elas e vamos mais longe!





razões de confiança

Queremos o fim das provas de aferição
Queremos o fim dos *numeros clausus* na Universidade Pública
Queremos dar prioridade à escola pública
Queremos uma rede oficial de pré-primária.

E valerá também a pena lembrar que nós não somos dos que dizem uma coisa em Portugal e fazem outra em Bruxelas ou Estrasburgo, como acontece não só com o PS e o PSD mas também e muito com o CDS/PP.

Sim, porque há um grande silêncio à volta disso, mas aqueles que ouvem as tiradas de Manuel Monteiro sobre a Europa, contra Maastricht, contra Schengen, sobre o desastre das pescas e da agricultura nacionais, devem todos ficar a saber:

- que o CDS/PP aprovou na AR toda a legislação sobre Schengen;

- que o Manuel Monteiro que há três semanas reclamava que Portugal abandonasse a Política Comum de Pescas é o mesmo Manuel Monteiro que em 15 de Dezembro, às 11 e um quarto da manhã, no Parlamento Europeu, votou a favor de um relatório visando a antecipação para Janeiro de 1996 da integração de Portugal na Política Comum de Pescas que estava perspectivada apenas para 2002;

- que o CDS/PP que tanto fala contra Maastricht é o mesmo CDS/PP que no dia 2 de Março deste ano, na Assembleia da República, e ao lado do PSD e do PS, votou a favor de uma Resolução definindo as posições do Parlamento sobre a revisão do Tratado de Maastricht que não contém a mais pequena ideia de rectificação do desastroso caminho consagrado naquele Tratado;

- que o CDS/PP que tanto chora sobre as reais dificuldades dos nossos agricultores é o mesmo CDS/PP que no Parlamento Europeu votou a favor do relatório Fantuzzi que permite a fabricação do vinho a martelo pelos países do Norte da Europa e cria gravosas limitações e dificuldades à produção nacional de vinho.

Basta de tartufismo

Basta de hipocrisia

Basta de mentiras

Camaradas,

Nós não andamos a semear promessas, não andamos a piscar os olhos aos trabalhadores e a prometer a mesma política aos grandes senhores do dinheiro, nem apresentamos como fácil aquilo que é reconhecidamente difícil - resolver bem e com justiça os problemas do país e satisfazer as aspirações dos portugueses.

A proposta que apresentamos aos portugueses é uma proposta responsável para uma mudança autêntica e pela esquerda da orientação política do país. É a proposta de uma nova política que rompa decididamente com a política de direita que tem comandado a acção dos governos do PSD, sozinho ou acompanhado pelo PS e pelo CDS/PP.

Afirmamos que é preciso uma nova política que assegure uma mais justa distribuição da riqueza, o respeito pelos direitos dos trabalhadores e que dê combate decidido à excessiva e chocante concentração de fortunas e capitais acumulados à custa do erário público, do dinheiro do Orçamento, dos fundos estruturais, da exploração de quem trabalha, do agravamento da pobreza e das desigualdades sociais, do escandaloso crescimento da corrupção, do compadrio e do saque dos sectores produtivos pelo grande capital financeiro.

Afirmamos que é preciso uma nova política de distribuição dos recursos do Estado que assegure mais justiça fiscal e penalize menos os rendimentos do trabalho, que garanta o melhor cumprimento das suas obrigações sociais em vez da condenável transformação de direitos fundamentais dos cidadãos - o direito à saúde, à educação, à protecção social - num mero negócio privado.

E por isso dizemos...

Afirmamos que é preciso uma renovação democrática do Estado, que acabe com o escândalo do SIS sem controlo, transformado numa espécie de polícia política às ordens do governo, precisam de uma política que assegure a participação e a confiança dos cidadãos, que promova rapidamente a criação das regiões administrativas, que garanta a efectiva modernização e transparência da Administração Pública.

Afirmamos que é preciso uma nova política de firme defesa dos interesses nacionais, recusando o caminho de Maastricht que PS e PSD querem impor aos portugueses e que significaria a continuação da ruínoza política de direita actual. Afirmamos que há outro caminho, pela esquerda e connosco, para defender a sério, com firmeza e dignidade, os interesses de Portugal na União Europeia.

E por isso dizemos...

Afirmamos que os portugueses não estão condenados a escolher entre PS e PSD, entre a Coca-Cola e a Pepsi-Cola, para que tudo continue no essencial na mesma em nome duma falsa estabilidade, nem têm que aguentar a cada vez mais insuportável lenga-lenga demagógica e populista com que o CDS-PP tenta esconder o seu projecto autoritário, xenófobo e ultra-reaccionário.

E por isso dizemos, num momento em que outros, depois de terem metido o socialismo na gaveta, agora sacrificam os valores da esquerda à sacralização do mercado, às políticas de Maastricht, à exaltação do individualismo e do salve-se quem puder, matizados com umas lamentações sociais para consumo eleitoral, o PCP e a CDU fazem nestas eleições a diferença necessária, afirmam-se nestas eleições como a grande força política de esquerda, indispensável para uma nova política ao serviço do povo e do País.

Camaradas,

Nesta campanha vamos apresentar-nos sobretudo pela positiva, com as nossas propostas, medidas e a nossa coerência e encaramos a

próxima batalha eleitoral com grande serenidade, determinação e confiança.

Não porque possamos competir com os outros nos meios financeiros, que lhe são facilitados pelos grandes senhores do dinheiro, mas porque esses nem de perto nem de longe poderão competir connosco no empenho de todos vós, na vossa acção militante e sobretudo nas razões da nossa luta, na força das nossas convicções, na justeza das nossas propostas e medidas. E o Norte, estamos convictos, vai dar uma grande contribuição ao reforço da CDU, vai dar uma grande contribuição para a concretização de uma nova política, uma política de esquerda, ao serviço do Povo e do País.

Estamos em todo o País com uma grande confiança, porque ao contrário de outros que andam agora a prometer o que nunca fizeram ou pensam fazer, o que temos vindo a defender está em coerência com o que sempre temos feito e com o que queremos fazer no futuro.

Com grande confiança, porque ao contrário de outros não precisamos das campanhas eleitorais para estarmos ao lado dos explorados, para estarmos preocupados com as dificuldades dos reformados, com os baixos salários, as limitações dos direitos dos trabalhadores e as bolsas de pobreza, as discriminações de que são vítimas as mulheres, as faltas de perspectivas para a juventude, porque ao contrário do PSD, do CDS e do PS, não esperamos pela pré-campanha eleitoral para estar lá, nas lutas dos estudantes e professores, nas lutas dos trabalhadores da saúde, dos magistrados, dos polícias, nas lutas dos agricultores, dos utentes da Ponte 25 de Abril, na luta dos trabalhadores da Manuel Pereira Roldão, da Renault, da Torralta, das Minas do Pejão e de Aljustrel, com os trabalhadores do S.T.C.P., da Paracélcia, da Companhia Portuguesa de Cobre, da EDP, da Gabor, da Nerfil, da Lusandesa, da Jefras, dos funcionários judiciais, dos pescadores de Matosinhos, dos trabalhadores Aduaneiros, dando combate aos despedimentos, não guardámos para agora a nossa identificação solidária com os trabalhadores da Banca e dos Seguros e de tantos outros, contra o desmembramento ou privatização das empresas, não esperamos para lá estar na devida altura com os trabalhadores da Telecom, da TAP, dos Estaleiros Navais de Viana, ou com os ferroviários, para travar o assalto aos direitos consagrados no contrato colectivo, para estar com os trabalhadores têxteis, da metalurgia, das indústrias eléctricas, dos químicos, da hotelaria, da construção civil, na luta pelo horário semanal das 40 horas, não nos limitámos aos debates, às propostas no Orçamento de Estado para dar voz solidária e corporizar as reivindicações e aspirações dos trabalhadores da Administração Central, Regional e Local.

Não calámos ou hesitámos no nosso combate aos pacotes laborais, à ameaça que decorreu sobre o direito à greve e das comissões de trabalhadores. Como Partido da classe operária e dos trabalhadores, foi no pulsar dos seus sentimentos, preocupações, problemas e aspirações, que a CDU e o PCP decidiu da essência e conteúdo das suas propostas, duma nova política, para que, a par dos jovens, dos reformados, dos agricultores, dos intelectuais e quadros técnicos, dos pequenos e médios empresários, sejam eles os principais destinatários e beneficiários do progresso e do desenvolvimento da nossa Pátria.

Confiança porque a CDU apresenta candidatos - que aqui saudamos fraternalmente - profundamente ligados à causa dos interesses populares e que dão plena garantia de exercerem os seus cargos, não para obter vantagens pessoais, mas ao serviço das aspirações dos cidadãos.

Confiança também, porque apresentamos propostas e soluções e somos detentores de um valioso projecto onde o ser humano está no centro das nossas preocupações e porque o nosso Partido e a coligação democrática é constituído por um grande, coeso, combativo e generoso colectivo, que conta com milhares de quadros com grande experiência e preparação política. São estas as razões fortes da nossa confiança!

Confiança que temos também alicerçada na simpatia, no apoio e na adesão às nossas propostas que temos verificado no Norte, no distrito do Porto, e em todo o País.

Uma grande confiança, porque a CDU é um grande espaço de liberdade e de intervenção, porque a CDU é a esquerda necessária para uma nova política e porque o nosso Partido é o grande partido da esquerda. O Partido da liberdade e da esperança. O Partido da alternativa.

E porque a CDU, a Coligação Democrática Unitária, é a grande via de mudança, a mais sólida garantia de uma nova política.

Com força o Norte vai derrotar o PSD e reforçar a CDU!

João Amaral Um projecto nacional

te de ideias e projectos ao espectáculo. Por isso já propusemos que aqui no distrito do Porto se realizassem

Debates entre as listas das quatro forças com representação parlamentar. Quereis saber o resultado da nossa proposta? O PS não aceitou. Percebe-se porquê: o candidato Fernando Gomes prefere continuar a aparecer publicamente misturando a qualidade de candidato com as funções de Presidente da Câmara, mesmo sabendo que a lei o obriga a suspender as suas funções na Câmara e que por isso está a actuar ilegalmente!

(...)

O povo diz «basta» a esta política e quer a mudança. No Porto, esta foi a política que levou a que nos dois últimos anos a média de aumento do desemprego fosse no distrito o dobro da média de aumento a nível nacional. Foi a política que liquidou e estrangulou centenas de empresas, em sectores tão importantes como é no distrito o têxtil, o vestuário, o metalúrgico. Foi a política que centralizou as decisões no Governo e deixou ao Porto atrasos estruturais totalmente inaceitáveis, como é o caso do saneamento e despoluição das águas. (...)



(...)
Escolhemos, para abrir o período oficial da campanha eleitoral da CDU, a cidade do Porto, com este grande comício, e assim respondemos àqueles que intentaram falsamente ver um menor empenho da CDU aqui; a verdade é outra: a verdade é que a CDU é uma grande força política nacional, com um projecto político para todo o país e para todo o povo português e, sendo o distrito do Porto um dos mais importantes do país, ele será sempre para a CDU um distrito essencial, um objectivo prioritário. Como poderia ser de forma diferente, quando desde há dezenas de anos que não há luta nem conquista democrática aqui no distrito onde não estivéssemos estado presentes e actuantes com todo o nosso empenho, com toda a nossa força, com toda a nossa convicção? Não tenha ninguém qualquer dúvida: empenhar-nos-emos nesta batalha eleitoral aqui no Porto, com toda a nossa energia, porque sem o Porto democrático e sem a sua força e participação, não será possível a mudança que a CDU propõe e defende. Vamos reforçar a CDU-Porto, para dar força à mudança!
Empenhamo-nos numa campanha eleitoral que seja antes de tudo esclarecedora. Preferimos o deba-

«O mundo do trabalho»



Dirigentes e delegados sindicais, membros de CTs, activistas e trabalhadores do distrito de Lisboa afirmaram a necessidade de completar com o voto na CDU a luta travada dia a dia nas empresas e sectores

Ao fim da tarde de quarta-feira da semana passada, poucas horas antes da manifestação de protesto contra a reincidência, desta vez pela Sic, na discriminação dos debates pré-eleitorais só para dois partidos, umas

centenas de homens, mulheres e jovens com intervenção nas estruturas de trabalho e reuniram-se num hotel de Lisboa para, publicamen-

te e em colectivo, manifestarem o seu apoio à Coligação Democrática Unitária e o seu empenho em participar activamente na campanha eleitoral e ganhar para a CDU mais votos de quem vive do trabalho.

De entre os participantes, o dirigente metalúrgico João Silva chamou à tribuna os candidatos da CDU por Lisboa que são oriundos do mundo do trabalho - Alexandrino Saldanha, Florival Lança, Manuel Correia, Célia Portela, Mário Jorge, Arménio Carlos, Paulo Trindade, Paulo Sucena, António Tremoço, Fernanda Dias, Felicidade Montoito, Artur Malheiro, Rosa Saúde Coelho, José Martinez e Rosa Rabiães - e ainda Alexandre Teixeira, do CC e da DORL do PCP, Luís Sá e Carlos Carvalhas.



Estamos em condições de pedir

Intervenção de Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP e cabeça-de-lista da CDU por Lisboa, no encontro «O Mundo do Trabalho Apoia a CDU» (título e subtítulos da Redacção)

(...)

Foram os trabalhadores, as suas organizações, os seus sindicatos e Comissões de Trabalhadores que, através da denúncia, do protesto e da luta maiores contribuições deram para desmascarar este governo e para demonstrar o fracasso da política de direita e as suas consequências nefastas no plano económico e social.

Essa denúncia, esse protesto e essa luta de resistência contra os despedimentos, as rescisões forçadas, o bloqueio à contratação colectiva, a imposição de baixos salários, a ofensiva aos direitos individuais e colectivos tanto na Assembleia da República, como nos locais de trabalho, foram factores insubstituíveis para isolar o Governo do PSD e provar que a sua política não serve nem aos trabalhadores nem ao país.

Os trabalhadores não se limitaram à luta de resistência e muito menos à luta pela luta. Apresentaram propostas. As suas reivindicações e aspirações mais sentidas, que a CGTP procurou consubstanciar na sua plataforma, vieram colocar uma questão central nestas eleições: a necessidade de se mudar de rumo. Que é a necessidade de uma nova política que resolva os problemas e considere o homem como o principal destinatário e beneficiário do progresso e do desenvolvimento.

Programa Eleitoral com garantia

O nosso Programa Eleitoral, a nossa acção política, incorporam tal objectivo como uma trave-mestra pelo qual nos batemos hoje e nos bateremos depois do dia 1 de Outubro.

A melhor garantia que pode avalizar o nosso Programa e as nossas propostas está naquilo que fomos, fizemos e propusemos na Assembleia da República, nos locais de trabalho, nas horas boas e nas horas más com os trabalhadores e a sua luta.

Na Assembleia da República, dando combate aos sucessivos pacotes laborais, às alterações gravosas à lei dos despedimentos e à lei da greve, propondo, através de iniciativas legislativas, ou nos debates do Orçamento de Estado, a redução do horário semanal de trabalho, o reforço das pensões e indemnizações para os sinistrados do trabalho, o reforço das verbas para o aumento das pensões e reformas, para dar eficácia e celeridade à justiça e à inspecção do trabalho, confrontando o Governo com interpelações e centenas e requerimentos.

E, porque estamos em campanha eleitoral e vemos agora as outras forças políticas a solicitarem encontros com trabalhadores, importa lembrar que a porta do Grupo Parlamentar do PCP, assim como a dos nossos aliados dos «Verdes» e da ID, foi a única que esteve sempre aberta e solidária para com as delegações de trabalhadores. A única força que na tribuna da Assembleia da Repú-

blica deu expressão e dimensão aos problemas, às aspirações e à luta das classes laboriosas. Mas fizemo-lo porque, para além da frente institucional, também estávamos solidá-

rios e a participar activamente na luta dos estudantes, dos professores, dos polícias, dos médicos, dos magistrados, dos enfermeiros e tantos outros, na luta dos trabalhadores da Renault ou da Sorefame, dos Cabos Ávila ou da Siderurgia, da Lisnave ou da Setenave, da Quimigal ou da EDP, da Administração ou dos Aduaneiros, da Torralta ou da Cima, da TAP ou da RN, da Caris, da Telecom ou da CP...

duração, tornou-se num dos mais graves problemas socioeconómicos.

A maior parte das promessas de combate ao desemprego que por aí ouvimos não passa de pura demagogia eleitoralista.

Um partido como o PSD que, em vez da criação de 100 mil postos de trabalho prometidos nas últimas eleições, nos deixa uma herança que se traduz no aumento de mais 100 mil desempregados, não tem autoridade nem credibilidade para falar no combate ao desemprego.

Também as promessas do PS de combate ao desemprego não podem ser tomadas a sério. E não podem, pela simples razão do PS se propor seguir o mesmo rumo da política económica e social neoliberal que em Portugal e por essa Europa fora se traduz em pior emprego e mais desemprego.

Para o PCP, para a CDU, o combate ao desemprego é uma das principais prioridades. Este combate deve ser uma questão central de uma nova política económica e exigirá que um futuro governo democrático rompa radicalmente com as políticas que até hoje têm sido seguidas.

Esta é uma questão fundamental que deverá estar em debate nesta campanha, que deverá mobilizar os trabalhadores, uma questão com a qual deverão ser confrontados os que se propõem prosseguir a mesma política.

O PCP e a CDU recusam toda e qualquer política dita de

combate ao desemprego assente na precarização do emprego, na redução dos salários reais, na degradação da segurança social e na limitação dos direitos dos trabalhadores. A insistência nessa política só trará mais desemprego e mais miséria.

Para combater o desemprego, o PCP e a CDU defendem uma política radicalmente diferente, uma política que faça da melhoria das condições de vida dos trabalhadores e do nosso povo um instrumento de desenvolvimento económico, uma política que não baseie a competitividade da economia na desvalorização da força de trabalho, mas antes na sua formação e qualificação.

Neste combate há uma questão que não é ultrapassável: a necessidade de parar com os processos de destruição do nosso aparelho produtivo, da nossa indústria, da nossa agricultura e das nossas pescas, parar com as escandalosas privatizações e a irracionalidade dos desmembramentos contrários a uma verdadeira reestruturação e modernização das empresas e unidades produtivas. Sem isso, falharão todos os planos de emprego, e nenhuma medida avulsa constituirá solução positiva e duradoura.



Solidários, activos e participantes através de vós, que nas Comissões de Trabalhadores, nos Sindicatos, nas Federações Sindicais e na CGTP-IN, na frente unitária, dais o vosso melhor em defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores. É um capital de prestígio e influência social inigualável que nos deve animar e dar confiança para alcançar o nosso objectivo de reforçar o PCP e a CDU.

Esta iniciativa constitui um momento importante para reafirmar e divulgar as nossas propostas: emprego, salários, redução dos horários semanais de trabalho, trabalho com direitos.

Combater o desemprego com outra política

Como é sabido, o desemprego, pela sua dimensão e estrutura, nomeadamente pelo facto de crescer o desemprego de longa

apoia a CDU»

«Não pode haver melhor momento que estar entre trabalhadores e sindicalistas», congratulou-se Luís Sá, frisando que «para o PCP, o seu Grupo Parlamentar e os seus deputados, os problemas dos trabalhadores foram uma prioridade» ao longo de toda a legislatura.

O deputado e dirigente comunista, que é o segundo nome na lista da CDU em Lisboa, recordou que os eleitos do PCP foram os que mais produziram na Assembleia da República, «sem comparação com qualquer outro partido», e «uma grande parte das questões levantadas dizia respeito a problemas de trabalhadores».

Apelando ao voto na CDU, Luís Sá notou que «quando os trabalhadores se sentem em dificuldades, voltam-se para o PCP e sabem que aqui encontram resposta

e acolhimento», reafirmando depois o «compromisso de continuar a ser o partido que tem e vai continuar a ter canais abertos com os trabalhadores».

Depois da declaração lida por Carlos Carvalhas - aplaudida de pé prolongadamente - e que reproduzimos nestas páginas, João Silva, concluindo, considerou a iniciativa como mais uma demonstração «do empenhamento de todos na campanha eleitoral e no reforço da votação na CDU».



o voto dos trabalhadores

Damos um exemplo concreto. O Eng. Guterres afirmou na TAP que a solução seria a privatização e parceria com o capital estrangeiro, concluindo da inevitabilidade da redução dos postos de trabalho. Não classificou essa redução de despedimentos. Mas a solução é desperdiçar mão-de-obra qualificada, forçar rescisões e atingir homens e mulheres válidos para a produção com o sentimento da inutilidade subsidiada.

Nós defendemos o incentivo e o apoio ao investimento produtivo penalizando a especulação financeira. Nós defendemos a articulação do ensino com uma verdadeira formação profissional capaz de garantir a evolução dos conhecimentos e da valorização profissional tanto dos jovens como dos trabalhadores de empresas em processo de reestruturação.

Melhores salários e 40 horas com direitos

A garantia do aumento dos salários reais, uma repartição mais justa da riqueza, aumentando a parte do trabalho no rendimento nacional, invertendo a tendência dos últimos anos, é pedra de toque de uma política económica e social de verdadeira justiça social, uma política que deverá ser articulada com o aumento e revalorização da função social do salário mínimo e com a defesa e valorização da produção nacional.

Sectores do grande patronato, de novo, reclamam maior desregulamentação das relações laborais, de novo reclamam novas alterações à legislação laboral. Queremos tornar claro que o PCP e a CDU se opõem a novos ataques aos direitos dos trabalhadores e reclamam que se ponha cobro à desregulamentação escandalosa das relações laborais.

O PSD, faltando às suas próprias promessas eleitorais e compromissos governativos, recusou-se a aplicar a redução do horário de trabalho, inclusive votando contra a iniciativa legislativa do PCP no sentido da entrada em vigor das 40 horas semanais como horário máximo.

A redução do horário de trabalho é uma necessidade social e uma aspiração dos trabalhadores e das trabalhadoras, tornada possível pelo crescimento da produtividade do trabalho e que, por isso mesmo, se torna uma medida importante para o combate ao desemprego.

Como temos afirmado nesta campanha e aqui reafirmamos perante vós, o PCP toma o compromisso de rerepresentar na

Assembleia da República o projecto de lei sobre o horário máximo de 40 horas semanais.

Defender a Segurança Social com medidas eficazes

Para o PCP, para a CDU, uma política de verdadeira justiça social deve concretizar e reforçar os inalienáveis direitos sociais. Rejeitamos e combatemos as políticas tendentes à mercantilização dos serviços sociais básicos e à desresponsabilização do Estado nesta área, por injustas e contrárias ao desenvolvimento do País.



Esta política, que o PSD tem seguido e que o PS se propõe prosseguir e mesmo aprofundar se porventura vier a assumir responsabilidades governativas, terá a nossa frontal oposição.

Não se realiza uma verdadeira política social reduzindo as responsabilidades do Estado em matéria social a meras funções caritativas e transformando o social numa fonte de chorudos negócios para o grande capital.

Perante os trabalhadores coloca-se hoje a tarefa inadiável de lutar contra as políticas que ameaçam destruir o sistema de segurança social, direito fundamental inseparável da função e responsabilização do Estado.

Para o PCP, para a CDU, o sistema de segurança social foi uma grande conquista dos trabalhadores e das forças progressistas. Este direito deve ser defendido e aprofundado. Os trabalhadores, o movimento sindical e as forças de esquerda consequentes devem mobilizar-se para dar combate aos projectos de liquidação da segurança social.

O PCP e a CDU consideram que é necessário repensar o sis-

tema de financiamento da segurança social, mas não é para o liquidar, mas para o melhorar, para o reforçar, é para cumprir a sua verdadeira função de solidariedade e de redistribuição da riqueza a favor dos mais desprotegidos.

A defesa da segurança social exige que se adoptem medidas eficazes de combate às dívidas e à evasão contributiva, exige que o sistema de financiamento deixe de incidir apenas sobre o emprego e os salários.

Compromisso claro com os trabalhadores

O PCP, a CDU assumem o compromisso de não só dar combate à política de destruição da segurança social, mas também lutar por mais e melhor segurança social, por um sistema que combata as exclusões sociais, que faça desaparecer os pesadelos da vida futura de quem trabalha.

Na legislatura que agora terminou, o Grupo Parlamentar do PCP defendeu que fosse garantido um rendimento mínimo de subsistência a todos os cidadãos. Nesta campanha renovamos esse compromisso, mas defendemos igualmente que as pensões mínimas sejam efectivamente aumentadas. Trata-se de uma medida de grande alcance social, essencial para a melhoria das condições de vida de uma larga camada a viver em precárias condições. Trata-se de uma indispensável medida de justiça e solidariedade para todos os que, com o seu trabalho, serviram a sociedade e agora não devem ser condenados a uma vida de miséria e sofrimento.

Reapresentaremos, com as alterações resultantes da consulta pública, as iniciativas legislativas referentes à sinistralidade do trabalho, às pensões e indemnizações dos acidentados e vítimas de doenças profissionais.

Assumimos o compromisso inequívoco de defender o trabalho com direitos como questão intrínseca da própria democracia, considerando os trabalhadores e as suas organizações como protagonistas activos e participativos em relação aos problemas da sociedade.

Nesta fase da campanha eleitoral há um facto relevante, indelével e clarificador: só o PCP e a CDU apresentaram, com rigor e sem subterfúgios e equívocos, as propostas que correspondem às reivindicações e aspirações fundamentais dos trabalhadores e das suas organizações representativas.

Assim haveria de ser, camaradas e amigos: a sua essência e o seu suporte residem no património das propostas do PCP e da CDU e são a expressão mais genuína do património da luta reivindicativa que tendes vindo a travar ao longo de muitos anos.

Por isso estamos confiantes. Por isso estamos em condições de apelar ao vosso empenhamento nesta batalha tão decisiva na certeza de que os nossos êxitos serão êxitos dos trabalhadores e das suas organizações representativas. Por isso estamos em condições de pedir o voto dos trabalhadores e de todos os que criam riqueza.

Desemprego

A obra do PSD
no distrito de Lisboa

Os relatórios, os prémios, as mistificações estatísticas, os auto-elogios, não conseguem escamotear a dramática realidade resultante de dez anos de consulado cavaquista: meio milhão de desempregados, 100.000 dos quais só no distrito de Lisboa, onde nos últimos anos centenas de empresas faliram ou encerraram e muitas outras se encontram com graves dificuldades, centenas de milhar de postos de trabalho foram extintos, em particular nos sectores industriais, e onde as dívidas do patronato aos trabalhadores ascendem a mais de dois milhões de contos.

Estes dados, revelados a semana passada no Encontro de Desempregados do distrito de Lisboa promovido pela União de Sindicatos/CGTP-IN, são o testemunho de uma crise profunda que abrange todos os níveis da vida social e económica, caldo de cultura de crescentes injustiças sociais, do aumento descontrolado da pobreza, de fenómenos de marginalidade e racismo.

Não se trata de nenhuma fatalidade, mas sim, como foi afirmado no Encontro, o resultado de uma política governamental contrária aos interesses do povo e do país, enfeudada às correntes mais conservadoras do neoliberalismo internacional, de que o PSD é responsável e a que urge pôr termo.

Os cerca de 150 participantes no Encontro traçaram da situação que se vive no distrito de Lisboa em geral, e do concelho da capital em particular, um quadro bem negro, embora, como foi salientado, os dados disponíveis estejam longe de ser exaustivos.

Vítima de um processo contínuo de desindustrialização, o distrito de Lisboa conta actualmente com 100.000 desempregados, uma capital envelhecida e desertificada (a população decresceu cerca de 20 por cento em dez anos, especialmente jovens entre os 20 e os 29 anos) e regista cada vez mais uma expansão descontrolada do sector terciário.

Segundo os dados do Ministério do Emprego e Segurança Social (MESS) - que valem o que valem - o "número de pessoas ao serviço dos Estabelecimentos", designação que abrange não só trabalhadores por conta de outrem como também trabalhadores por conta própria, diminuiu em Lisboa no período 1985-1993 de 378.251 para 364.711, diminuindo também ligeiramente o peso percentual deste concelho no distrito, passando de 65,6 por cento em 1985 para 58,6 por cento em 1993.

Em 1993, o maior "número de pessoas ao serviço dos Estabelecimentos" pertencia ao sector terciário, com 80 por cento (19,8 por cento do secundário e 0,2 por cento do primário), contra 73,3 por cento do terciário, 26,3 por cento do secundário e 0,4 por cento do primário em 1985. É a terciarização do concelho em detrimento das actividades directamente produtivas, tal como sucede na generalidade do distrito.

Com efeito, segundo a mesma fonte, apesar da taxa de variação média anual (1985/1993) do número de Estabelecimentos ser



no concelho de Lisboa inferior à verificada no distrito (1,9 por cento e 4,3 por cento, respectivamente), verifica-se que o sector terciário cresceu em média anual no mesmo período 2,3 por cento contra -0,1 por cento do secundário. Em 1993, dos 26.675 Estabelecimentos existentes, 22.612 (84,8 por cento) pertenciam ao sector terciário.

Segundo ainda os dados do MESS, no que respeita aos salários, as remunerações médias mensais-base são, no concelho de Lisboa, superiores à média do distrito, tendo a situação entre 1985 e 1993 conhecido uma "alteração positiva". Que alteração foi essa? Segundo o Encontro de Desempregados, que toma como referência uma remuneração mensal média de 100 mil escudos, no distrito, um trabalhador "médio" no concelho recebia em 1993 um salário de 109,7 mil escudos, quando em 1985 recebia 107 mil escudos, ou seja, em oito anos registou-se um aumento da remuneração média mensal de apenas 2.700 escudos!

Os responsáveis da crise

Para os participantes no Encontro da USL, "a aplicação cega pelos governos do PSD do modelo liberal de economia, com o apoio despudorado à especulação financeira e cambial, em prejuízo do investimento nos sectores produtivos", tornou a versão portuguesa da crise num flagelo para os trabalhadores, com despedimentos em massa, a precarização do emprego, o encerramento de empresas e extinção de serviços públicos, falências, destruição do aparelho produtivo, privatização das funções do Estado, ataques aos direitos sindicais dos trabalhadores. A lista que publicamos em separado é um testemunho desta realidade, mas a gravidade da situação não se fica por aqui. Os trabalhadores foram ao longo de dez anos confrontados não só com o fechar de olhos do Governo "às ilegalidades cometidas por muito patronato", mas também com a modificação de leis laborais de forma a permitir e até incentivar os despedimentos e os ataques generalizados aos direitos dos trabalhadores.

Como foi afirmado no Encontro, "encerraram-se empresas e prepararam-se outras para serem entregues de mão beijada aos

grupos capitalistas que não estão obviamente interessados em contribuir para o desenvolvimento da economia nacional", inventaram-se "expedientes legais para despedir sob todas as formas", deixou-se degradar "o património público e empresarial do Estado", lançou-se "para o desemprego milhares de trabalhadores", pressionam-se os trabalhadores "para que aceitem a rescisão dos seus contratos", generalizam-se os casos em que as empresas que despedem ou forçam à rescisão de contratos recrutam depois "mão-de-obra com vínculo precário para ocupar os lugares entretanto vagos", tornou-se cada vez mais "normal" o "despedimento de trabalhadores, muitos deles altamente qualificados e com larga experiência, apenas porque... têm 45 anos ou mais".

Por tudo isso, salientou-se, é que os trabalhadores não se podem deixar enganar com as promessas de campanha eleitoral, "promessas do mesmo tipo que Cavaco Silva fez quando anunciou que em Janeiro de 1994 ninguém trabalharia mais de 40 horas semanais, que seria uma forma de aumentar os postos de trabalho", para em seguida "descaradamente com a sua maioria na Assembleia da República chumbar o Projecto de Lei apresentado pelo PCP e apoiado pelo Movimento Sindical Unitário visando a redução efectiva do número de horas de trabalho semanal".

Porque estas responsabilidades não podem ser escamoteadas e porque os que defendem o prosseguimento de políticas económicas idênticas às que criaram a actual situação de desastre (como o cumprimento dos critérios comunitários de convergência orçamental tendo em vista a moeda única, a qualquer preço) não dão aos trabalhadores nenhuma garantia de respeito e defesa dos seus legítimos interesses, o Encontro concluiu que as próximas eleições representam uma oportunidade para "impor uma viragem na vida do país com a necessária mudança das orientações estratégicas da política económica e social", pelo que nenhuma maioria serve os trabalhadores se não se criar emprego estável e duradouro.

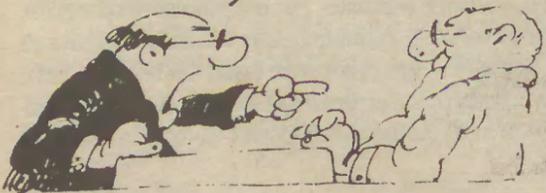
Lutar por resultados eleitorais favoráveis aos interesses dos trabalhadores - conclui o Encontro de Desempregados - é lutar pela defesa e criação de mais e melhor emprego e pela resolução dos problemas sociais e laborais, é lutar por um futuro de desenvolvimento e de progresso.

HÁ VINTE ANOS QUE O SENHOR OCUPA ESSE CARGO E NADA TOI FEITO A FAVOR DOS CEGOS, DOS SURDOS...

... DOS ENFERMOS, DOS VELHOS ...

...DOS DESEMPREGADOS...

SOU OBRIGADO A INTERROMPÊ-LO



Dez anos de "sucesso"

Ilustrar o resultado de 10 anos de "sucesso" cavaquista, no respeitante ao (des)emprego, não é tarefa fácil, tal é o rol de empresas afectadas pela política dos governos PSD. A União de Sindicatos de Lisboa fez um esforço para apurar a situação que se vive actualmente no distrito e o resultado pode ser avaliado pelo quadro que se segue, infelizmente não exaustivo.

Empresas encerradas ou falidas	Empresas com reduções de postos de trabalho	Empresas encerradas ou falidas	Empresas com reduções de postos de trabalho
Sector da Metalurgia e Metalomecânica Fabrifera IP IME Virgílio Claro Pequeno Comisso & Toussier Centro Técnico Hospitalar Foc Argibay Mercauto Mevil Metalento Vitálica Tecnofabril Guilherme Rosa Soprobo Unial Utic Fundação de Oeiras FNAC Tornearia de Metais Frecar Ignis Francisco José Simões Fássio Mobital	Sector da Metalurgia e Metalomecânica Mague Trefilaria Mec Contel Prensoland Precix Metalúrgica das Juntas C.Santos Veículos e Peças Casa Hipólito Fábrica Portugal Hidrosorefame Vecofabril Sorefame Fiat Portuguesa Metalúrgica Luso-Italiana Cometna Previdente Sermague	Lanifícios Tejo José Leitão & Correia Samexport Sandiecris Ruobel Sector Químico Acrilarte Beltsdorf DSM (Symes) Johnson's Wax Frecar Ucel Bis Nobre e Silva Indústrias Pereira e Brito I.C.B. I.P.B. Lusoflex Fitécnica Sincal Sidal Codam Fábrica Nac. de Margarinas (em fase de pré-encerramento) Soc. Nac. de Sabões	Sector Químico Johnson & Johnson Petrogal Quimigal Adubos Sovena GDP Solvay Portugal Bayer Portugal FIMA Hoescht Portuguesa Indústrias Lever Fábrica de Plásticos Titan Tintas Robbialac Knorr Portuguesa Tintas Dyrup Unalbor Sincoral Soc. Portug. de Ar Líquido Unalbor Portucel Flexcote SIKA MBB Teixeira V. Carvalho Abel Marques Cirera & Silva Rui de Orey Sanal Jorge F. Vitorino Coop. Agrícola de Produtores de Leite de Mafra
Sector das Ind.Eléctricas Tudor Pilhas Osram Samsung Automática Eléctrica Portug. Ibervisão Semicondutores Fernando Reis Fapai	Sector das Ind.Eléctricas Tudor Baterias Cabos Ávila EDP LeGrand Eléctrica ABB Merlin Gerin Cirimpal Autosil Fortis Alcatel Portugal	Sector Gráfico, Celulose e Papel Resopal Estúdios Sete Gráfica da Venda Seca Intermil Minerva Sintrese Multigrafia Furtado LIF	Sector Gráfico, Celulose e Papel Metalminer Novembal Papajal UNOR Papelaria Fernandes
Sector da Ind. Alimentar Moagens Associadas Vitamealo Fábrica Aliança Favorita	Sector da Ind. Alimentar Cargill Triunfo Nestlé Tabaqueira	Sector Vidreiro VECO	Sector Vidreiro Covina União
Sector da Construção, Mármore e Madeiras Fonseca & Irmão Amadeu Gaudêncio Sobrebe Duarte & Filhos Lda. Mármore Trajano Cima	Sector da Construção, Mármore e Madeiras Olaió	Sector Agrícola Senda	Sector da Indústria Farmacêutica Laboratórios Abbot Biofranco Grupo Synthelabo
Sector Têxtil Manuel Patrão Têxtil Vila Verde Confecções Tulipas Treco Confecções IMAC Confecções Fafira Silva Mendes Eurofil Cuifebro Alentêxtil	Sector Têxtil Confer Diniz & Cruz Cose e Corte Maria Emilia Triunf Internacional Mattel	Sector da Ind. Cerâmica Fábrica de Loiça de Sacavém	
		Sector de Hotelaria e Similares Restaurante Chiken SAAL	

Os desempregados reivindicam

Os desempregados presentes no Encontro promovido pela USL aprovaram um conjunto de reivindicações que vão apresentar aos órgãos de soberania e aos partidos com representação na Assembleia da República. Como principais reivindicações, salienta-se:

- * Paragem dos despedimentos colectivos;
- * Prolongamento do subsídio de desemprego para os desempregados de longa duração que esgotem aquele subsídio, mantendo o registo de remunerações por equivalência;
- * Criação de apoios sociais para os desempregados, nomeadamente na área da educação, saúde e transportes;
- * Resposta rápida e eficaz dos Tribunais aos problemas dos trabalhadores motivados por despedimentos colectivos e falências, dotando o sistema judicial de meios técnicos e humanos ajustados à realidade;
- * Aceitação legal dos trabalhadores como primeiros credores nos processos judiciais de falência de empresas;
- * Responsabilização criminal das entidades patronais pelas dívidas aos trabalhadores;
- * Melhoria da aplicação das actuais políticas de emprego e promoção de uma política de emprego que ponha fim aos despedimentos, crie postos de trabalho e aumente a qualificação do emprego;
- * Desenvolvimento de iniciativas específicas para a criação de novos empregos;
- * Fim da destruição do aparelho produtivo e promoção do desenvolvimento e do crescimento económico;
- * Salvaguarda e modernização do aparelho produtivo e valorização dos recursos humanos;
- * Aposta no investimento produtivo e não nas actividades especulativas;
- * Combate à descapitalização das empresas e às falências fraudulentas;
- * Promoção do desenvolvimento local;
- * Redução imediata do horário de trabalho para um máximo de 40 horas semanais;
- * Respeito pelas normas legais sobre o trabalho extraordinário, devendo para o efeito a Inspeção Geral do Trabalho ser mais eficaz com o cumprimento da lei;
- * Combate à desregulamentação/flexibilização dos horários de trabalho;
- * Garantia de respeito pelos direitos dos trabalhadores;
- * Melhoria da prevenção dos acidentes de trabalho;
- * Formação profissional contínua e adaptada às necessidades dos trabalhadores e das empresas;
- * Reforma do Sistema de Ensino de forma a capacitar melhor os jovens para a vida profissional concreta.

Os desempregados decidiram ainda eleger uma Comissão que coordene a apresentação destas reivindicações e procure, com a USL e os Sindicatos da CGTP-IN, soluções e propostas a apresentar a quem de direito, com vista à resolução dos seus problemas enquanto desempregados.

O SEU DISCURSO ESTÁ REPLETO DE FALSIDADES GRAÇAS À NOSSA ACÇÃO TODOS ESSES PROBLEMAS DESAPARECERAM HÁ MUITO TEMPO



MAS NUM PONTO ESTOU DE ACORDO CONSIGO: HÁ AINDA MUITA COISA A FAZER, NOMEADAMENTE NO QUE DIZ RESPEITO



AOS QUE NÃO VÊEM AOS QUE OUVEM MAL AOS DEFICIENTES À TERCEIRA IDADE E AOS QUE PROCURAM UM EMPREGO



■ Sérgio Ribeiro

A Economia e os seus números

Num trabalho publicado em «O Militante» (n.º 218 de Setembro-Outubro), sobre **A repartição do Rendimento Nacional**, em vários pontos me pareceu de chamar a atenção para a dificuldade de dispor dos elementos estatísticos indispensáveis para tratar a Economia como uma ciência social e, também, para a falibilidade desses dados.

Num ponto, afirmava que «os dados que o possibilitariam (saber quem beneficiou do crescimento económico, se crescimento económico houve), contrariamente ao que a etimologia justificaria, não nos são oferecidos e é cada vez mais difícil conseguir chegar a eles usando as fontes estatísticas oficiais, sejam de origem nacional em primeira mão ou derivada com a etiqueta UE».

E, mais adiante, afirmava que «a parcela das remunerações do trabalho no RN teria passado, (sublinho, agora) **segundo um dos muitos e discutíveis critérios estatísticos**, de cerca de 57,6% em 1987 para menos de 54% em 1993».

Servia-me dos «dados» do último relatório do Banco de Portugal então (princípio de Junho) disponível, relativo a 1993, e posso, hoje, transcrever o que nele se escrevia a páginas 80: «o peso das remunerações no rendimento nacional reduziu-se 1,5% (aliás, 1,5 pontos percentuais!) em 1993, situando-se abaixo de 54%».

Entretanto, saiu o relatório referente a 1994, e saiu também, no «Avante!» de 17 de Agosto, uma nota em que se aproveita um trabalho da CGTP e onde, num quadro, se diz que a «parte das remunerações do trabalho na distribuição do rendimento nacional» é de 49,4% para o mesmo ano de 1993, e de 50,1% em 1992 e de 48,5% para o ano de 1994.

Se se quisesse comprovar a tese de que os números das estatísticas portuguesas são muito traiçoeiros, não faltariam oportunidades, e esta é uma delas. No entanto, para quem ler estes trabalhos, é perturbador que os números sejam diferentes, até porque há a ideia (falsa) de que o que é quantificado é rigoroso. Para mais, a partir da estimativa do RN da CGTP pode afirmar-se que a parte das remunerações do trabalho no RN desceu abaixo da linha simbólica dos 50%.

Antes, porém, de continuar e de tecer algumas considerações (quantificadas) sobre o que pode perturbar quem quiser utilizar números como

auxiliar de argumentação, diria que, partindo de «dados» diferentes e com o apoio de estimativas de fontes diversas, as evoluções que se denunciam no artigo de «O Militante» e na nota do «Avante!» em nada divergem e as conclusões são perfeitamente coincidentes.

E ainda diria, a jeito de memória, que este tema é, para mim, particularmente interessante pois lembra-me que uma das primeiras intervenções políticas em que participei, com trabalhos técnicos de apoio, foi na campanha eleitoral de 1961, fazendo parte de um grupo de jovens economistas, sendo a questão central a da repartição dos rendimentos no RN. E, confesso, que, por estranho que pareça, era então mais fácil calcular qual o RN e a sua repartição...

O que acontece é que o cálculo dos agregados económicos varia segundo os critérios que se utilizam e, no caso do Rendimento Nacional, ele só é calculável a partir de estimativas.

Ora a GTP tem uma e, na nota publicada no «Avante!», refere-se que essa estimativa deu os valores de 11,459 milhões de contos para 1992, 12,180 para 1993 e 12,721 para 1994. Aceitamo-la, e não temos qualquer reserva em trabalhar com ela e de a aconselhar, embora recomendando que sempre se cite a fonte: *estimativa da CGTP*.

Já o Banco de Portugal tem vindo a afastar-se – e a afastar-nos – dos caminhos que possam levar a uma estimativa credível do RN a partir dos «dados» que (não) nos facilita. Aliás, no relatório referente a 1994 há quadros e «dados» que deixaram de nos ser «oferecidos».

Compreende-se que assim seja (o que não quer dizer que se aceite...). O BP orienta toda a sua análise da economia portuguesa numa perspectiva em que os salários são custos, em que estes produtos são uma componente para a avaliação de uma competitividade, e tudo, nessa análise, deve estar condicionado ao cum-

primento dos critérios de Maastricht, antes de todos o do défice orçamental.

Há quadros que, pura e simplesmente, desapareceram entre as edições de 1994 (referente a 1993) e a de 1995 (referente a 1994), como é o caso do quadro III. 16, *Evolução do peso das remunerações no rendimento nacional (taxas de variação)*, em que me baseei para o trabalho publicado em «O Militante».

Note-se, entre parêntesis, que o BP considera que as remunerações têm **um peso**, o que me parece significativo como tradução, na linguagem, de uma posição ideológica; é preciso tornar aquilo que pesa mais leve!

Desse quadro, de onde tirei a evolução dos «rácios das remunerações no RN», só ficou, para o relatório deste ano, a relação entre as taxas de variação das remunerações reais e da produtividade, mas tendo de se ir buscar a quadros estatísticos diferentes.

É evidente que esta relação é muito importante, mas também é de notar que se mantém no relatório porque, para a abordagem do BP, ela é indispensável para a avaliação da evolução dos custos do trabalho, sendo desinteressantes, ou até eventualmente de perigosa utilização, os «dados» e os cálculos que possam levar à relativamente fácil e esclarecedora estimativa da repartição que é feita do produto (PIB) sob a forma de rendimentos dos «factores de produção» (RN).

Remunerações e produtividade

Aproveitando esses valores das taxas de variação das remunerações reais e das produtividades tiram-se ilações úteis, mas, sublinho, também se tem a exemplificação da dificuldade e da falibilidade dos números com que se trabalha.

Na verdade, as taxas de variação homólogas (vh), quer das remunerações reais quer das produtividades, variam do relatório para relatório (Quadro I).

Para além das evidentes diferenças de um ano para o outro, até no mesmo relatório há diferenças de um quadro para outro.

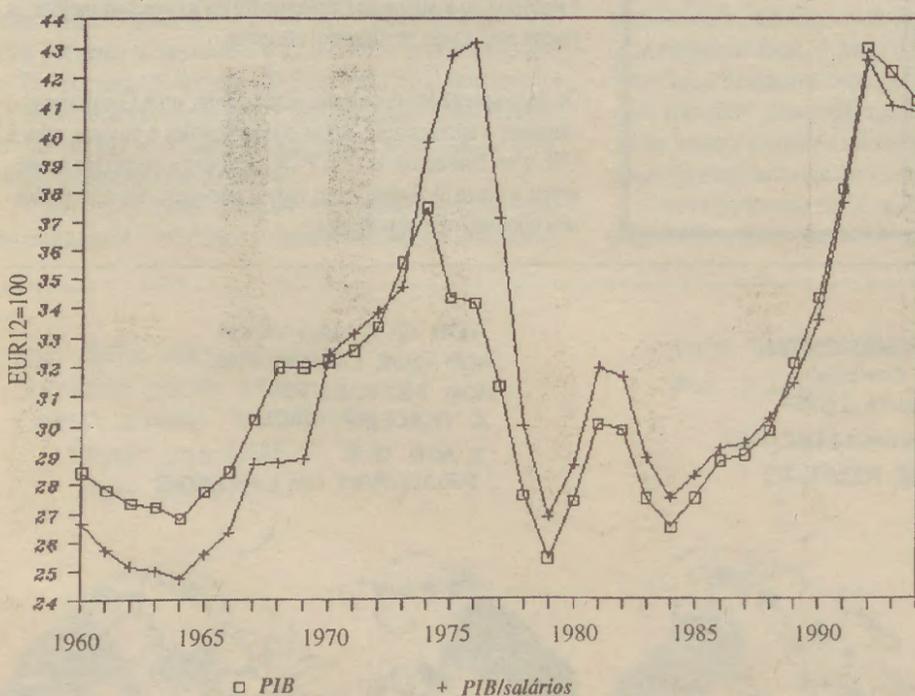
O que me parece de sublinhar é que, no que se refere às remunerações reais, quem trabalhe com o relatório de 1994 tem taxas de variação de 4,6 em 1992 e de 0,1 em 1993, enquanto que quem já tiver tido acesso ao relatório de 1995 passa a ter de trabalhar com taxas de variação de 3,2 e de 0,1 para os mesmos anos. No relatório de 1996 referente a 1995 haverá outros ajustamentos e os números para estes (e outros anos) serão diferentes...

Como, por outro lado, as correcções nas produtividades são menores, acontece que um importante gráfico que compara os diferenciais de crescimento das remunerações reais e das produ-

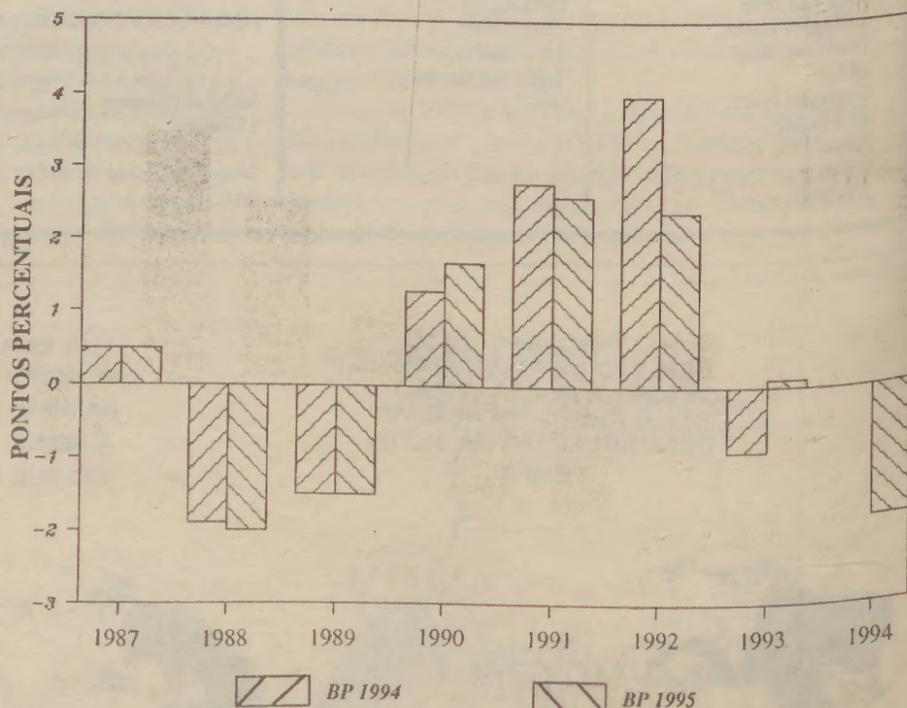
QUADRO I

	Remunerações reais		Produtividade por pessoa	
	BP1993	BP1994	BP1993	BP1994
1990	3,2	3,4	1,9	1,7
1991	2,0	1,9	0,8	0,7
1992	4,6	3,2	0,6	0,8
1993	0,1	1,0	1,0	0,9
1994	-	-0,7	-	1,1

PORTUGAL NA EUR12 ... e os trabalhadores



REMUNERAÇÕES REAIS E PRODUTIVIDADE Diferenciais taxas de variação



tividades – que *ainda* se publica! – mostra um diferencial negativo em 1993, isto é, as remunerações reais a crescerem menos que a homóloga produtividade (+ 0,1 - 1,0 = - 0,9), enquanto que, no relatório de 1995 referente a 1994, já a situação do mesmo ano de 1993 é inversa, com as remunerações reais a crescerem um pouco mais que a homóloga produtividade (+ 1,0 - 0,9 = + 0,1).

Para 1994, no relatório referente a este ano, as diferenças nas variações destes importantes indicadores é de grande significado. Apesar da taxa de variação da produtividade (por pessoa) ser de 1,1 – com 1,4 para a taxa de variação da produtividade horária –, as remunerações reais observam a taxa de variação de -0,7, o que representa um diferencial de -1,8 (-0,7-1,1 = - 1,8).

O que obriga o relatório a deixar escapar uma frase, no final do capítulo III, em que se reconhece que «esta evolução contribui duplamente para a diminuição do peso das remunerações no rendimento nacional», e que é a única referência que encontrei relativamente à problemática da repartição do RN.

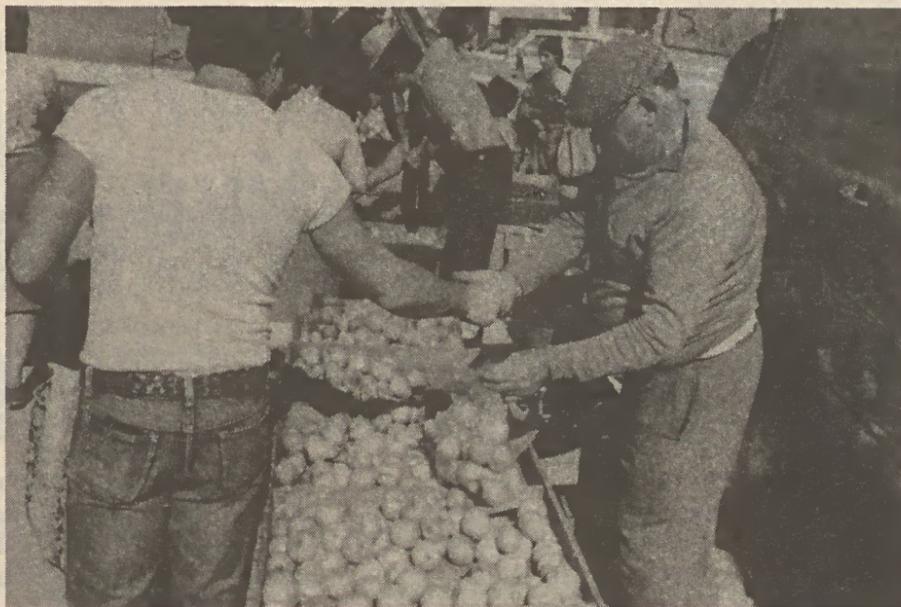
Chegou-se, assim, ao extremo de, não só de se defender que os acréscimos salariais devem ser inferiores aos acréscimos de produtividade, como até se verificar, na prática, que, não obstante acréscimos de produtividade, há diminuição real das remunerações do trabalho, penalizando duplamente os trabalhadores e fazendo diminuir, por duas vias, a sua participação na distribuição dos rendimentos.

E esta é a ilação essencial, independentemente da sua quantificação, dependente dos critérios e das estimativas de que nos servimos ou a que podemos ter acesso: a política económica tem feito diminuir, tendencialmente, a parcela dos rendimentos do trabalho na repartição do rendimento nacional, e essa tendência teve particular gravidade no ano de 1994, em que os salários reais diminuíram não obstante o acréscimo da produtividade.

Os cidadãos e os assalariados portugueses na «Europa»

No entanto, e para que não possa ficar qualquer dúvida sobre a utilidade e necessidade de utilizar as estatísticas como apoio da compreensão da evolução social, trago a este trabalho alguns cálculos que estou a fazer para melhor conhecer a natureza de classe da política económica.

É que as reservas que se justificam relativamente à utilização dos números não devem desmotivar-nos do seu manejo. Bem pelo contrário. A quantificação da realidade, sendo uma sua abstracção, pode ser um imprescindível meio para finar o conhecimento dessa realidade e melhorar a capacidade de intervenção para a modificar. Sobretudo se se procurarem representar evolu-



ções e comparações, quer no tempo, quer no espaço. O que é preciso é usar as mesmas fontes e os mesmos critérios, é ter cautelas (e caldos de galinha) no aproveitamento do que os números, na sua abstracção, nos convidam a afirmar.

Por exemplo, sobre este tema da repartição do RN, existe um «dado» que as estatísticas da União Europeia nos facultam, a que chama «parte salarial corrigida, conjunto da economia – % do PIB a custo de factores», que poderia ser utilizado como está nos documentos da Comissão.

Um outro indicador que nos é facultado (Economie européenne, nº 59, 1995) é aquele que nos «dá» o PIB por habitante, em ECU, com o valor do conjunto (EUR12) igualado a 100, indicador que possibilita elaborar uma tabela em que se pode confrontar a evolução de qual a percentagem do PIB/português relativamente ao PIB/«europeu», desde os 28,4% de 1960 aos 42,8% de 1994.

Resolvi cruzar as duas séries, depois de ajustamentos, por forma a ver como evolui a «parte salarial corrigida» portuguesa enquanto percentagem de «parte salarial corrigida» da EUR12. Destas tabelas – evolução do PIB/português e evolução da parte salarial do PIB português enquanto percentagens do PIB/«europeu» e da parte salarial do PIB/«europeu» – pode tirar-se uma indicação de qual o afastamento, e eventual aproximação, do cidadão em geral e dos trabalhadores portugueses em particular dos níveis «europeus».

Ou seja, através destes cálculos, pode estimar-se qual é a parcela do PIB global «europeu» que corresponde ao PIB global português, e qual é a parte desse PIB que, segundo cálculos feitos na União Europeia, corresponde às respectivas partes salariais.

Exemplificando, e por forma a ajudar a «leitura» do gráfico anexo: a capitação geral do PIB português valia, em 1960, 28,4% da capitação do PIB da «Europa» dos 12, valia 34,4% em 1975 e 41,2% em 1994, o que assimilo a situação do cidadão português face ao «europeu». Ora, com os «dados» que trabalhei, sinto-me em condições de dizer que, de acordo com os «dados» da UE, nos mesmos anos de 1960, 1975 e 1994 os assalariados portugueses tinham uma parte do PIB português

que correspondia a 26,6%, 42,7% e 40,8% da parte salarial do PIB «europeu». Logo, em 1960, os assalariados estavam mais afastados dos níveis «europeus» que os cidadãos em geral (26,6 e 28,4), em 1976 estavam mais próximos (42,7 e 34,4) e voltam a estar mais afastados em 1994 (40,8 e 41,2); por outro lado, de 1960 para 1975, os cidadãos aproximaram-se dos níveis «europeus» (de 28,4 para 34,4), e também de 1975 para 1994 (de 34,4 para 41,2), enquanto que os assalariados portugueses se aproximaram – e muito – da que é a parte salarial do PIB «europeu» entre 1960 e 1975 (de 26,6 para 42,7) para se afastarem entre 1975 e 1994 (de 42,7 para 40,8). Esta análise pode, e deve, ser feita por períodos de comportamento da economia – como reflexos da passagem de Salazar a Caetano e a mitigada abertura, do 25 de Abril, da recuperação capitalista com as cartas do FMI a servirem de balizas, da integração na CEE e dos fluxos de capitais (com a adopção obediente de estratégias transnacionais).

Com estes «dados», e com todos os cuidados que merecem os números mas também com a indispensável virtude de serem todos da mesma fonte e usarem todos os mesmos critérios, pode, por exemplo, retirar-se que, até 1969, os cidadãos portugueses, no seu conjunto, estavam mais próximos – embora muito afastados – da «Europa» que os assalariados portugueses; a partir de 1970, e até 1973 (exclusive) houve uma ligeira melhoria do ponto de vista laboral e os assalariados portugueses passaram a estar ligeiramente mais próximos dos níveis «europeus» que os cidadãos portugueses no seu conjunto, melhoria que explodiu em 1974/76, período que marcou uma grande diferença com significativa aproximação dos assalariados trabalhadores portugueses dos níveis «europeus», arrastando a aproximação dos assalariados trabalhadores portugueses dos níveis «europeus», arrastando a aproximação dos cidadãos em geral.

Verificou-se, depois, uma queda abrupta salarial, com distanciamiento dos cidadãos portugueses dos níveis «europeus», entre 1976 e 1979, mantendo-se, embora estreitando, o diferencial positivo entre assalariados e cidadãos em geral, seguida por ligeira recuperação em 1980 e 1981, nova queda até 1984, para se iniciar uma subida de 1985 até 1992, reflexo da melhor conjuntura e das transferências de fundos, mas por forma que, a partir de 1989, se voltou à situação anterior a 1970 em que a percentagem do PIB dos cidadãos em geral relativamente à «Europa» é superior à dos assalariados, isto é, em que os assalariados são mais penalizados nos afastamentos e menos beneficiados nas aproximações da «Europa».

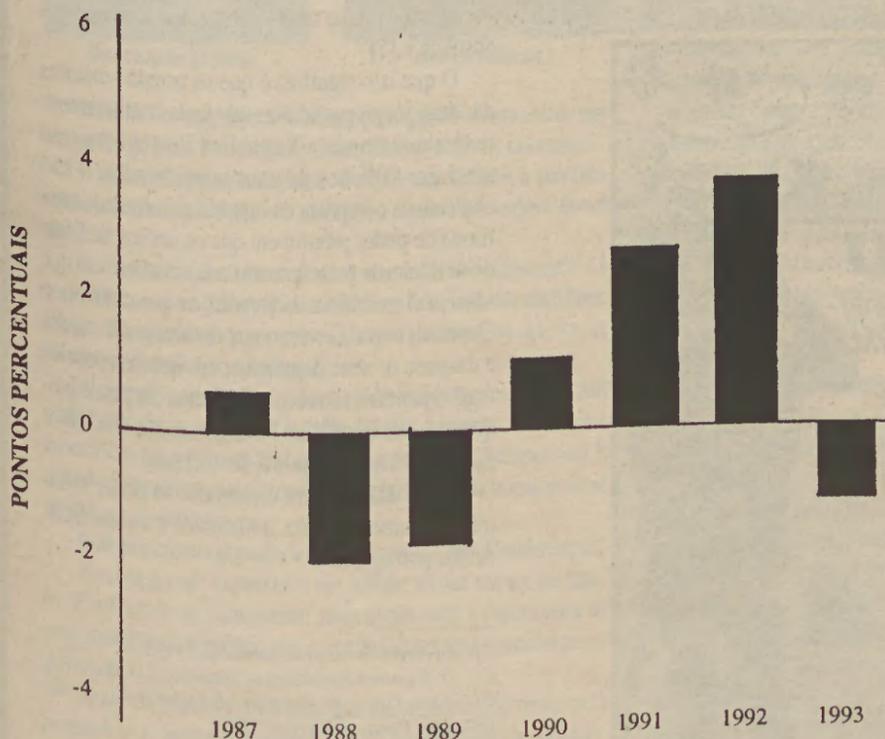
Atingido um novo «pico» em 1992, com os cidadãos em geral no seu valor mais próximo dos níveis «europeus», mas com os assalariados abaixo da situação dos cidadãos em geral e com percentagem inferior à que tinham observado em 1975 e em 1976, iniciou-se uma nova queda, com clara tendência para afastamento dos níveis «europeus».

É o resultado desta política. É urgente uma nova política. Para dar uma volta a isto. Para fazer com que recomece uma aproximação dos portugueses dos níveis «europeus».

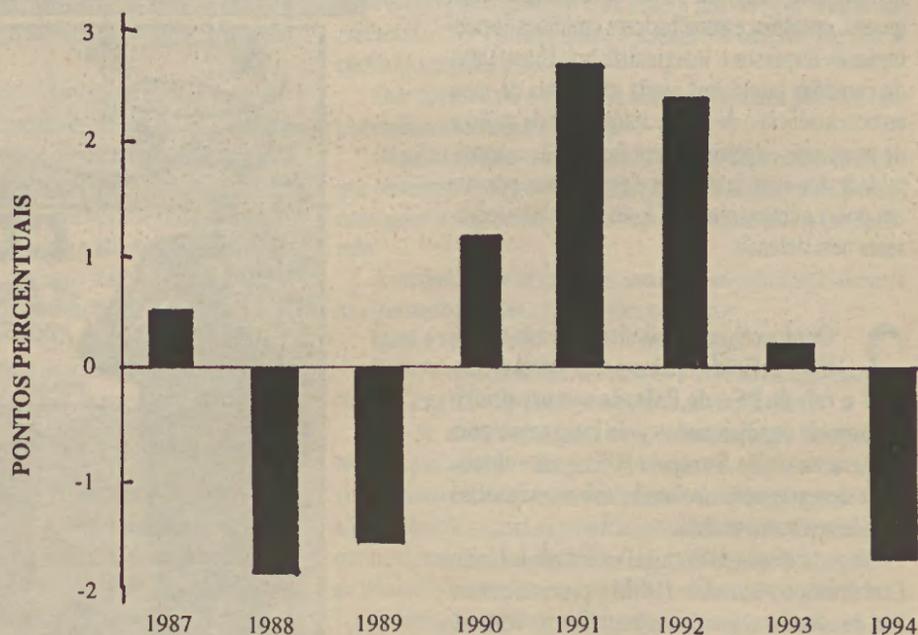
É o resultado desta política. É urgente uma nova política. Para dar uma volta a isto. Para fazer com que recomece uma aproximação dos portugueses os níveis «europeus», em que os trabalhadores sejam o motor, e os primeiros beneficiados dessa aproximação.

REMUNERAÇÕES REAIS E PRODUTIVIDADE

Diferencial de crescimento



Diferencial de taxas de crescimento



Fonte: INE, «Inquérito Trimestral ao Emprego», e Banco de Portugal

Maioria absoluta — democracia relativa

■ Pedro Ramos
de Almeida

1 Há cerca de um mês, o dirigente do PS, António Vitorino, destacava, uma vez mais, o papel da «bipolarização política» no acesso, exercício e transmissão do poder: a regulamentação no tempo, ao serviço do monopolismo, da rivalidade formal entre PSD e PS, assente na sucessiva e alternante partilha entre eles do exclusivismo governamental. Um colaboracionismo, antipluralista e antidemocrático, que ainda hoje vigora, apesar da presença do PSD no Governo há dezasseis anos ininterruptos, os últimos oito dos quais com maioria absoluta, e sozinho!

Escrevia António Vitorino: «As modernas democracias são prisioneiras de um duplo fenómeno evolutivo: de um lado, uma assinalável tendência bipolarizadora e, do outro, uma polarização do discurso político numa «zona central» do eleitorado, cuja oscilação determina o resultado global das consultas eleitorais.

«A democracia portuguesa não tem escapado a esta regra evolutiva». (1)

Quinze dias depois, Manuel Queiró, deputado do CDS/PP, referia no mesmo órgão de imprensa:

«José Miguel Júdice [PSD] exprimiu recentemente a sua visão sobre a luta partidária. Tudo se resume a uma luta bipolar, como entre sérvios e croatas [!]. Os bósnios desaparecerão porque todas as lutas são a dois. Assim irá acontecer com o PP, uma vez que esta lógica só admite o PSD e o PS». (2)

Como se vê, esta falsa bipolarização política - que traduz a efectiva convergência de dois partidos ao serviço de idênticos objectivos monopolistas, antipatrióticos e politicamente de direita; que serve, de facto, o desmedido acréscimo de poder eleitoral e estatal no pólo da riqueza - pretende apenas valorizar as contradições próprias da estruturação bicéfala e alternante do bloco pró-imperialista, e encobrir as claras vantagens eleitorais dela resultantes para as classes políticas e dominantes...

Que o outro pólo, o pólo que é afectado pelo monopolismo, e que esta pretensa bipolarização escamoteia, oculta e pretende enredar - esse, compõem-no a grande massa populacional, todos os grupos sociais populares expoliados, explorados e perseguidos pelo grande capital: produtivos e não produtivos, operários e não operários; trabalhadores e não trabalhadores; proprietários e não proprietários; trabalhadorés manuais e intelectuais; pescadores, agricultores, comerciantes e industriais; gente do mar, do campo e da cidade; homens e mulheres, jovens, adultos e reformados; todas as classes organizadas ou ainda carecidas de uma unidade e consciência próprias - reivindicativa, democrática e patriótica.

Um grande conjunto social, crescentemente atribulado pela integração monopolista europeia, que ainda hoje engloba - a par de sectores de vanguarda, operários e trabalhadores - milhões de portugueses dispersos e marginalizados. Uma massa de camadas populares ainda carecidas de uma autoconsciência e de meios autónomos de acção e de associação, decisivos para fazer valer a legitimidade dos seus interesses e aspirações, perante um poder público que lhes é alheio, os não representa nem defende.

2 Os objectivos económicos, sociais e políticos definidos pelos programas eleitorais do PS e do PSD são sempre prioritariamente condicionados pela integração portuguesa na União Europeia (UE), pela submissão e desagregação nacionais, sob as exigências da Europa monopolista.

A participação de Portugal na 3ª fase da União Económica e Monetária (UEM), prevista para o fim do século, segundo o Programa do PSD «é vital para Portugal», constituindo um «quadro de referência obrigatório»; para o PS, ela é «uma condição indispensável para que a sociedade portuguesa possa ser mais rica, solidária e justa»... (3)

Não se pense, entretanto, que esta posição de integração e dissolução, reservada à República Portuguesa pelos dois mais votados partidos nacionais, traduza, na opinião deles, uma qualquer cedência externa...

Para o Programa do PS, ela não expressaria qualquer «acto de abdicação de soberania da convergência real da economia portuguesa (...)». O PSD considera até que ela constitui «uma condição necessária, livremente aceite, do progresso económico e social». E por isso, tudo aceitam e nada reclamam...

Santo Governo, santa «oposição» e abençoada moeda europeia! Como vamos prosperar! Se a moeda nacional já tinha sido trocada pelo domínio do grande capital europeu e estrangeiro, não será legítimo adoptar agora a moeda europeia-alemã? E para que raio servirá a luta pela independência monetária e financeira, nos tempos de hoje?

O que falta esclarecer com clareza é como vamos cumprir os «critérios» de Maastricht para atingir a 3ª fase da UEM, como vamos diminuir em 300 a 400 milhões de contos a dívida e despesas do Estado Português, nos dois próximos anos...

Quantos portugueses vão permanecer iletrados por falta de verbas para combater o analfabetismo? Quantos milhares de novas e velhas barracas passarão a usar a bandeira azul da UE? Quantas crianças, jovens, mulheres e velhos vão partir para o estrangeiro ou para a morte, vítimas do desemprego e da continuação ou agravamento de carências sanitárias ou vitais? E que novas formas assumirá o ataque maciço dos impostos à Endividada população portuguesa?

Mas não se pense que também nesta questão há grande diferença entre o PS e o PSD...

Caricaturalmente, Manuel Serrão, empresário, cronista em *A Capital* e colaborador da televisiva «Noite da Má Língua», da SIC, escreveu: «O que é que a Europa vai fazer de nós? O PSD acredita que os bons alunos são sempre recompensados. O PS acredita que são sempre recompensados os bons alunos (...)». (4) Dupont e Dupond, companheiros de Tim-Tim, não diriam melhor...

Que quem é chumbado com desemprego, privações e fome, com uma violência em que o aço já supera os chumbos, esses são sempre os trabalhadores e o povo português... Agora à sombra e ao sol da UE.

3 Assim, facilmente se compreende que há uma condição prévia central para hoje assegurar o avanço da democracia em Portugal: é derrotar politicamente, nas próximas eleições, a maioria absoluta!

Fazê-lo, é contribuir para banir o risco de agravamento da governamentalização na República Portuguesa! E ajudar a dar voz e projecção política aos trabalhadores e patriotas! E votar na CDU! É fazer progredir a democracia participativa! É desenvolver a opinião democrática e o seu poder de vigilância!

Infelizmente, e naturalmente, não é esta a opinião dos dois partidos até aqui mais votados, o PSD e o PS.

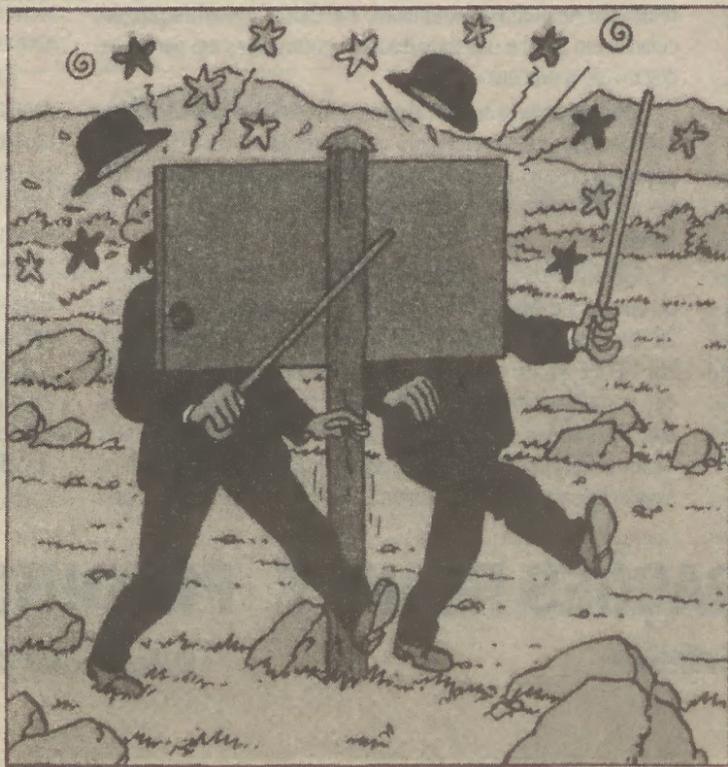
Como escreve António Barreto:

«Para o PSD, vitória há só uma: com maioria absoluta (...).

«Para o PS, há uma vitória clara: a da maioria absoluta.» (5)

O que isto significa é que os estados-maiores das duas forças partidárias que mais continuamente têm governado a República Portuguesa - ao nível dos 90% nos 21 anos considerados! - não abdicam da conquista da maioria absoluta: de uma forma de poder próprio em que os órgãos de Estado se ilibam de prestar contas aos cidadãos; em que não é a Assembleia da República que controla o Governo, mas o Governo que domina a AR, multa e despide os seus deputados; em que os próprios órgãos judiciais são convertidos em «forças de bloqueio»... Na República Portuguesa, não é a maioria absoluta que defende a democracia!

Mas é ela que abre o caminho ao poder absoluto, que ameaça o pão, a liberdade e a estabilidade dos portugueses!



(1) - «Os extremos (r)ocam-se, *Semanário*, 19.VIII.95

(2) - «O PP contra a bipolarização», *Semanário*, 2.IX.95

(3) - Cristina Figueiredo: «Programas de Governo PSD e PS: descubra as diferenças...», *Expresso*, 9.IX.95

(4) - *Público*, 4.IX.95

(5) - «Fasquias» - *Público*, 1.IX.95



Violência, trabalho e direitos humanos temas centrais em Pequim

Entrevista com Conceição Morais e Odete Santos

Conceição Morais, do Comité Central do PCP, e Odete Santos, deputada pela CDU na Assembleia da República, regressaram estes dias de Pequim, onde participaram nos trabalhos da 4ª Conferência Mundial sobre as Mulheres. Conceição Morais integrada na delegação de ONGs e Odete Santos na comissão parlamentar.

Numa breve entrevista para o "Avante!", falamos da experiência vivida, da diversidade de situações "nesta terra tão cheia de contrastes", do peso de interesses políticos opostos.

O nosso diálogo começou com um esboço de balanço, por parte de Conceição Morais, sobre o que foi o Fórum das ONGs.

No Fórum das ONGs, entre os temas mais debatidos e que mereceram uma atenção maior por parte das mulheres dos diferentes continentes, temos: a violência, os direitos das mulheres na perspectiva dos direitos humanos, e as questões do trabalho (trabalho, na sua dimensão geral, trabalho atípico, precário).

De referir que, em relação a qualquer destas matérias, havia uma grande diversidade de opiniões e, por exemplo, o que para as europeias é violência, para as asiáticas já não o será, pois o que para elas representa violência é para nós uma realidade já muito recuada.

A violência é uma coisa impressionante. Sobretudo em relação às asiáticas, às mulheres do Pacífico, das Filipinas. Nas Filipinas, as mulheres são anunciadas na televisão, com preços. As agências de viagem europeias, nos seus programas, na sua propaganda turística, já incluem o preço das mulheres no preço das diárias de hotel.

As europeias preocupam-se mais com as questões de segurança. A violência nas ruas, a violência no âmbito familiar, questões de assédio.

Em relação ao trabalho, a mesma diversidade. Por exemplo, as africanas defendem o trabalho precário, como um meio de sobrevivência. Por outro lado, a posse da terra surge como uma prioridade. Precisam de sobreviver, de ter bases de subsistência. E isso passa pela mulher trabalhar a terra - ser-lhe reconhecido esse direito.

Para as mulheres latino-americanas, a questão do trabalho surge como uma base fundamental do direito à igualdade.



Conceição Morais



Odete Santos

Há todo um conjunto de contradições que, na sua maioria, são o espelho do nosso mundo, tão conturbado e cheio de contrastes.

E sobre direitos humanos, de que nos falaste à partida como um das questões mais referidas, o que é que esteve lá em debate?

A discriminação no trabalho - e isso é muito interessante - é encarada como uma limitação nos direitos humanos das mulheres. De par das questões de violência, porque de facto, na prática, as diferentes questões se interligam.

A grande conclusão é esta - os direitos das mulheres não podem ser vistos sem ser à luz dos direitos humanos. Os direitos específicos das mulheres têm de ser encarados nesta perspectiva. E quando os Estados e os governos assumirem isto, as coisas podem modificar-se radicalmente.

Que perspectivas poderá abrir - ou não - esta Conferência?

Há uma grande expectativa em relação ao que vai ser, no futuro. E sobretudo se vamos estar mais cinco anos à espera para as conclusões da Conferência passarem de facto a ser assumidas pelos governos.

Já agora, realçava uma nota que me parece importante: pela primeira vez, nesta Conferência, as ONGs assumiram protagonismo. Obrigaram os governos a discutir algumas das suas reivindicações e fizeram uma grande pressão sobre a Conferência, com reivindicações concretas em relação à Plataforma e ao debate das questões em suspenso, de que tanto se falou.

Não sabemos ainda que consequências é que isto terá, em termos práticos, para a luta das mulheres. Mas parece-me que ficamos muito mais munidas de argumentos para fazer pressão nos respectivos países.

E aqui, em Portugal, estamos agora numa posição melhor para podermos avançar com algumas das nossas reivindicações.

Por exemplo - a questão da violência. Nós temos uma lei que foi aprovada em 1991. Uma lei que não está regulamentada, e que como tal nem pode de facto ser aplicada. Estamos agora em muito melhor posição para pressionar o governo, para se tomarem medidas, para exigir mais com mais força.

Qual a apreciação que as ONGs portuguesas fazem da Conferência de Pequim?

A apreciação feita pelas ONGs portuguesas que estiveram representadas em Pequim, foi uma apreciação positiva. Sobretudo porque nos permitiu alguns contactos directos com organizações similares. E mais do que a participação nas secções - que nem sempre correu muito bem, porque aquilo era uma imensidade de coisas em simultâneo, e não conseguíamos estar em todo o lado - permitiu um contacto muito directo com outras pessoas, outras organizações. Ficámos a conhecer mais de perto a realidade das mulheres um pouco por todo o mundo.

E que avaliação fazem do seu trabalho?

As ONGs portuguesas fizeram um esforço sensível para se enquadrarem naquele trabalho. Éramos dez organizações diferentes, cada uma com uma perspectiva diversa do que ali se estava a fazer. Parece-nos contudo que conseguimos coincidir em acções fundamentais. Sobretudo na solidariedade com as mulheres de Timor-Leste. Apoiamo-las na organização de uma manifestação - também com o objectivo de chamar a atenção da opinião pública mundial (e estavam lá muitos órgãos de comunicação social) para a luta das mulheres timorenses face à ocupação pela Indonésia.

A delegação portuguesa assumiu claramente a sua solidariedade. Consideramos isso como um ponto alto da nossa estadia. Foi mais um contributo para a luta das mulheres timorenses.

Odete Santos começou por sublinhar as dificuldades - e ambiguidades - que acompanharam a deslocação da delegação parlamentar portuguesa.

Queria começar por referir que a deslocação da delegação parlamentar foi extremamente mal preparada. E isto porque, estando decidido desde Julho, por proposta do presidente da Assembleia da República, a deslocação das parlamentares que fazem parte da sub-comissão para a igualdade, e embora houvesse regras muito definidas sobre as formalidades necessárias, o Ministério dos Negócios Estrangeiros não procedeu a nenhuma inscrição. O que representa um grande menosprezo pela instituição parlamentar.

Esta a primeira nota.

A segunda é a seguinte: a nossa intervenção resumia-se à participação na reunião, que decorreu durante um dia inteiro no Parlamento chinês, para discutir um documento de que só tivemos conhecimento lá - o projecto da Declaração parlamentar por ocasião da 4ª Conferência mundial sobre as mulheres.

A nossa intervenção nas outras reuniões da Conferência era muito limitada. A delegação governamental teve o cuidado de nos fazer saber, logo no início, que não podíamos tomar posição oficial, porque isso apenas pertencia à delegação governamental.

Pude assistir à intervenção de Portugal no Plenário da Conferência. Foi a ministra da Educação (a quem não se conhece qualquer papel destacado em relação à luta das mulheres), que se pode dizer que se limitou a fazer o elogio de dez anos de cavaquismo.

Nas secções de trabalho havia uma grande limitação - a inexistência de tradução para a língua portuguesa.

Que pensas dessa Declaração parlamentar?

Em relação ao documento em cujo debate estive presente, penso antes do mais que na elaboração deste documento se tentou fazer um equilíbrio de interesses políticos entre os vários países.

Por exemplo, lá mesmo, as mulheres da Nova Zelândia propuseram uma adenda para condenação das experiências nucleares no sul do Pacífico, com o apoio das Japonesas - e a mesa não aceitou a proposta. O que me parece que denota já o equilíbrio de interesses que ali se chocavam.



Em relação ao documento em si, parece-me um documento muito fraco.

Começa por reivindicações em relação à paridade nos órgãos de poder, mas sem identificar as causas da fraca representação das mulheres nesses órgãos. As causas sociais, económicas. É apenas uma constatação e uma exigência de uma melhor representação das mulheres. E eu penso que a paridade não esgota todos estes problemas.

Mesmo onde as mulheres têm mais representação nos órgãos do poder político, que é sem dúvida nos países nórdicos, essa representação não corresponde à inexistência de discriminações, em particular no trabalho.

Por exemplo, na Finlândia, onde a participação das mulheres ao nível do poder político é da ordem dos 38%, o salário das mulheres é 75% do masculino, e apenas 3% ocupam lugares de chefia ao nível das empresas.

O documento faz depois uma afirmação que me parece de um paternalismo incrível e chocante.

Os parlamentares comprometem-se a mobilizar todos os meios que permitam assegurar a aprendizagem das mulheres na política e assegurar o exercício do seu protagonismo político - o que é ridículo.

A verdade é que as mulheres que estão na política são fruto da luta das mulheres, das organizações populares.

Qual a tua opinião sobre a Conferência?

Tenho a opinião de que, em relação à Conferência anterior, em Nairobi, esta foi mais pobre, em termos de resultados.

Não se atacaram os problemas fundamentais, designadamente em relação a políticas económicas. As questões de desenvolvimento não foram enfrentadas e não foi posto o acento tónico em situações como as políticas neoliberais e o reflexo dessas políticas nos direitos das mulheres. Em termos de imposições de diminuições de despesas públicas - e isso também se nota na União Europeia - que se reflecte depois na degradação dos serviços de saúde, segurança social, educação e atendimento às crianças.

Uma situação que leva a retrocessos na vida e nos direitos das mulheres. E isso não foi devidamente realçado.

PONTOS CARTEAIS



Ó NARCISO TEM JUÍZO.

O «Narciso» e o «Público»

O jornal «Público» recusou há dias publicar uma carta da autoria do cenógrafo comunista Mário Alberto. Reproduzimos excertos, bem como uma

caricatura que acompanhava o trabalho. Deixamos ao leitor a tarefa de «descobrir» as razões que presidiram a este acto de «discrição» do vespertino de Belmiro de Azevedo...

«Vem (esta carta) a propósito de «Sua Excelência» Narciso Miranda prometer uma «Santa Aliança» com o CDS/PP (...) «Não chegará, a tais «Narcisos», o exemplo dos

«socialistas» franceses, graças aos quais «Herr Le Pen» (nazi-fascista) obteve 15% do eleitorado francês?

«Não lhes bastará o exemplo dos corruptos «socialistas» italianos, que proporcionaram a entrada no

Parlamento à «netinha» do Mussolini?

«Nada lhes ensina a desastrosa política do «socialista» Felipe Gonzalez, que ajudou (e de que maneira) a subida do P.P. espanhol?

«Será que estes «socialistas», à moda do «Narciso», querem que Portugal volte ao antigamente? (...)

«Como parece longe o tempo em que usar barbas era sinónimo de vergonha!!!»

Carta-aberta

O PCP e os seus militantes são, geralmente, quando as eleições se aproximam, alvos de muitos apelos. Desta vez foi a UDP que resolveu, pela mão de Mário Tomé, escrever-lhes uma inadmissível carta-aberta.

Aí lembra que, «há quatro anos, percorremos juntos as ruas, praças, bairros e empresas, erguendo entusiasmados, as bandeiras da CDU, do PCP e da UDP, na luta unida pelo melhor resultado da coligação, e pela derrota do PSD».

Lamenta ele que já assim não seja, pois essa unidade fazia falta. Mas deveria Tomé interrogar-se sobre a maneira como percorreu esses caminhos, já que tantos dos seus eleitores, como depois se viu, foram votar no PS e no PSR.

O que a UDP propôs à Direcção do PCP não foi mais unidade. A UDP pretendeu impor as suas condições, chegando ao ponto de, publicamente, vir a exigir a alteração do nome da

Coligação. Mas as contas da UDP visam sectariamente o seu próprio saco de votos. Divergências são divergências. Mas acusações como a que Tomé pretende fazer são mais tristes que isso. Acusa o PCP de «ilusões», «numa mudança com um Governo do PS». Mário Tomé sabe ler, certamente, e sabe ouvir. Sabe também, infelizmente, torcer a verdade ao sabor dos pequenos interesses da UDP. Mas são decididamente tão pequenos para que a UDP não possa, como ele anuncia, transformar-se «num incómodo para a nova política que o PCP quer desenvolver face ao PS».

Não sabemos que benefícios Mário Tomé pretende atingir com a sua carta-aberta. Uma coisa é certa – ela não serve nem a causa da unidade, nem a causa da esquerda.

FRASES da SEMANA

«O problema que se coloca em relação à União Europeia é que é uma construção no fundamental aos interesses da Alemanha, uma construção que defende os países e economias fortes e não defende as economias débeis. Nós estamos contra esta União Europeia por razões económicas, sociais.»

☞ (Carlos Carvalhas - «Semanário», 16.09.95)

«Não fico nada preocupado quando dizem «Monteiro é igual a Salazar» (que nunca seria) ou «Monteiro recupera pensamento de Salazar». Não me preocupa rigorosamente nada. Porque eu não vivi no regime anterior.»

☞ (Manuel Monteiro - «Público», 19.09.95)

«Privatização da Caixa Geral de Depósitos seria grande sucesso.»

☞ (Rui Vilar, quadro destacado do PS, futuro ex-Presidente do CA da CGD, futuro administrador da Fundação Gulbenkian e falado para Ministro dos Negócios Estrangeiros de um hipotético Governo PS - «Expresso-Economia», 16.09.95)

«A agricultura é um falso problema que os partidos da oposição empolam demagogicamente no Alentejo.»

☞ (Manuela Ferreira Leite, Ministra da Educação, cabeça de lista do PSD por Évora - «Expresso», 16.09.95)

«As pessoas vivem melhor e reconhecem ao prof. Cavaco o trabalho desenvolvido para dinamizar a região.»

☞ (Idem)

«Os elementos que me chegam são claros: só o PSD pode aspirar à maioria.»

☞ (Cavaco Silva, em reportagem TSF, 18.09.95)

«(a adesão da Plataforma de Esquerda ao PS) foi a passagem de uma união de facto a uma união de direito.»

☞ (Joaquim Pina Moura, citado em «Expresso», 16.09.95)

«No PS não é muito fácil dizer quem está mais à direita ou mais à esquerda.»

☞ (Fernando Gomes, «Rádio Renascença», 16.09.95)

«Concordo inteiramente com a maior parte das propostas contidas no programa eleitoral do PS.»

☞ (Álvaro Barreto, candidato do PSD - «Público», 12.09.95)

PONTOS NATURAIS

As engenhocas do engenheiro

Não, aqueles «debates» não esqueceram. Ficarão na memória como das cenas mais lamentáveis das eleições em Portugal. Deste pelourinho, PS e PSD não mais se livrarão. Podem ter muito dinheiro, cujas fontes se «ignoram». Mas disse-o Carlos Carvalhas: nada lhes dá direito a considerarem-se donos da televisão e muito menos da consciência dos portugueses.

nheiro Guterres, há-de compor um volume que poderá intitular-se «Histórias da Bússola Doida». Para tanto, nem precisa de recorrer às «gaffes».

Ele diz que a alternância é boa quando há desgaste do Poder. Ou seja, a «alternância» funciona assim como uma válvula de segurança: a rolha salta para aliviar a caldeira e salvar a engrenagem...

homem é a sua capacidade de dizer coisas que mais ninguém já se atreve a dizer.



Reconhece que a política agrícola europeia beneficia a Alemanha, a França e mais não sei quem. Portugal, não, está claro. Quanto à «negociação» do PAC acha que «o PS não faria melhor»...Oçam lá. Em vez de discutirem, porque não jogam a bisca lambida?

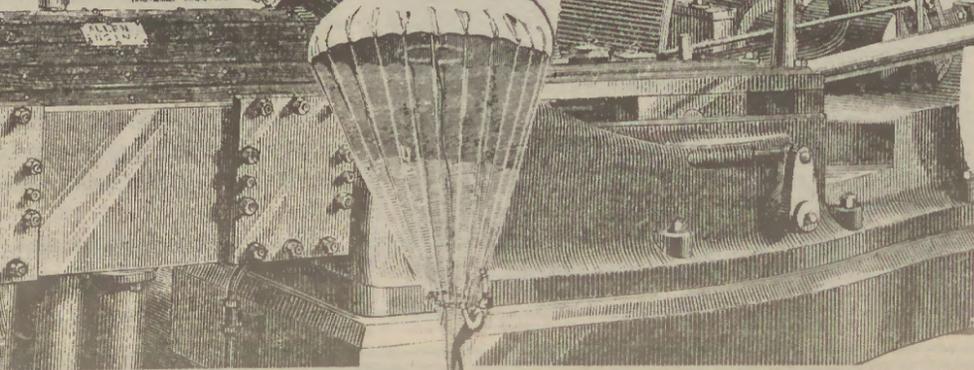
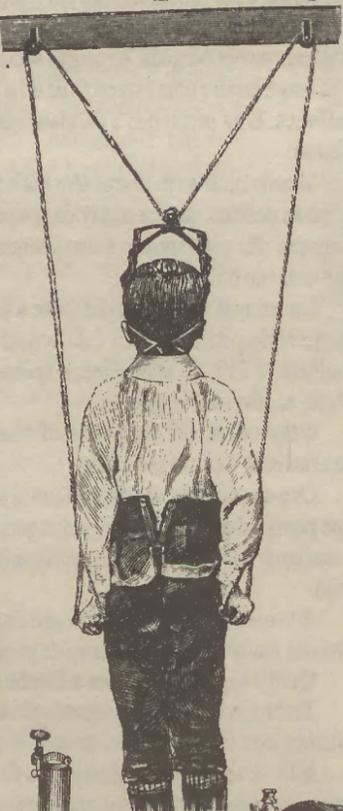
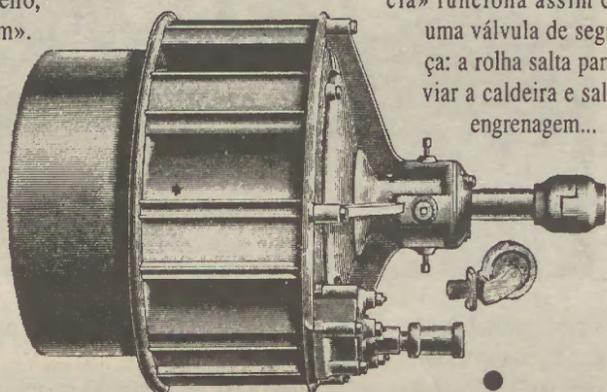
É sua convicção de que PS e PSD «têm a obrigação de cooperar». Já terá acontecido, aliás. «Eu próprio – garante – já fui elogiado pelo prof. Cavaco Silva.» Conclusão: se os eleitores não se põem a pau, o engenheiro Guterres ainda acaba por ser elogiado por Fernando Nogueira.

Na sua opinião, «o PS foi pioneiro da queda do comunismo». Não há dúvida: os historiadores do fenómeno que, entre os factores exógenos citam o Papa, a CIA, a Opus Dei, etc., andam muito distraídos.

Conhecemos agora a sua cartilha: «os valores do liberalismo de esquerda americano». O que mais admiro neste

As estações pretendiam limpar-se com o argumento do interesse jornalístico. Meus senhores! Que importa ouvir duas pessoas que fingem estar de acordo sobre as inúmeras matérias em que ambos explicitamente e obviamente acordam?

Quem um dia se der ao trabalho de coligir as afirmações do engenheiro



Mário Castrião

AVEIRO

Ponto alto da campanha no distrito será o **comício de domingo à tarde**, com **Álvaro Cunhal**, em Aveiro (17 horas, Centro de Cultura e Congressos).

A cabeça-de-lista **Manuela Silva** participa ainda noutras acções, nomeadamente: *hoje* - distribuição de propaganda em **S. João da Madeira** (zona industrial e Oliva) e sessão de esclarecimento em **Oiã** (21.30, na Casa do Povo, também com os candidatos Fernando Peixinho e Jaime Machado); *sexta-feira* - distribuição de propaganda em empresas do concelho de **Águeda** e jantar em **Ílhavo** (restaurante «Canadá»); *sábado* - acções em **S. João da Madeira** e em **Pedorido**, jantar em **Espinho** (rest. «Ripolim»).

BEJA

Activistas e candidatos, entre os quais o cabeça-de-lista **José Soeiro**, acompanham *hoje* a visita de **Carlos Carvalhas** ao distrito.

Amanhã José Soeiro e outros candidatos visitam de manhã o CRSS de Beja, enquanto para **Moura** está marcada uma festa-convívio, às 22.30; *sábado* o cabeça-de-lista intervém em sessões em **Vila Nova da Baronia** (19.30, Junta de Freguesia) e **Alvito** (21.30, Casa do Povo); em **Panoias** tem lugar, durante todo o dia, uma festa-convívio em que intervém, às 17 horas, **Bernardina Sebastião**, do CC do PCP; *domingo* é dia de contactos porta a porta, que em **Beja** contam com a participação de José Soeiro; este estará *segunda* na **Cabeça Gorda**, *terça* participa num debate na **Rádio Voz da Planície** (22 horas, com os cabeças-de-lista do PS, PSD e CDS) e *dia 29* encontra-se em **Castro Verde** com trabalhadores da CM.

BRAGA

Além de participar, como outros candidatos, em diversas acções de propaganda nos vários concelhos, **António Lopes** intervém *hoje* num comício-festa em **Barcelos** (21 horas, Largo da Porta Nova, também com os «Navegante»); *sexta*, num comício-festa em **Vila Nova de Famalicão** (21 horas, Praça Cupertino de Miranda); *sábado* festa em **Pevidém** (Praça Francisco Inácio, 21 horas). *Dia 28* visita o distrito **Álvaro Cunhal**, que participa num jantar em **Barcelos** e num comício em **Guimarães**.

BRAGANÇA

Hoje às 21.30, no Auditório Paulo Quintela do Centro Cultural de **Bragança**, o cabeça-de-lista **António Morais**, o candidato independente **Eugénio Cavalheiro**, a mandatária distrital da CDU, **Maria do Loreto**, e **Emídio Ribeiro**, da Comissão Política do PCP, apresentam as propostas da coligação para o distrito. **António Morais** intervém em sessões em **Parada** (*sexta*) e **Baçal** (*sábado*), ambas às 21 horas nas Casas do Povo. Na *terça-feira*, 26, tem lugar uma festa popular CDU em **Mirandela** (21.30, Jardim do Império). Entre outras iniciativas, o cabeça-de-lista da CDU participa num debate (a quatro) na **Rádio Brigantia** (*sexta*, 29, às 9 horas).

ÉVORA

O cabeça-de-lista **Lino de Carvalho** intervém *hoje* numa sessão com reformados em **Pavia** (17 horas) e num debate na **Rádio Diana** (21.30). Participa ainda em sessões em **S. Marcos do Campo** (*amanhã*, 17 horas, na Sociedade), **Campinho** (21.30, também na Sociedade), **Mourão** (*sábado*, 21 horas, S. Esquível) e **Granja** (*domingo*, 21 horas, Casa do Povo). Várias outras iniciativas estão anunciadas em todo o distri-



Iniciativas com Álvaro Cunhal

Dia 22, sexta

Jantar-convívio dos concelhos do litoral do distrito de Setúbal, às 20 horas, em **Alcácer do Sal** (salão de festas da Barrosinha).

Dia 24, domingo

Às 11 horas, encontro com a população de **Sobreiro** (Condeixa), também com a participação de **Avelãs Nunes**, cabeça-de-lista da CDU por Coimbra. Almoço-convívio na **Figueira da Foz** (13 horas, restaurante «O Tubarão»).

Às 17.30, comício-festa em **Aveiro** (Centro de Cultura e Congressos, ex-Fábrica Campos), com intervenções também da cabeça-de-lista, **Manuela Silva**, e outros candidatos. Antes actua o grupo musical «Icon Vadis».

Dia 26, terça

Jantar-convívio na Sociedade Recreativa Pragalense, em **Almada**, às 20 horas. Às 21.30, comício-festa no **Barreiro** (Penicheiros).

Dia 27, quarta

Comício, às 21.30, na **Amadora** (Soc. Filarmónica Recreio Artístico da Amadora, na Falagueira)

to com outros candidatos e **Raimundo Cabral**, do Conselho Nacional do PCP.

FARO

Carlos Carvalhas visita *amanhã* o Sotavento algarvio, acompanhado pelo cabeça-de-lista **Carlos Luís Figueira** e outros candidatos.

O 1º candidato pelo distrito de Faro participa em diversas iniciativas nos próximos dias, tais como: *hoje* - comício em **Lagoa** (21.30, auditório do Convento de S. José); *sábado* - almoço com sindicalistas em Faro (13.00, Coopofa), porta-a-porta em **Silves**, sessão em **Odeceixe** (21.30, Junta de Freguesia); *domingo* - almoço-convívio na **Bordeira**, jantar em **Loulé**; *segunda* - sessão no **Rogil** (21.30, Clube de Instrução e Recreio); *terça* - comício em **Aljezur** (21.30, Casa do Povo); *quarta* - porta-a-porta em Faro.

A **Juventude CDU** promove um concerto em **Portimão** (*sábado*, 21.30, Auditório Municipal), com as bandas locais «Ditadura», «Ridículos» e «Trombose Band». Intervém o candidato **Marco Jóia**.

GUARDA

Entre outras iniciativas, **André Martins**, cabeça-de-lista e dirigente do PEV, participa *domingo* na manifestação **Arte por Foz Côa** (15 horas, Praça Velha, Guarda).

LEIRIA

Entre outras iniciativas, o cabeça-de-lista **José Augusto Esteves** participa *sábado* num almoço-convívio em **Caldas da Rainha** (res-

taurante «Ribatejano»), num convívio na **Serra D'El Rei** (18 horas) e numa festa-comício em **Peniche** (21.30, Largo D. Pedro V). *Segunda* às 14 horas é entrevistado na **Rádio Comercial de Leiria** e intervém no debate que esta estação promove a partir das 21.30; *quarta* contacta trabalhadores de várias empresas de **Leiria** e participa no debate promovido pela **Antena 1** (19 horas, com demais cabeças-de-lista). Na colectividade da **Ordem (Marinha Grande)** terá lugar um comício-festa no *dia 29*, às 21.30 horas.

LISBOA

Além do Comício no **Campo Pequeno**, no *sábado*, realizam-se na cidade de Lisboa inúmeras acções de propaganda eleitoral em todas as freguesias, com a presença dos candidatos. No **Pavilhão CDU na Praça da Figueira** terão lugar os debates seguintes: *hoje*, *quinta-feira*, sobre o **Programa Eleitoral**, com a participação de **Paulo Trindade** e **José Luís Teixeira**; *segunda-feira*, sobre a **destruição do aparelho produtivo e a situação laboral**, com **Arménio Carlos** e **Célia Portela**; *terça-feira*, com a participação de **Inês Fontinha** e **António Abreu**, um debate sob o tema «**Uma cidade segura**».

Na **Amadora** destacamos a visita de **Luis Sá**, *amanhã*, *sexta-feira*: contacto com a população no Mercado da **Venteira**, às 10h, encontro com **Reformados da Damaia**, às 11h30, contacto com a população na estação da CP da **Damaia**, às 12h, e almoço (às 13h)

Iniciativas com Carlos Carvalhas

Sexta-feira

Contactos com a população de **Olhão** (10 horas, mercado) e os trabalhadores da **COMALPE** (**Vila Real de Santo António**, 12.45 horas). Encontro com reformados (17.00, Sindicato das Conservas, **Vila Real de Santo António**). Encontro com a população em **Tavira** (19.00, Jardim, junto ao coreto). Jantar com apoiantes da CDU em **Olhão** (20 horas, restaurante «Marim», na EN 125).

Comício-festa em **Faro** (22 horas, Jardim Manuel Bivar, junto à doca), também com intervenções do cabeça-de-lista, **Carlos Luís Figueira**, e do candidato independente **António Boronha**.

Sábado

Comício-festa em **Almeirim** (21.30, junto à Biblioteca), com intervenções também de **Luísa Mesquita**, cabeça-de-lista pelo distrito de Santarém, e dos candidatos **Madeira Lopes**, **Manuela Cunha** e **Amândio Freitas**. Actua a **Brigada Victor Jara**.

Domingo

Visita à feira de **Alpiarça** (11.30 horas). Almoço com apoiantes da CDU em **Constância** (13.30, Portela, Sociedade Recreativa Portelense). Encontro com a população em **Montargil** (17 horas, frente à Casa do Povo). Jantar com apoiantes da CDU em **Arronches** (19.30, restaurante «A Estalagem»).

Comício-festa em **Campo Maior** (21.30, no Jardim Público), também com intervenção de **Luís Pargana**, cabeça-de-lista pelo distrito de Portalegre.

Segunda-feira

Arruada na baixa do Porto (16.30 horas, acompanhado de **João Amaral**, cabeça-de-lista).

Comício-festa em **Matosinhos** (21.30, Parque Basílio Teles, também com intervenção de **João Amaral**)

Terça-feira

Em **Lisboa**, visita ao mercado de **Arroios** (10 horas). Almoço com trabalhadores da **Câmara Municipal de Loures** (12.30, refeitório da CM), em que participam também os candidatos **Luis Sá** e **Demétrio Alves**. Festa-convívio de reformados, em **Alcântara** (16 horas, junto ao mercado Rosa Agulhas), também com a candidata **Felicidade Montoito**. Jantar de apoiantes da CDU em **Alcabideche** (20 horas, restaurante «Casa da Petisqueira», Praça Origans).

Comício-festa em **Alverca** (21 horas, Largo do Mercado), também com intervenções dos candidatos **Daniel Branco** e **Luís Azevedo** (ID).

Quarta-feira

Jantar com apoiantes da CDU em **Palmela** (20 horas, restaurante «Retiro Azul»). Comício-festa na **Moita** (21.30, Parque José Afonso), com intervenção também de **Octávio Teixeira**, cabeça-de-lista pelo distrito de Setúbal.

no Casal Popular. Durante a tarde, **Luis Sá** manterá ainda contactos com os **Comerciantes da Falagueira** e com a população, a partir das 17h30, na estação da CP da **Amadora**.

No **concelho de Cascais**, além das acções diárias de propaganda (com distribuições de documentos, bancas, visitas a bairros e empresas), assinala-se o **almoço, domingo**, com a presença do candidato **Manuel Gusmão** no Rest. Estoril-Praia (R. do Viveiro, Monte Estoril) e o **jantar com Carlos Carvalhas**, no Rest. Petisqueira, em **Alcabideche**, na *terça-feira*, dia 26.

Em **Loures** o destaque vai para o **Convívio da Juventude CDU, amanhã, sexta-feira**, com início às 21h, no Largo 4 de Outubro, com actuação dos conjuntos musicais «Dirty Silence», «Nameless» e «Six Dix».

No **concelho de Sintra** destaca-se para a visita que candidatos, entre os quais **Luis Sá** e **Miguel Santinho** farão *hoje*, *quinta-feira*, a diversas instalações da **Câmara Municipal** para contacto com os seus trabalhadores. *Domingo*, vários candidatos (**Domingos Lopes**, **Jaime da Mata**, **António Filipe**, **Lino Paulo**, **Felício Loureiro**) integram equipas que visitam os **Mercados do Cacém** e de **Queluz** (10h30) e a **Feira de S. Pedro** (a partir das 15h); às 17h30, **António Filipe** e **Jaime da Mata** visitam os **Bombeiros de Belas**.

PORTALEGRE

Luis Pargana, cabeça-de-lista da CDU do distrito de Portalegre,

estará presente nos próximos dias nas seguintes iniciativas da campanha eleitoral: *hoje*, *quinta-feira*, no concelho do **Crato** e *sexta-feira* no concelho de **Avis**, com uma sessão de esclarecimento às 21h em **Alcórrego**; no *sábado*, porta-a-porta em **Fronteira** e **Sousel**, com encontros com as populações de **Casa Branca** às 16h e de **Fronteira** às 18h30, e sessão de apresentação de candidatos em **Vale Maceiras**, na Casa do Povo, às 21h.; *segunda-feira*, porta-a-porta em **Marvão** e **Castelo de Vide**, *terça* em **Alter do Chão** e *quarta* nos centros urbanos de **Campo Maior**, **Elvas** e **Portalegre**.

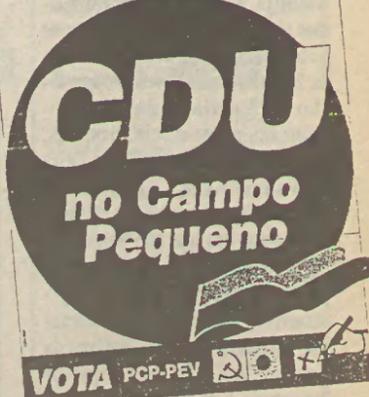
Domingo, dia 24, **Luis Pargana** acompanhará **Carlos Carvalhas** na visita que faz ao distrito e que termina, às 21h30, com o **comício em Campo Maior**.

PORTO

Com a participação de candidatos CDU pelo distrito do Porto realizam-se nos próximos dias, entre outras, as seguintes acções de propaganda da CDU:

Hoje, *quinta-feira* - Com a participação de **João Amaral**, apresentação dos compromissos eleitorais da CDU para as **Mulheres**, também com a presença das candidatas pelo círculo: às 18h no Hotel **Tuela**; às 20h, jantar com trabalhadores da **Banca e Seguros**. *Sexta-feira* - Na **Praça da Ribeira**, às 12h, **Declaração dos candidatos sobre política de Ambiente**, às 20h, **jantar-convívio de jovens quadros** e às 21h30 **comício-festa** na **Casa do Povo de Livração**/

COMÍCIO FESTA
23 SETEMBRO (SÁBADO) - 16 HORAS



Com intervenções de:

Carlos Carvalhas, Álvaro Cunhal, Octávio Teixeira, Heloísa Apolónia, Corregedor da Fonseca e Bernardino Soares

(ver pág. 32)

/Marco de Canaveses. *Sábado* - **João Amaral** participa no convívio que terá lugar no **Jardim da Arca D'Água**, às 18h, e na festa popular que se realiza a partir das 21h30 no **Bairro Sobreiro**, em **Vermim/Maia**. Com a participação de outros candidatos, comício-festa em **Freamunde** (21h30, Pç. 1º de Maio, junto à Fonte Luminosa), sessões na **Esc. Secundária do Padrão da Légua/Matosinhos** e na **Junta de Freguesia de S. Gonçalo/Amarante** - ambas às 21h30. *Domingo* - Almoços-convívios em **Lousada** (Restaurante Severa, 12h30) e na **Adega Canoa** (R. Alto da Arrábida, 275, Porto); festas CDU em **Sobreira/Paredes** (Esc. C+S, 16h), e também em **Sebido/Penafiel** (15h) e na **Beira Rio/Gaia** (17h), estas com a participação de **João Amaral**, que também estará presente na festa popular que *terça-feira*, às 21h30, terá lugar em **S. Pedro da Cova**, junto à Casa da Malta. Ainda na *terça-feira* haverá no Hotel **Tuela** um debate de candidatas com professores.

João Amaral e outros candidatos acompanharão **Carlos Carvalhas** na visita de campanha que o Secretário-geral do PCP realiza *dia 25, segunda-feira*, ao Porto.

SANTARÉM

Luísa Mesquita, cabeça-de-lista da CDU no distrito de Santarém, participará nos próximos dias, designadamente, nas seguintes iniciativas da campanha eleitoral: *hoje*, *quinta-feira*, contacto com os trabalhadores ferroviários da **EMEF** e **CP** - às 17h; *amanhã* visita a **FERSANT**, em **Torres Novas**, às 17h, e às 21h participa num debate no **Entroncamento**; *sábado*, às 16h, **Luísa Mesquita**, **Amândio Freitas**, **Manuel Brandão** e **António José Ganhão** participam no comício-festa que se realiza no Lg. do Mercado Municipal de **Salvaterra de Magos** e em que actuará a **Brigada Victor Jara**. *Domingo* a primeira candidata do distrito estará às 10h30 com a população de **Valada** (Parque das Merendas), às 11h30 em **Alpiarça**, às 13h30 num almoço CDU em **Constância** (na Soc. Recr. Portelense, em Portela) e às 17h, em **Santa Justa**, no comício da **Festa das Colheitas**.

SETÚBAL

Da participação de **Octávio Teixeira** na campanha eleitoral no

distrito, destacamos: *hoje*, no **Montijo**, encontro com **Reformados** (às 15h), visita a empresas às 16h30, sessão de esclarecimento às 21h30. *Amanhã* visita o concelho de **Santiago do Cacém** - nomeadamente Abela, Ermidas, Alvalade, S. Domingos e a Feira de Vale D'Água - e participa, à noite, no jantar-convívio em **Alcácer do Sal** em que também estará presente **Álvaro Cunhal**. *Domingo* estará presente num almoço-convívio no Seixal e, em **Almada**, no Feira das Alternativas da Juventude CDU, no Parque da Juventude, a partir das 15h.

Em **Setúbal** realiza-se hoje um jantar-convívio com a participação de **Ruben de Carvalho** no «Gre-lhador da Doca» e no domingo, em **Vila Fresca de Azeitão**, um almoço-convívio com a presença de **Manuel Véstias**

No concelho de **Almada** terão ainda lugar as seguintes iniciativas: *hoje*, café-concerto de quadros técnicos e intelectuais apoiantes da CDU no restaurante «Ponto Final» (Ginjal), ao fim da tarde, com a participação de **Ruben de Carvalho**; convívio com **Reformados** no Parque Ramiro Correia (Pombal), às 16h, com a participação **Odete Santos**, que também estará presente, com **Henrique Carreiras**, na sessão de esclarecimento que terá lugar às 21h30, no C.I.R.L., Laranjeiro. No *domingo* de manhã realiza-se na **Cova da Piedade** um convívio desportivo, com jogos tradicionais, jogos de tabuleiro, cicloturismo, etc.

VILA REAL

Agostinho Lopes, cabeça-de-lista pelo distrito de Vila Real, estará hoje de manhã em **Campeã** e a partir das 15h visita as freguesias de Vila Cova, Quinta, S. Miguel da Pena e Targueda. *Amanhã*, em **Mondim de Basto**, visita a Feira para contacto com agricultores e à tarde visita freguesias do concelho; à noite intervém no **comício-festa** na Av. Carvalho Araújo em Vila Real, onde também estará no dia seguinte em visita a freguesias e, às 21h, na sessão de propaganda eleitoral que se realiza em **Nogueira**. *Domingo* o destaque vai para a festa CDU que começa às 15h na **Régua**. *Segunda-feira*, em **Vila Pouca de Aguiar**, o primeiro candidato pelo distrito participa, às 14h30, num debate sobre agricultura promovido pelo Conselho Agrícola do Distrito de Vila Real e em **Pinhão** (Alijó), à noite, na sessão de propaganda da CDU que terá lugar na Escola Primária.

CDU — TEMPOS DE ANTENA RÁDIO

Rádios	RDP		RR		RC	CMR (Sul)	R. Press (Norte)	Rádio Altitude	R. Asas Atlântico	R. Cl. Angra	E. Rádio Madeira	P. Emis. Funchal
	Nacional	Internac.	CI	RFM	OM e FM							
21	11.35 12.15	14.45	21.15	20.15	23.25	—	—	—	—	—	—	—
22	11.55	14.45	11.50 21.15	11.50 20.15	11.50 23.25	1.30	3.35	20.05	12.30	15.00	—	—
23	23.45	7.35 23.45	—	—	—	—	—	20.20	12.45	13.15	22.35	20.35
24	12.10 23.50	7.45 23.50	—	—	—	—	3.15	—	12.45	12.45	22.45	20.45
25	11.35	14.35	11.50 21.25	11.50 20.25	11.50 23.35	1.25	3.35	—	12.35	15.05	22.50	20.50
26	—	—	—	—	—	1.30	—	20.20	—	—	22.35	20.35
27	11.35 12.10	23.35	11.35	11.35	11.35	—	—	20.05	12.35	15.05	—	—
28	23.50	7.35 14.40	19.35	20.15	23.25	1.20	3.25	20.25	12.55	15.25	22.45	20.45
29	11.40 12.10 23.40	7.40 14.40 23.50	11.35 21.20	11.35 20.20	11.35 23.30	—	3.30	—	12.45	15.15	22.30	20.30

TEMPO DE ANTENA da **CDU**
A Esquerda necessária
VOTA PCP-PEV

Horário de emissão dos tempos de antena da CDU

Canal	G1	TV2	TVI	RTPi
Domingo 17.9	19.30h	21.20h	21.25h	19.40h
2ª Feira 18.9	19.45h			
3ª Feira 19.9		21.20h	21.45h	19.45h
4ª Feira 20.9		21.15h		19.40h
5ª Feira 21.9	19.50h		21.45h	
6ª Feira 22.9	19.50h		21.50h	19.45h
Sábado 23.9	19.40h	21.20h	21.30h	19.35h
Domingo 24.9		21.25h 21.35h	21.50h	19.20h
2ª Feira 25.9	19.35h			
3ª Feira 26.9	19.35h	21.40h	21.50h	19.45h
5ª Feira 28.9			21.50h	
6ª Feira 29.9	19.45h	21.25h		19.40h

Atenção:

Cada tempo de antena tem a duração de 3 minutos.

O início de emissão dos tempos de antena em cada canal é o seguinte:

De 2ª a 6ª feira:

C1: 19.39h; TV2: 21.10h; TVI: 21.42h; RTPi: 19.35h

Aos sábados e domingos:

C1: 19.23h; TV2: 21.15h; TVI: 21.27h; RTPi: 19.20h

O horário de emissão dos tempos de antena da CDU indicado no mapa é um horário aproximado.

FILMES

QUINTA, 21

Querida América

«Dear America» (EUA/1987). Real.: Bill Couturie. Vozes: Robert DeNiro, Michael J. Fox, Tom Berenger, Willem Dafoe, Kathleen Turner, Robin Williams. Cor, 87 min. *Ver Destaque.* (15.00, SIC)

A Espada e a Rosa (1ª Parte)

«The Sword and the Rose» (Gr.Br./1952). Real.: Ken Annakin. Int.: Richard Todd, Glynis Jones, James Robertson Justice, Michael Cough. Cor, 88 min. *Ver Destaque.* (16.50, Canal 1)

Van Gogh

«Van Gogh» (Fr./1991). Real.: Maurice Pialat. Int.: Jacques Dutronc, Alexandra London, Gérard Séty, Bernard Le Coq, Corinne Bourdon. Cor, 152 min. *Ver Destaque.* (22.45, TV2)

Charles e Lucie

«Charles et Lucie» (Fr./1979). Real.: Nelly Kaplan. Int.: Dean Ceccaldi, Ginette Garcin, Georges Claisse, Jean-Marie Prossier. Cor, 95 min. *Comédia Dramática.* (00.15, Canal 1)

A Maldição dos Mortos Vivos

«The Serpent and the Rainbow» (EUA/1988). Real.: Wes Craven. Int.: Bill Pullman, Cathy Tyson, Zakes Mokae, Paul Winfield. Cor, 98 min. *Ver Destaque.* (01.50, Canal 1)

SEXTA, 22

Crónica Negra

«Tabloid Crine» (1987). Real.: Faliero Rosati. Int.: Duilio del Prete, Anna Nogara, Renato Scarpa. Cor, 100 min. *Policial.* (15.00, SIC)

A Espada e a Rosa (2ª Parte)

«The Sword and the Rose» (Gr.Br./1952). Real.: Ken Annakin. Int.: Richard Todd, Glynis Jones, James Robertson Justice, Michael Cough. Cor, 88 min. *Ver Destaque.* (16.50, Canal 1)

Fora de Controlo

«Runaway» (EUA/1984). Real.: Michael Crichton. Int.: Tom Selleck, Kristie Alley, Genie Simons, Stan Shaw, Joey Cramer. Cor, 95 min. *Policial / Ficção Científica.* (22.35, TVI)

Rio, 40 Graus

(Brasil/1955). Real.: Nelson Pereira dos Santos. Int.: Jece Valadão, Glauce Rocha, Rocha Batalin, Cláudia Moreno, António Novais. P/B, 87 min. *Ver Destaque.* (23.50, TV2)

Ambição

«Ambition» (EUA/1991). Real.: Scott D. Goldstein. Int.: Lou Diamond Phillips, Cecilia Peck, Clancy Brown, Richard Bradford, Willard Pugh. Cor, 100 min. *Terror.* (00.45, Canal 1)

Raptadas e Perseguidas

«Fortress» (Austrália/1985). Real.: Arch Nicholson. Int.: Rachel Ward, Sean Garlick, Rebecca Rigg, Robin Mason, Marc Gray. Cor, 89 min. *Telefilme / Thriller.* (02.20, Canal 1)

SÁBADO, 23

As Aventuras de Huckleberry Finn

«The Adventures of Huckleberry Finn» (EUA/1993). Real.: Stephen Sommers. Int.: Elijah Wood, Courtney B. Vance, Robbie Coltrane, Jason Robards. Cor, 104 min. *Ver Destaque.* (17.45, TV2)

Batalha Desigual

«Shades of Gray» (EUA/1991). Real.: Kevin James Dobson. Int.: Valerie Bertinelli, George Dzundza. Cor, 104 min. *Policial.* (17.55, TVI)

Lua de Mel, Lua de Fel

«Bitter Moon» (Fr./Gr.Br./1992). Real.: Roman Polanski. Int.: Peter Coyote, Emmanuelle Seigner, Hugh Grant, Kristin Scott-Thomas. Cor, 139 min. *Ver Destaque.* (23.55, Canal 1)

Abraco Mortal

«A Double Life» (EUA/1947). Real.: George Cukor. Int.: Ronald Colman, Signe Hasso, Edmond O'Brien, Shelley Winters, Ray Collins. P/B, 104 min. *Ver Destaque.* (00.20, TV2)

As Aventuras de Marco Polo

«The Adventures of Marco Polo» (EUA/1938). Real.: Archie Mayo. Int.: Gary Cooper, Signé Curie, Ernest Truzy, Basil Rathbone. P/B, 100 min. *Aventuras / Histórico.* (00.55, TVI)

A Dança dos Sete Véus

«Salome's Last Dance» (Gr.Br./1988). Real.: Ken Russell. Int.: Glenda Jackson, Stratford Jones, Nicholas Grace, Douglas Hodge. Cor, 90 min. *Comédia.* (02.10, Canal 1)

DOMINGO, 24

Tarzan e a Companheira

«Tarzan and his Mate» (EUA/1934). Real.: Cedric Gibbons. Int.: Johnny Weissmuller, Maureen O'Sullivan, Neil Hamilton, Paul Cavanagh. P/B, 81 min. *Ver Destaque.* (14.15, TV2)

O Terror do Farwest

«Buddy Goes West» (1981). Real.: Michele Lupo. Int.: Bud Spencer, Sara Franchetti. Cor, 96 min. *Ação.* (16.00, SIC)

Sete Dias de Perseguição

«The Command» (EUA/1954). Real.: David Butler. Int.: Guy Madison, Joan Weldon, James Witmore, Carl Benton Reid, Harvey Lembeck. Cor, 120 min. *«Western».* (16.00, TVI)

A Menina do Rádio

(Port./1944). Real.: Arthur Duarte. Int.: António Silva, Maria Matos, Maria Eugénia, Ribeirinho. P/B, 106 min. *Comédia.* (22.00, Canal 1)

K-9, Agente Canino

«K-9» (EUA/1989). Real.: Rod Daniel. Int.: James Belushi, Mel Harris, Kevin Tighe, Ed O'Neill, Jerry Lee, James Handy. Cor, 98 min. *Comédia Policial.* (22.30, SIC)

Lawrence após Arábia

«A Dangerous Man - Lawrence after Arabia» (EUA/1992). Real.: Christopher Menaul. Int.: Ralph Finnes, Denis Quilley, Sidding El Fadil. Cor, 104 min. *Aventuras.* (00.45, TV2)

Enterrados Vivos

«Buried Alive» (EUA/1990). Real.: Gérard Kikoine. Int.: Robert Vaughn, Donald Pleasence, Karen Witter, John Carradine. Cor, 91 min. *«Thriller».* (02.10, Canal 1)

SEGUNDA, 25

Amor Selvagem

«Canyon Passage» (EUA/1946). Real.: Jacques Tourneur. Int.: Susan Hayward, Dana Andrews, Brian Donlevy, Ward Bond, Lloyd Bridges. Cor, 89 min. *Ver Destaque.* (15.00, SIC)

O Último Fôlego

«Breathless» (EUA/1983). Real.: Jim McBride. Int.: Richard Gere, Valerie Kaprisky, William Tepper, Art Metrano, John P. Ryan. Cor, 97 min. *Ver Destaque.* (21.15, Canal 1)

Um Dia de Raiva

«Falling Down» (EUA/1993). Real.: Joel Schumacher. Int.: Michael Douglas, Robert Duvall, Barbara Hershey, Frederic Forrest. Tuesday Weld. Cor, 112 min. *Ver Destaque.* (22.50, SIC)

A Minha Mãe é um Lobisomem

«My Mom's a Werewolf» (EUA/1988). Real.: Michael Fisha. Int.: Susan Blakely, John Saxon, Katrina Caspary, John Shuck. Cor, 81 min. *Comédia.* (01.00, Canal 1)

TERÇA, 26

O Governador de Ferro

«Il Prefetto di Ferro» (It./1977). Real.: Pasquale Squitieri. Int.: Giuliano Gemma, Claudia Cardinale, Francisco Rabal. Cor, 106 min. *Comédia.* (15.00, SIC)

O Ás dos Stockcars

«Born to Race» (EUA/1988). Real.: James Fargo. Int.: Joseph Bottoms, Marc Singer, Marla Heasley, George Kennedy. Cor, 98 min. *Desporto / Ação.* (23.45, Canal 1)

QUARTA, 27

O Bom Pastor

«Going my Way» (EUA/1944). Real.: Leo McCarey. Int.: Bing Crosby, Barry Fitzgerald, Rise Stevens, Gene Lockhart, Frank McHugh. P/B, 120 min. *Ver Destaque.* (15.00, SIC)

Embrulhada em Família

«Family Tree» (EUA/1982). Real.: Joan Darling. Int.: Anne Archer, Frank Converse, Martin Hewitt, James Spader. Cor, 112 min. *Comédia Romântica.* (00.45, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

PROGRAMAÇÃO

Quinta, 21

CANAL 1
08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.15 Corpo Santo
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Marimar
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Factos de Banho
13.55 Maria José
15.25 Edera
16.20 Encruzilhadas
16.50 Telefilme: «A Espada e a Rosa»
17.45 Kananga do Japão
19.00 Lotaria Nacional
19.10 Campanha Eleitoral
19.25 A Minha Vida Dava Um Filme
20.00 Telegiornal
20.45 A Idade da Loba
21.30 Festival de Folclore do Algarve
22.30 As Estrelas da Moda sob o Céu de Roma
23.30 24 Horas
24.00 Remate
00.15 Charles e Lucie
(ver «Filmes na TV»)
01.50 A Maldição dos Mortos Vivos
(ver «Filmes na TV»)

TV 2
16.35 NBA
17.30 Vuelta 95
18.30 Rua Sésamo
19.00 Um, Dó, Lí, Tá
19.45 Musical: «Bonnie Raitt»
20.40 Fórmula 1 - Grande Prémio de Portugal (Treinos)
21.10 Campanha Eleitoral
21.30 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.30 Acontece
22.45 Van Gogh
(ver Filmes na TV)
01.20 Viagens na Minha Terra
01.50 Ver Artes
02.25 Musical: «In Concert» - IV

SIC
11.00 Por Amar-te Tanto
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Quatro por Quatro
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Os Imigrantes
14.30 Os Donos do Jogo
15.00 Querida América
(ver «Filmes na TV»)
16.55 Buêrére
17.55 Notícias
18.00 Praça Pública
18.30 Tieta do Agreste
19.30 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.50 Trapalhões em Portugal
21.30 A Próxima Vítima
22.30 Mini-Chuva de Estrelas
23.30 A Noite da Má-Língua
00.45 Último Jornal
01.00 Phoenix

TVI
10.30 Vida Selvagem
11.20 Telhados de Vidro
11.45 Morena Clara
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus...
14.30 Esquadrão Classe A
15.30 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 Confissões de Adolescente
18.25 A Fúria do Destino
19.15 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.40 Tempo de Antena
22.00 Camarena
23.00 Directa
23.50 Diário de Campanha
00.05 TVI Jornal + Primeira Fila
00.25 Diário da Campanha

Sexta, 22

CANAL 1
08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.15 Corpo Santo
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Marimar
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Factos de Banho
13.55 Maria José
15.25 Edera
16.20 Encruzilhadas
16.50 Telefilme: «A Espada e a Rosa»
17.45 Kananga do Japão
19.10 Campanha Eleitoral
19.25 A Minha Vida Dava Um Filme
20.00 Telegiornal
20.45 Futebol: Benfica-Belenenses
22.45 A Idade da Loba
23.30 Isto Só Vídeo
24.00 24 Horas
00.45 Ambição
(ver «Filmes na TV»)
02.20 Raptados e Perseguidos
(ver «Filmes na TV»)

TV 2
12.55 Fórmula 1 - Grande Prémio de Portugal (Treinos)
15.35 Arsène Lupin
16.30 Motociclismo
17.30 Vuelta 95
18.30 Rua Sésamo
19.00 Um, Dó, Lí, Tá
19.30 Artes e Letras: «O Século do Cinema» - I
20.35 Fórmula 1 - Grande Prémio de Portugal (Treinos)
21.10 Campanha Eleitoral
21.30 Terra X
22.00 TV2 Jornal
22.30 Acontece
22.45 Reportagem
23.50 Rio, 40 Graus
(ver «Filmes na TV»)

SIC
11.00 Por Amar-te Tanto
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Quatro por Quatro
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Os Imigrantes
14.30 Os Donos do Jogo
15.00 Crónica Negra
(ver «Filmes na TV»)
16.55 Buêrére
17.55 Notícias
18.00 Praça Pública
18.30 Tieta do Agreste
19.30 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.50 Os Malucos do Riso
21.30 A Próxima Vítima
22.30 Luna Parque
00.30 Os Donos da Bola
01.45 Último Jornal
02.00 Playboy

TVI
10.30 Caixa de Perguntas
11.20 Telhados de Vidro
11.45 Morena Clara
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus...
14.30 Esquadrão Classe A
15.30 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 Confissões de Adolescente
18.25 A Fúria do Destino
19.15 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.40 Percursos - «Carlos Carvalhas»
21.45 Marés Vivas
22.30 Fora de Controle
(ver «Filmes na TV»)
00.45 Diário da Campanha
01.00 TVI Jornal
02.00 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo

Sábado, 23

CANAL 1
08.00 Programa Infantil/Juvenil
11.30 Arca de Noé
12.30 Praça de Touros
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Fórmula 1 - Grande Prémio de Portugal
14.05 Top +
15.15 Beverly Hills
16.15 Chefe Mas Pouco
16.55 Futebol: Felgueiras-Porto
19.10 Campanha Eleitoral
19.45 Totoloto
20.00 Telegiornal
20.40 Futebol: Farense-Sporting
22.40 Parabéns
24.00 Fados no Parque
23.20 24 Horas
23.55 Lua de Mel, Lua de Fel
(ver «Filmes na TV»)
02.10 A Dança dos Sete Vésus
(ver «Filmes na TV»)

TV 2
09.00 Universidade Aberta
12.00 Forum Musical
13.00 Maria
13.30 Euronews
14.45 TV2 Desporto
16.45 Para Além do Ano 2000
17.45 As Aventuras de Huckleberry Finn
(ver «Filmes na TV»)
19.30 Fórmula 1 - Grande Prémio de Portugal
20.15 Esta Cativa que me Tem Cativo
21.15 Campanha Eleitoral
22.00 TV2 Jornal
22.30 Cantares de Amigo
23.30 Remate
23.45 Tribunal de Polícia
00.20 Abraço Mortal
(ver «Filmes na TV»)

SIC
09.00 Buêrére
12.30 Portugal Radical
13.00 Quatro por Quatro
14.00 Dra. Quinn
15.00 Cosby Show
15.30 Muita Lóca
16.00 O Magistrado
17.00 Tieta do Agreste
18.00 Futebol: Boavista-Leça ou União de Leiria-Amadora
19.30 Jornal da Noite + A Semana
21.15 A Próxima Vítima
22.30 Big Show Sic
01.15 Último Jornal
01.30 Minas e Armadilhas

TVI
10.00 Clube da Manhã
11.30 Animação
12.00 Visto Isto
12.30 Informação Religiosa
13.00 Jornal da Uma
13.25 Contra Ataque
15.00 Troféu Carina
15.15 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo
16.55 O Céu Como Horizonte
17.55 Batalha Desigual
(ver «Filmes na TV»)
20.00 Telegiornal
21.00 Percursos - «Manuel Monteiro»
21.35 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo
23.20 Futebol
01.00 Diário de Campanha
01.20 As Aventuras de Marco Polo
(ver «Filmes na TV»)

Domingo, 24

CANAL 1
08.00 Programa Infantil / Juvenil
09.25 Grande Prémio de Portugal de Fórmula 1
10.50 Programa Infantil / Juvenil
12.30 Sem Limites
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Grande Prémio de Portugal de Fórmula 1
16.00 Made In Portugal
16.45 86-60-86
17.30 Outras Guerras
17.55 Kananga do Japão
18.30 Casa Cheia
19.10 Campanha Eleitoral
19.50 Joker
20.00 Telegiornal
20.50 Isto Só Vídeo
21.25 Queridas e Maduras
22.00 A Menina da Rádio
(ver «Filmes na TV»)
23.45 24 Horas
00.20 Paixões
01.15 No Calor da Noite
02.10 Enterrados Vivos
(ver «Filmes na TV»)

TV 2
09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 7 x 7
10.30 Missa
12.00 Regiões
13.00 Vida por Vida
20.15 Euronews
14.15 Tarzan e a Companheira
(ver «Filmes na TV»)
16.00 TV2 Desporto
19.45 O Homem e a Cidade
20.15 Portugal Sem Fim - «O Fogo e o Gelo»
21.15 Campanha Eleitoral
22.00 TV2 Jornal
22.30 Vidas a Meias
23.00 Domingo Desportivo
00.45 Lawrence Após Arábia
(ver «Filmes na TV»)

SIC
09.00 Buêrére
13.00 BBC - Vida Selvagem
14.00 Internacional SIC
14.40 Príncipe de Belair
15.10 Olho de Falcão
16.00 O Terror do Farwest
(ver «Filmes na TV»)
18.00 Miss Praia Nova Gente
20.00 Jornal da Noite
21.05 Engracadinha, Seus Amores e Pecados
23.10 K-9, Agente Canino
(ver «Filmes na TV»)
00.35 Último Jornal
00.50 Campeonato do Mundo de Surf
01.10 Erro Fatal

TVI
10.00 Clube da Manhã
11.30 O 8º Dia
12.30 Missa
13.40 Portugal Português
15.00 Jornal do País
15.30 Telemúsica
16.00 Sete Dias de Perseguição (Telefilme)
18.00 Feita à Medida
18.30 Detectives na Onda
19.30 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo
21.25 Tempo de Antena
22.00 Jogo do Ganso
00.50 Diário de Campanha

Segunda, 25

CANAL 1
08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.15 Corpo Santo
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Marimar
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Factos de Banho
13.55 Maria José
14.45 Edera
15.30 O Alvo Humano
16.30 Encruzilhadas
17.00 Na Sombra de Uma Mulher
18.15 Kananga do Japão
18.40 A Minha Vida Dava Um Filme
19.10 Campanha Eleitoral
20.00 Telegiornal
20.45 A Idade da Loba
21.15 O Último Fôlego
(ver «Filmes na TV»)
23.00 Os Jovens Rebeldes
24.00 24 Horas
00.30 Remate
01.00 A Minha Mãe É um Lobisomem
(ver «Filmes na TV»)

TV 2
16.30 Immenhof
17.40 Rua Sésamo
18.15 Um, Dó, Lí, Tá
19.15 O Mundo em Guerra
20.00 Body and Soul
21.00 À Roda do Mundo
21.15 Campanha Eleitoral
21.25 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.30 Acontece
22.40 Segunda Parte
00.05 Musical - «In Concert»

SIC
11.00 Por Amar-te Tanto
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Quatro por Quatro
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Os Imigrantes
14.30 Os Donos do Jogo
15.00 Amor Selvagem
(ver «Filmes na TV»)
16.55 Buêrére
17.50 Notícias
18.30 Tieta do Agreste
19.30 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.45 A Próxima Vítima
21.50 Ponto de Encontro
22.50 Um Dia de Raiva
(ver «Filmes na TV»)
01.15 Último Jornal
01.30 Flash Back

TVI
10.30 Novos Ventos
11.20 Telhados de Vidro
11.55 Morena Clara
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus...
14.30 Esquadrão Classe A
15.30 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 Confissões de Adolescente
18.25 A Fúria do Destino
19.00 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.40 Marés Vivas
21.30 Fora de Jogo
21.40 Tempo de Antena
22.00 Duas Faces para o Sucesso
24.00 TVI Jornal
00.30 Diário da Campanha
00.45 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo

Terça, 26

Canal 1
08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.15 Corpo Santo
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Marimar
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Factos de Banho
13.55 Maria José
14.45 Edera
15.30 O Alvo Humano
16.30 Encruzilhadas
17.00 Futebol: Lyon-Farense
19.10 Campanha Eleitoral
20.00 Telegiornal
20.50 Futebol: Benfica-Lierse
23.45 O As dos Stockcars
(ver «Filmes na TV»)
02.10 24 Horas
02.40 Remate

TV 2
16.30 Golo Europa
17.40 Rua Sésamo
19.00 Futebol: S. Liège-Guimarães
21.15 Campanha Eleitoral
21.30 Lendas e Narrativas
22.00 TV2 Jornal
22.30 Acontece
22.30 Teatro: «Mensagem para a Posteridade»
24.00 A Par e Passo

SIC
11.00 Por Amar-te Tanto
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Quatro por Quatro
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Os Imigrantes
14.30 Os Donos do Jogo
15.00 O Governo de Ferro
(ver «Filmes na TV»)
16.55 Buêrére
17.50 Notícias
18.00 Praça Pública
18.30 Tieta do Agreste
19.30 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
21.50 A Próxima Vítima
21.30 Não se Esqueça da Escova de Dentes
23.15 Casos de Polícia
00.30 Último Jornal
00.50 Phoenix

TVI
10.30 Vida Selvagem
11.20 Telhados de Vidro
11.55 Morena Clara
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus...
14.30 Esquadrão Classe A
15.30 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 Confissões de Adolescente
18.25 A Fúria do Destino
19.45 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.40 Marés Vivas
21.30 Fora de Jogo
22.00 Duas Faces para o Sucesso
23.20 Propostas
24.00 TVI Jornal
00.55 Diário de Campanha
01.10 Modelo e Detective
02.10 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo

Quarta, 27

Canal 1
08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.15 Corpo Santo
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Marimar
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Factos de Banho
13.55 Maria José
14.45 Edera
15.30 O Alvo Humano
16.30 Encruzilhadas
17.00 Na Sombra de Uma Mulher
18.15 Kananga do Japão
18.40 A Minha Vida Dava Um Filme
19.10 Campanha Eleitoral
20.00 Telegiornal
20.40 Futebol: Porto-Dinamo
22.30 A Idade da Loba
23.00 Amores Perfeitos
24.00 24 Horas
00.30 Remate
00.45 Embrulhada em Família
(ver «Filmes na TV»)

TV 2
16.30 Motores
17.35 Rua Sésamo
18.05 Um, Dó, Lí, Tá
19.00 Comboios Como Não Há Outros
20.05 Irei para Longe
21.15 Campanha Eleitoral
21.25 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.30 Acontece
22.40 Documentário
23.45 Homenagem aos Mestres do Jazz

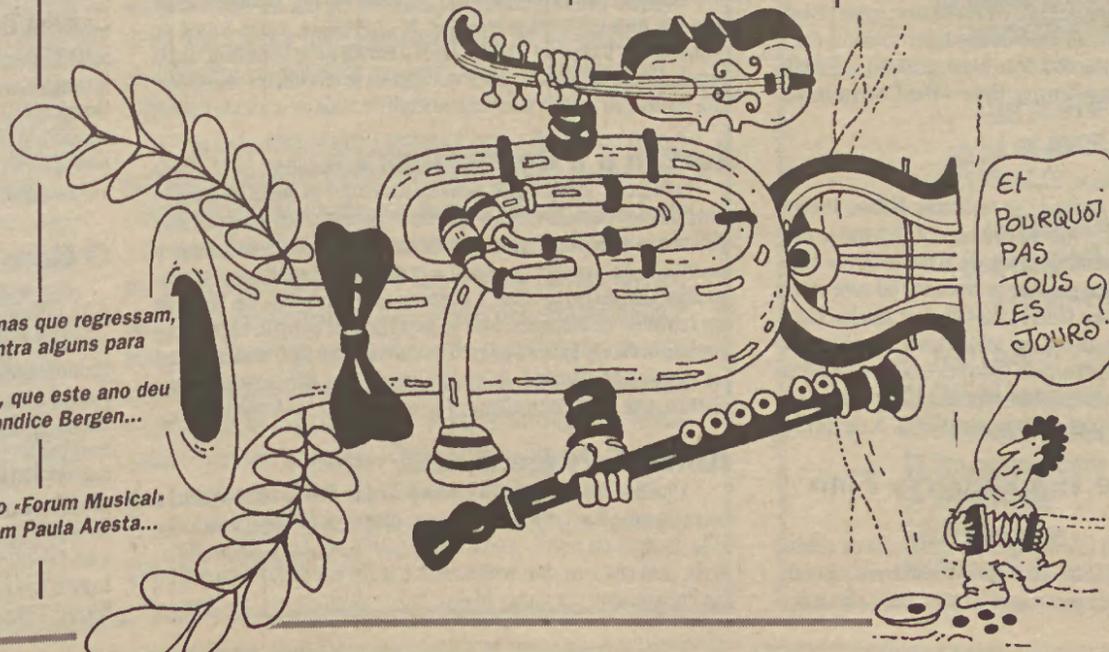
SIC
11.00 Por Amar-te Tanto
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Quatro por Quatro
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Os Imigrantes
14.30 Os Donos do Jogo
15.00 O Bom Pastor
(ver «Filmes na TV»)
16.55 Buêrére
17.50 Notícias
18.00 Praça Pública
18.30 Tieta do Agreste
19.30 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.50 A Próxima Vítima
21.50 Barba e Cabelo
22.30 Número Um
00.35 Último Jornal
00.50 Série

TVI
10.30 Informação Religiosa
11.20 Telhados de Vidro
11.55 Morena Clara
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo
15.25 Esquadrão Classe A
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 A Fúria do Destino
19.00 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.40 Marés Vivas
21.30 Fora de Jogo
21.40 Tempo de Antena
22.00 Duas Faces para o Sucesso
00.15 TVI Jornal
00.45 Diário de Campanha
01.00 Jornal do Mundo



Entre os programas que regressam, sempre se encontra alguns para festejar: «Murphy Brown», que este ano deu novo Emmy a Candice Bergen...

...o «Forum Musical» com Paula Aresta...



Et Pourquoi PAS TOUS LES JOURS?



...ou «Rua Sésamo»...

Por isto e por aquilo...

Querida América

(Quinta, 15.00, SIC)

Querida América é um notável documentário para televisão elaborado com base no conteúdo de centenas de cartas de soldados combatendo e morrendo inutilmente na Guerra do Vietname e lidas - ou, talvez melhor, narradas - por grandes actores e atrizes do cinema norte-americano (ver *Ficha Técnica*). As referências falam-nos de um filme extremamente comovente sobre os *quem*, os *quando*, os *onde* daquela guerra trágica, construído a partir de um excelente aproveitamento do material noticioso dos jornais de actualidades da época e com uma adequada banda sonora abrangendo desde os temas mais badalados dos anos 60 até *Born in the USA* de Bruce Springsteen. A primeira vez que este filme passou foi em Março de 93, escondido, numa emissão da TV2. Ao transmiti-lo nas condições em que agora o faz, a SIC demonstra bem que, também neste caso, a sua alternativa à RTP consiste, apenas, em escondê-lo às 15.00 horas de um dia de semana...

A Espada e a Rosa

- 1.ª e 2.ª Partes

(Quinta e Sexta, 16.50, Canal 1)

Com a marca dos grandes espectáculos de entretenimento produzidos pelos estúdios Disney, *A Espada e a Rosa* foi encenado pelo estimável Ken Annakin tendo como tema um facto histórico - a louca paixão de *Mary Tudor*, irmã de *Henrique VIII* (interpretado admiravelmente por *James Robertson Justice*), pelo futuro Duque de Suffolk, *Sir Charles Brandon*. Os espectadores mais grisalhos recordar-se-ão de ter visto este movimentado *capa-e-espada* na sua adolescência, nas *matinées* de Sábado do cinema S. Jorge, aí pelos finais da época escolar, em vésperas das longas férias de Verão... Pelos vistos programado pela segunda vez para o mesmo Canal no espaço de dois meses (e porventura não transmitido da primeira vez) a RTP resolve agora, inexplicavelmente, parti-lo em duas partes!

Van Gogh

(Quinta, 22.45, TV2)

Realizado por um dos mais destacados cineastas europeus contemporâneos - *Maurice Pialat* - *Van Gogh* debruça-se sobre os últimos tempos de vida do grande pintor, quando regressa a Auver-sur-Oise em 1890. São estes os tempos em que se aproxima o seu grande e definitivo confronto com os problemas que interiormente o atormentam, constituindo o filme como que um estudo da sua angústia, solidão e desespero. Uma grande interpretação de *Jacques Dutronc* no papel de *Van Gogh*.

A Maldição dos Mortos Vivos

(01.50, Canal 1)

Ao contrário dos filmes através dos quais começou a ser conhecido - filmes de *série B*, realizados com orçamentos de miséria e interpretados por actores de terceira categoria -, *A Maldição dos Mortos Vivos* é um filme cujas condições de produção ultrapassam em muito a indigência do início de uma carreira de quinze anos que marcou o professor de Ciências Humanas, realizador de cinema, *Wes Craven*. Sem dúvida que o inegável talento deste cineasta do *terror* e do *fantástico* continua a pairar nesta obra datada de 87 e que nos conta a história de um antropólogo americano em deslocação ao Haiti para fazer um inquérito sobre as drogas alucinogéneas, a magia negra e o *voodoo* e ali é surpreendido pela queda do regime ditatorial dos *Duvalier*. Os «efeitos especiais» são particularmente impressionantes na última parte do filme e *Craven* sabe, como poucos, transpor com eficácia para o *écran* um clima de hiperviolência; mas a extrema crueldade e atmosfera macabra deste filme agradarão, sobretudo, aos inúmeros apreciadores deste *gênero* que têm em *Wes Craven* um verdadeiro cineasta de culto.

Rio, 40 Graus

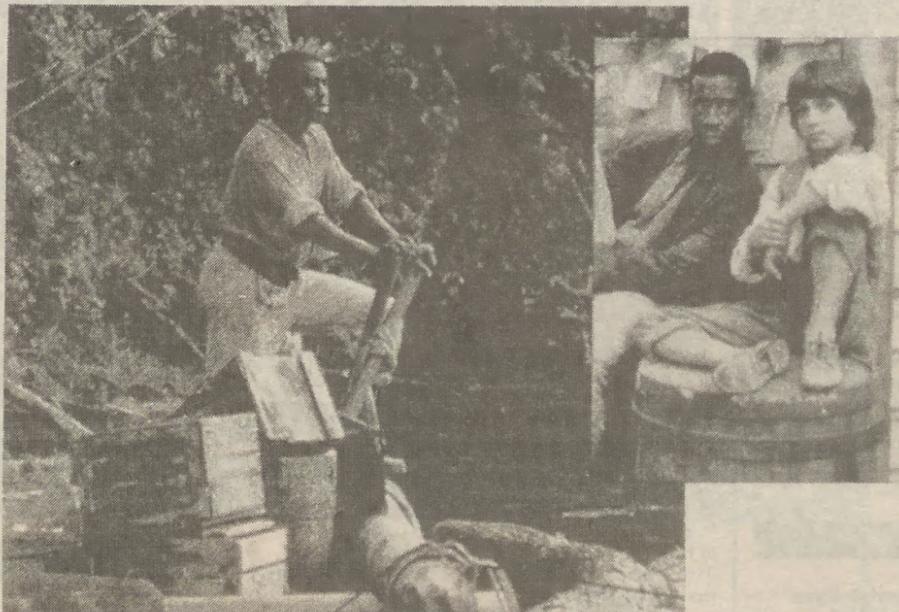
(Sexta, 23.50, TV 2)

Dando início a um ciclo dedicado ao realizador *Nelson Pereira dos Santos*, a TV2 transmite hoje *Rio, 40 Graus*, uma obra que se antecipa, anunciando-o, ao movimento do chamado «cinema novo» brasileiro, que este antigo jornalista encabeçou nos anos 60 com outros notáveis realizadores como *Ruy Guerra* ou *Glauber Rocha*. Construído em *sketches*, este filme dá-nos um retrato realista e não mitificado do Rio de Janeiro dessa época, tudo visto pelos olhos de algumas crianças da rua - um «olhar» que a câmara reproduz e reconstrói e que viria a revelar-se insuportável para a ditadura brasileira. A não perder.

As Aventuras de Huckleberry Finn

(Sábado, 17.45, TV 2)

Esta é a última adaptação cinematográfica conhecida da célebre obra de *Mark Twain* e certamente uma das mais luxuosas reconstituições de época, proporcionada pela magnificente capacidade de pro-



Os intérpretes principais de «As Aventuras de Huckleberry Finn», de Stephen Sommers



Emmanuelle Seigner e Hugh Grant, numa cena de «Lua de Mel, Lua de Fel», de Roman Polanski

dução dos Estúdios Disney. E, no entanto, todos estes meios parecem por vezes esbanjados pela pouca imaginação e versatilidade que o realizador *Stephen Sommers* imprime à sua encenação. Entretanto, com um elenco de primeira água como este (ver *Ficha Técnica*), o filme será sempre um bom entretenimento para uma *matinée* de sábado.

Lua de Mel, Lua de Fel

(Sábado, 23.55, Canal 1)

Co-produzido pela Inglaterra e pela França, este filme de *Roman Polanski* é um dos mais desequilibrados da sua carreira, sem dúvida demonstrando as qualidades do realizador em questões de pormenor e de estilo mas perdendo-se num emaranhado de diálogos e literatice, bem demasiados para a «estreiteza» da história: um escritor americano, falhado, é casado com uma francesa voluptuosa e sensual mas a sua relação actual tem contornos algo sádicos. E é então que, numa viagem de barco...

Abraço Mortal

(Sábado, 00.20, TV 2)

Um actor obcecado pela personagem de *Othello*, com o qual acaba por se identificar, suspeita da infidelidade da sua mulher, embora também esteja ligado sentimentalmente a uma empregadita que irá estrangular num acesso de demência. Mas é um jornalista que descobre a dupla personalidade do actor e assim o confronta com o crime cometido, provocando, como consequência, o suicídio daquele em pleno palco durante uma representação. Um filme em que *George Cukor* opta por uma extrema sobriedade de encenação, como forma de melhor poder transmitir ao espectador o retrato deste homem de dupla personalidade, deste actor que só é capaz de se reconhecer na sua própria verdade através da personagem lendária saída de um texto teatral.

Tarzan e a Companheira

(Domingo, 14.15, TV 2)

Leões, crocodilos, araras, símios e tudo o que os mistérios da selva reservam aos comuns mortais não são coisa que preocupe a placidez idílica que *Jane* finalmente encontrou ao lado do seu destemido e desenvolvido *Tarzan*. Até que surge, a perturbar este ambiente, um antigo associado do pai de *Jane*, à frente de uma expedição, em busca de um cemitério de elefantes. Mas após peripécias, perigos, caçadas, os «intrusos» vão-se embora e *Jane* fica com *Tarzan*. Que bom! Na sempre esperada ingenuidade da visão *kitch* de uma África de papelão e plástico, este é um dos melhores *Tarzans* da M.G.M. A não perder...

Amor Selvagem

(Segunda, 15.00, SIC)

A pedido do seu amigo *Camrose*, *Logan Stewart* acompanha a noiva daquele, *Lucy*, numa viagem que os leva de Portland a Jacksonville. Incapaz de resistir a uma súbita paixão por *Lucy*, *Logan* dissimula, entretanto, os seus sentimentos e acaba por salvar *Camrose* de um linchamento, por roubo. Mas os índios revoltam-se e, no ataque a

Jacksonville, *Camrose* é morto. E *Logan* já pode casar com *Lucy*... Como se vê, todos os ingredientes do *western* estão presentes, mas o vigor e a «diferença» do resultado final vêm da mão segura da encenação de *Jacques Tourneur*.

O Último Fôlego

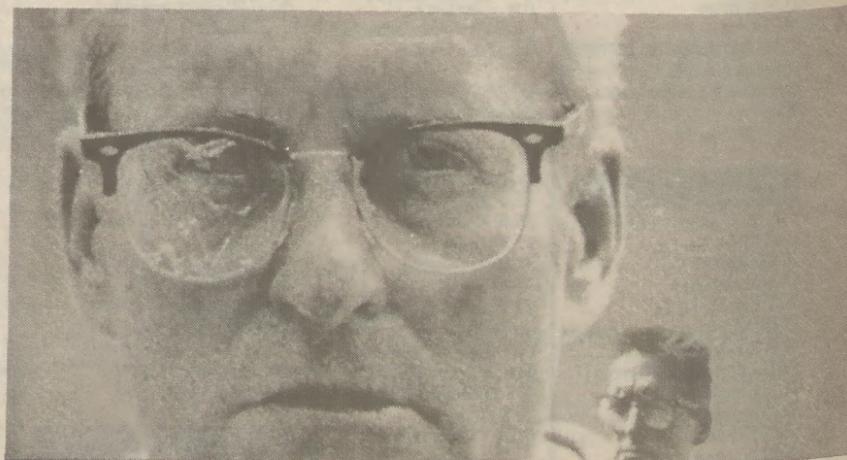
(Segunda, 21.15, Canal 1)

Inspirado num dos mais famosos clássicos da *nouvelle vague* francesa - *A Bout de Souffle*, de *Jean-Luc Godard* - este *remake* de *Jim McBride* sofre, precisamente, da comparação com aquele, acabando por ser um «exercício de estilo» em parte desinteressante por lhe faltar a espessura dramática e social do filme-matriz e a sua fortíssima e apelativa originalidade e novidade estilística. Para além de *Valérie Kaprisky* e *Richard Gere* (este, por vezes, exagerando nos seus habituais tiques de representação), a verdadeira vedeta do filme é, sem dúvida, a música de *Jerry Lee Lewis*.

Um Dia de Raiva

(Segunda, 22.50, SIC)

Este filme de *Joel Schumacher* debruça-se de forma implacável sobre a realidade americana actual ao focar o percurso de um homem



Michael Douglas, em «Um Dia de Raiva», de Joel Schumacher



Richard Gere, na personagem principal de «O Último Fôlego» (de Jim McBride), a versão americana de «A Bout de Souffle», de Jean-Luc Godard

sem nome pela grande cidade, no caso Los Angeles. Um homem que vimos a saber ter sido chefe de família e tido um bom emprego, mas que também sabemos agora ser divorciado e estar impedido de se aproximar da mulher e do filho por ordem judicial. Um vulto submergido pela grande metrópole, que vemos progressivamente tornar-se mais desesperado e solitário no seu confronto com a violência quotidiana de que é simultaneamente sujeito passivo e activo e que, de súbito, passa a ser objecto da atenção de um polícia, por coincidência no seu último dia de serviço... As interpretações principais (*Michael Douglas* e *Robert Duvall*) são de grande nível. Mas as referências apontam alguns sinais de racismo nos conflitos entre as personagens principais e secundárias e no fulcro dos confrontos e contradições que vão ocorrendo. A confirmar.

O Bom Pastor

(Quarta, 15.00, SIC)

Um jovem padre é chamado pela hierarquia a substituir o velho prior e tomar conta de uma paróquia em crise. E, através dos seus processos de cativar as pessoas - a música, o *baseball* - o jovem padre consegue ultrapassar os graves problemas sociais que afligiam a comunidade e começar a afastar os jovens dos perigos da latente delinquência. *O Bom Pastor* é uma obra cinematográfica bem conhecida, repleta de melancolia, nostalgia e sensibilidade e que, ao longo de décadas, tem provocado inúmeras lágrimas ao canto dos olhos. Um grande sucesso comercial reforçado pelo talento de *Leo McCarey* que depois se encarregaria de pôr em cena uma *sequela* não menos famosa: *Os Sinos de Santa Maria*, com *Ingrid Bergman*. E duas grandes interpretações de *Bing Crosby* e *Barry Fitzgerald*.

O vírus

■ **Correia da Fonseca**

Foi quando da passagem de Carlos Carvalhas por uma qualquer localidade no Norte do País. As reportagens haviam já falado do PSD, do PS, até do PP. Do breve relato das palavras do secretário-geral do PCP, segundo a jovem jornalista, destacou-se uma jóia informativa: «Carvalhas disse o que os trabalhadores queriam ouvir...» Assim se tentava explicar, e obviamente desvalorizar, o apoio recebido pelo dirigente comunista. Como se as outras forças partidárias andassem por aí a repetir aos eleitores o que eles não querem ouvir. Como se o que suscita o aplauso do povo não fosse o reconhecimento nas palavras ouvidas de um diagnóstico que confere com a própria experiência, com as suas injustiças e esbulhos longamente sofridos. No caso de Carvalhas e do PCP, com uma prática política rigorosamente coerente com as palavras proferidas quer em período eleitoral quer fora dele.

Não sei porque é que aquela ampolazinha de veneno incrustada na reportagem, que se esforçava, embora não muito, por parecer objectiva e neutra, me feriu especialmente a atenção. Talvez por não se tratar de uma agressividade mais directa, como tantas vezes acontece, e saber-se que estas pequeninas doses tóxicas, ministradas discretamente, são quase sempre mais eficazes que as brutalidades vocabulares do anticomunismo à maneira antiga. De qualquer modo, o certo é que desde sempre, mas com mais frequentes oportunidades nas semanas recentes, o vírus do anticomunismo militante percorreu os serviços noticiosos das TV's portuguesas, ainda que talvez mais numas estações que noutras. Tanto e de tal modo que, afinal, me subsiste uma dúvida séria: a de saber se os que o veiculam o fazem por clara convicção pessoal ou apenas porque não são capazes, não sabem, fazer de outra maneira o trabalho que lhes distribuíram.

Totalitarismo

A questão é que o quadro televisual português, não obstante a imagem de democraticidade que tanto reclama para si e que tanto enleva quando se contempla ao espelho, é, na verdade, totalitário. Não, entenda-se, de um totalitarismo partidário do velho formato do partido único, como nos bons velhos tempos, mas de um totalitarismo de duplo gume: totalmente e sem brechas em favor da sociedade de modelo capitalista, com sacralização da iniciativa privada e da suposta livre concorrência, e totalmente contra, sem desfalecimento nem distrações, todas as formas de efectivo socialismo (de onde forçosamente se auto-exclui o «socialismo» que recomenda o capitalismo como a forma pós-moderna de sociedade), com activo repúdio do marxismo e de todas as doutrinas subversivas.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, e enquanto certas vontades não mudam, vão mudando, ao menos, os métodos por elas utilizados. Dantes, os marxistas eram proibidos, presos, eventualmente assassinados, quer fossem comunistas com filiação partidária quer apenas se tornassem suspeitos de algum aparentamento, ainda que meramente de ordem prática, com os militantes do PCP. Agora, contra os marxistas, ainda que não se tenha deixado de disparar alguma das velhas calúnias, quer no primitivo quer após ligeira remodelação modernizante, acrescentou-se o diagnóstico de obsolescência, isto é, de estarem irremediavelmente ultrapassados pela moda, mesmo se não pela vida. A título de exemplo muito recente, lembremo-nos como Fernando Nogueira, do alto da compacta e coreáica ignorância que o caracteriza (tal como, acrescente-se, a muitos dos seus companheiros de partido), há dias acusava os socialistas de ainda acreditarem na luta de classes como motor da História, quando de facto o que faz mover o mundo, ou pelo menos os diversos países, é, segundo ele, a harmonização de padrões e trabalhadores no interior de cada empresa. O desgraçado parece nem saber que era isto mesmo que Salazar dizia e mandava repetir.

Ignorâncias à parte, porém, o facto é que toda a gente «sabe», porque toda a gente já o ouviu milhentas vezes, que o socialismo morreu quando lhe caiu um muro em cima, como quase por estas mesmas palavras Nogueira sustentou no decurso de um dos seus duetos com Guterres. Sob fórmulas menos toscas, todos os dias se assegura que os comunistas são sobreviventes do período jurássico e teima característica dos maiores de 70 anos. Os jovens ouvem isto, e, como é natural, muitos deles acreditam. Ouvem isto designadamente na Televisão, onde é rigorosamente impossível que encontrem quem lhes explique que o futuro passa pelo socialismo ou, muito simplesmente, não passa; por que a gestão capitalista do mundo está a levá-lo directamente para o colapso pela sempre esponencial dissipação dos recursos naturais, pelo agravamento das condições de mera sobrevivência global, pelo recurso a «soluções» episódicas que implicam extermínios locais (Médio Oriente, Bósnias, Africa). Não encontram quem lhes diga que, no que se refere à vida política portuguesa, se é verdade que o Partido Comunista precisa dos jovens, não é menos verdade que os jovens precisam do Partido Comunista porque, sem ele, estão condenados a uma sobrevivência difícil e precária que sempre oscilará entre o desemprego a curto ou médio prazo e a escravização como trabalhadores sem direitos, sem futuro profissional, sem segurança mínima, na máquina tituradora de um regime capitalista «puro e duro».

Os vigilantes mandarins

Neste quadro, é natural, se não inevitável, que jovens profissionais da Informação, cuja formação humana e académica decorreu já sob a ininterruptura chuva de falsificações e calúnias anticomunistas que, após uma brevíssima estiagem depois de Abril, retomou infames tradições que vinham do fascismo, se mostrem condicionados pela (de) formação política que receberam sem que sequer se tenham dado conta da viciação que iam sofrendo. Ao longo dos anos, tudo à volta, sob a cobertura de uma certa diversidade no acessório, apontava para o objectivo prioritário: desacreditar os comunistas. E não eram apenas as fórmulas mais grosseiras, repescadas do tempo das brutezas sumárias, ainda hoje em utilização no discurso de sujeitos de um primarismo à imagem e semelhança de um Alberto João Jardim: eram as mistificações avalizadas pelo prestígio de «opinion makers» que venceram na vida pelo preço fácil da profissionalização como anticomunistas; era a História reescrita na documentação abundantemente produzida aquém e além-fronteiras; era o consenso na mentira que se eleva como um vapor inebriante do próprio chão que sempre pisaram. E é também, sem dúvida, a certeza de que veleidades de resistência a essas pressões múltiplas não conduzem a nada de bom em termos de carreira: os mandarins são cúmplices para com todas as rebeldias, para com heterodoxias e originalidade, mas não relativamente à suspeita de que jovens jornalistas, tão talentosos e também tão necessitados, possam sentir-se tentados a examinar honestamente o que há de válido e de eticamente imperativo no projecto comunista para a vida.

Com tudo isto, o que espanta é que a lucidez e o correcto sentido do profissionalismo consigam passar através de filtragens e barreiras, da poluição de atmosferas e de pressões frontais, de tal modo que ainda são muitos os jornalistas jovens, e também os menos jovens, que conseguem manter uma visão descontaminada e não ostentam sinais exteriores de intoxicação. Ainda assim, porém, cabe ao cidadão destinatário de uma Comunicação Social quase sempre entregue a mãos condicionadas, ao telespectador cujos olhos e ouvidos são constantes alvos de disparos muitas vezes sabiamente preparados, lembrar-se do concreto mundo em que está. E defender-se.



ABERTURA
2 PARA DAR A VOLTA A ISTO
UMA GRANDE VOTAÇÃO CDU

ENTREVISTA
4 DERROTAR A DIREITA
E IMPEDIR O SEU REGRESSO

ASSEMBLEIA
8 OS MALEFÍCIOS DA DÉCADA

INFORMAÇÃO
10 IMPRENSA «INDEPENDENTE»

CADERNO ELEIÇÕES
12 CDU - O VOTO ÚTIL
14 SUGESTÕES
PARA O TRABALHO ELEITORAL

ORGANIZAÇÃO
17 A LIGAÇÃO ÀS MASSAS
É UMA QUESTÃO FUNDAMENTAL
20 VIDA E LUTA
DOS TRABALHADORES DA
ESTACO
22 CENTRO HOSPITALAR
DE COIMBRA
24 UMA CÉLULA NOS HUC

LUTAS
26 A LUTA
PELA SEMANA DE 40 HORAS
ECONOMIA
33 A REPARTIÇÃO
DO RENDIMENTO NACIONAL

SOCIAL
38 SOBRE A ESTATÍSTICA
DO DESEMPREGO

HISTÓRIA
42 HÁ 50 ANOS, O MUD

INTERNACIONAL
49 A UCRÂNIA PERANTE
A RESTAURAÇÃO CAPITALISTA

NOTAS E COMENTÁRIOS

- 52 Não há vergonha...
- 53 Candidato a estadista
- 53 Em causa própria
- 54 Engenharias
- 54 Os campeões
- 54 Propaganda de pernas para o ar

de FOICE

Videirinhos

O escândalo foi tão óbvio, que não houve órgão de Comunicação Social que se atrevesse a ignorá-lo: no mesmo dia que, a coberto das suas funções oficiais, fazia propaganda eleitoral nas escolas lado a lado com o próprio Cavaco Silva, a ministra da Educação, Manuela Ferreira Leite, proibiu por fax que o Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, se avistasse com o Conselho Directivo da Escola Secundária Jaime Cortesão, em Coimbra, reeditando o que já fizera em relação a António Guterres, Secretário-Geral do PS, quando este quis visitar a escola de Casal de Cambra, em Sintra.

Explicava a senhora, em mero ofício de gabinete: «A serenidade que deve estar presente na abertura do ano lectivo é incompatível com a sua utilização durante a campanha eleitoral.»

O facto de a governanta ser, ela mesma, candidata em plena campanha eleitoral, não abriu qualquer incompatibilidade nem na abertura das escolas nem no fecho da sua cabecinha.

Convém, todavia, não gastar cera com tão pouco defunto. Quem é, afinal, Manuela Ferreira Leite? Uma ambiçãozinha obscura, a que o acaso deu oportunidade de exercitar, do alto de um ministério, a visão jesuítica do Ensino e da vida.

O pior é que não estamos perante um episódio isolado ou um arrivismo especularmente no feminino. Onde quer que o PSD estrebuche, eleitoralmente, pela sobrevivência de longos anos de poder absoluto, os casos crescem e multiplicam-se como em cabeça de Medusa.

Na Madeira e nos últimos dias, Alberto João Jardim desatou a subsidiar, com centenas de milhares de contos do erário público, jornais e rádios seus protegidos, clubes de futebol e associações desportivas e, até, campos de golfe onde avizinham proprietários que são figuras gradas na hierarquia do poder regional laranja.

Dir-se-á que João Jardim é quase um bobo da República, como ele próprio o afirma e disso se serve, com astúcia, na mira de usufruir uma espécie de habeas corpus institucionalizado para os dislates que regularmente diz e pratica.

Só que o esbanjamento de centenas de milhares de contos do Estado em favores eleitorais, não pode branquear-se à conta. Ao usar o poder que detém e os dinheiros públicos que tutela em benefício da campanha eleitoral do seu partido, João Jardim não é mais nem menos que Cavaco Silva ou o ministro Ferreira do Amaral a inaugurarem auto-estradas à pressa, sem reboço face ao perigo potencial de tais inaugurações para a segurança dos cidadãos, nem pudor por utilizarem empreendimentos e realizações do tamanho do Estado e cujos créditos vão, inteiros, para o País que os pagou e construiu.

Todos estes e outros semelhantes procedimentos não são aflorações desgarradas num quadro de obsessão eleitoral.

Configuram, na sua grosseira deslealdade, uma filosofia e um modo de estar na vida, onde imperam o autoritarismo, a arrogância e a voracidade - os adjectivos mais marcantes do chamado «cavaquismo». Foi assim que nasceu e cresceu a «máquina laranja» - empanturrada por uma legião de videirinhos.

Ora, nada mais indigesto para um País que uma dieta de 10 anos, com videirinhos a todas as refeições.

■ HC

Todos ao Campo Pequeno

Muito empenho e entusiasmo estão a marcar a preparação, pelas organizações do Partido de Lisboa e Setúbal, do grande comício que no próximo sábado encherá - é essa a convicção generalizada - o Campo Pequeno. Previstas estão já dezenas de excursões, um comboio especial CDU de Sintra/Amadora e muitas caravanas que provenientes dos vários concelhos e freguesias limítrofes rumarão em direcção ao Campo Pequeno.

Marcados estão já também vários locais de concentração para os activistas e simpatizantes da CDU, que desfilarão depois em direcção à Praça do Campo Pequeno, onde está prevista a sua chegada a partir das

15.30 horas. Os pontos de concentração são os seguintes:

- Amadora/Sintra - junto ao Terminal da CP da Av. 5 de Outubro;

- Vila Franca de Xira - junto à estação da CP de Entrecampos;

- Setúbal - no parque de estacionamento nas traseiras da Feira Popular;

- Loures, concelhos do Norte e Oeste - em Entrecampos, junto à Feira Popular na entrada pela Av. da República;

- Cidade de Lisboa, Sector Sindical e Sector da Saúde - no Saldanha, do lado direito de quem desce a Av. da República;

- Sector Intelectual - junto ao Palácio das Galveias;

COMÍCIO FESTA
23 SETEMBRO (SÁBADO) - 16 HORAS



- Juventude - junto à Feira Popular (Av. da República).

A partir das 15 horas, momento em que serão abertas as portas, haverá animação com ranchos, grupos corais, cavali-nho e banda, após o que, pelas

16.30 horas, será a vez de subir ao palco o Grupo "Os Navegantes".

O comício - o grande momento da tarde - terá como oradores Carlos Carvalhas, Álvaro Cunhal, Octávio Teixeira, Heloísa Apolónia, Corregedor da Fonseca e Bernardino Soares.



Greve de 24 horas na refinaria do porto da Petrogal

Os trabalhadores da Petrogal da refinaria do Porto vão cumprir 24 horas de greve no dia 29 de Setembro, se o Conselho de Administração não se disponibilizar a abrir um processo negociado para o processo negociado a obter de uma solução negociada sobre categorias, enquadramentos, carreiras profissionais e salários que envolva todos os trabalhadores e vise eliminar as injustiças existentes.

Desde 1989, altura em que o AE da Petrogal foi substituído pelo Acordo de Adesão ao ACT das Petrolíferas Privadas e o

Conselho de Administração começou a implementar por acto de gestão, sem negociações com os Sindicatos, um sistema de remunerações interno altamente discriminatório e selectivo, que as injustiças e o descontentamento dos trabalhadores não tem parado de acentuar-se na empresa.

A implementação recente, pelo Conselho de Administração, mais uma vez sem a participação dos Sindicatos, de um processo de promoções e progressões salariais atribuídas apenas a uma pequena parte dos

trabalhadores e sob critérios altamente subjectivos e discriminatórios, foi a gota de água que fez transbordar o extenso mar de descontentamento que percorre toda a Petrogal.

Para se ter uma ideia das profundas injustiças existentes na Petrogal basta referir que um trabalhador, com a mesma cate-

goria e funções de outro camarada do mesmo posto de trabalho, pode auferir menos de metade do salário dele, e que um Especialista Qualificado pode auferir um salário inferior a um Semiespecialista, situações que a jurisprudência há muito vem considerando ilegais.



A CDU propõe reforçar verbas para a Educação, democratizar o acesso ao ensino, defender a gestão democrática das escolas

Compromisso educativo

Na passada segunda-feira, os candidatos da CDU para a área educativa apresentaram, no Porto, um compromisso sobre a política educacional, agindo «em coerência com os objectivos das lutas travadas nos últimos anos como activistas sindicais ou associativos, como autarcas e como deputados».

O programa da CDU propõe o reforço da dotação orçamental, a democratização do acesso à educação e ao ensino, um sistema educativo não governamentalizado e despartidarizado, o alargamento e reforço da rede pública de edu-

cação pré-escolar, bem como uma gestão democrática das escolas, com mais autonomia e participação.

E porque «na educação nada é possível contra os professores, mas tudo é possível com eles», a CDU compromete-se a rever e a reelaborar o estatuto da carreira docente, a abolir qualquer estrangulamento na progressão na carreira, a desenvolver um diálogo permanente com todos os professores no processo da reforma educativa e a concretizar estímulos à fixação dos docentes em zonas periféricas ou desfavorecidas.

25.º Aniversário da CGTP-IN

A CGTP-IN assinala a passagem do seu 25.º aniversário com uma sessão solene que decorrerá amanhã, dia 22, na Universidade de Évora.

Promovida pelo Conselho Distrital da União dos Sindicatos de Évora, com o patrocínio da Universidade daquela cidade, esta iniciativa contará com presença, entre outros, do presidente da edilidade local, Dr. Abílio Fernandes, do reitor da Universidade, Prof. Dr. Jorge Araújo, e do Coordenador da CGTP-IN, Manuel Carvalho da Silva.

DUPON & DUPONG

VOU PROSSEGUIR COM DETERMINAÇÃO AS PRIVATIZAÇÕES

DIREI MESMO MAIS: VOU PROSSEGUIR AS PRIVATIZAÇÕES COM DETERMINAÇÃO

